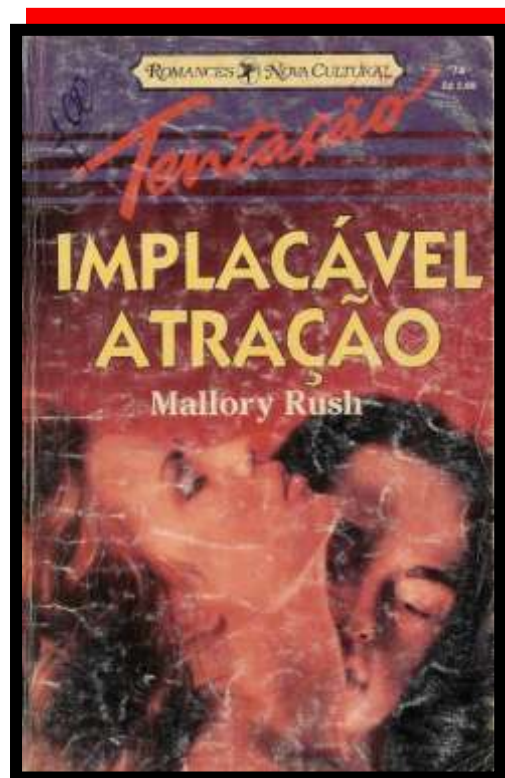


Implacável Atração

(Kiss of the Beast)

Mallory Rush



A cientista Eva Campbell tem. Bonita, brilhante, porém infeliz no amor, ela anseia por um homem perfeito — um homem programado para realizar todos os seus desejos, seus sonhos mais atrevidos. E Urich é muito mais do que Eva já ousou imaginar: sexy, enigmático, fascinante! Desde o primeiro beijo, desde a primeira carícia, Eva não consegue viver sem ele.

Mestre na arte da sedução, Urich deseja conquistar Eva para executar seu misterioso plano... E aquela que parecia uma simples fantasia torna-se a mais intrigante realidade!



Disponibilização: *Priscila RBD*

Digitalização: *Ana Cris*

Revisão: *Simone Ribeiro*



Querida leitora,

Quem de nós não tem uma fantasia guardada bem no fundo da mente e do coração? Isto não significa que seja algo escabroso ou proibido, mas apenas que estamos vivendo plena e naturalmente nossa condição de seres humanos normais, com sonhos e desejos que, na maioria das vezes, não passam disso... Por isso, você vai se empolgar com Implacável Atração, a história de Eva Campbell, uma cientista séria e brilhante que, como todos nós, tinha uma fantasia secreta. Tudo começou quando essa fantasia foi tomando corpo, transformando-se em uma fantástica realidade!

Um excelente entretenimento para você.

Roberto Pellegrino Editor

Copyright © 1995 by Olivia Rupprecht

Publicado originalmente em 1995 pela

Harlequin Books, Toronto, Canadá.

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução total ou parcial, sob qualquer forma.

Esta edição é publicada por acordo com a Harlequin Enterprises B.V.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: KISS OF THE BEAST

Tradução: Cláudia Falcão Riccetto

EDITORIA NOVA CULTURAL

Uma divisão do Círculo do Livro Ltda.

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 346 - 2º andar

CEP 01410-901 - São Paulo - Brasil

Copyright para a língua portuguesa: 1996

CÍRCULO DO LIVRO LTDA.

Fotocomposição: Círculo do Livro

Impressão e acabamento: Gráfica Círculo.

CAPÍTULO UM

— Ela é perfeita para os nossos propósitos, Urich.

— Não tenho dúvidas a esse respeito, Raven — comentou Urich em inglês fluente, com leve sotaque de seu idioma de origem. — Não demorará para que nossa nação seja poderosa outra vez.

Estavam em uma sala repleta de sofisticados equipamentos, que fariam inveja a James Bond. Urich pensou em todo o esforço que fizera para aprender inglês com perfeição a fim de melhorar seu disfarce. Concentrou-se na mulher que espionavam. Observou-a correr em direção ao seguro prédio de concreto e soube que precisaria de todas as suas habilidades para conquistar o objetivo.

Eva Campbell era o alvo. Ela usava os cabelos presos em um coque. O vento forte fez com que deixasse cair uma pasta. Eva abaixou-se para apanhá-la, expondo parte das pernas esguias. Urich sentiu uma estranha vibração e aproximou-se da tela para vê-la melhor.

— Você está atraído — comentou Raven, o companheiro de espionagem.

— Claro — admitiu Urich, de imediato. — E você também está.

Urich sabia que Raven não poderia negar a verdade. A certeza advinha da capacidade que possuía de ler as mentes. Algumas pessoas chamavam de telepatia.

Para ele era um presente amaldiçoado. Uma habilidade que abominava e reverenciava ao mesmo tempo, como acontecia aos outros "talentos" que o tornavam perfeito para aquela missão, que era, de longe, a mais ambiciosa e importante que já recebera. O futuro de sua nação estava em jogo, bem como sua reputação.

Percebendo que seu superior estava apreensivo com a possibilidade de aquela atração interferir em sua capacidade de julgamento, Urich comentou:

— Nunca duvide de minha devoção. Não esqueça quem é o meu pai.

— Não esqueci disso. — Raven suspirou, aliviado. — Mas já deveria estar partindo. Terá acesso à sala de pesquisas da moça. Uma vez lá, dependerá de você

fazê-la acreditar que é o que ela acredita que seja. Pode haver suspeitas...

— Seria muito inoportuno. Não se preocupe. Eu vou convencê-la.

— Ótimo. Será melhor para nós e para a dra. Campbell se ela vier pacificamente, ao invés de termos que persuadi-la.

Urich concordou e preparou-se para assumir seu papel. Não pretendia falhar. Suas habilidades o ajudariam muito, entretanto, o profundo conhecimento que possuía daquela mulher é que seria essencial.

Eva Campbell era uma cientista visionária, uma mulher notável, que enxergava o que os outros não viam. Eles tinham muito em comum. Sobreviventes de mundos diferentes, eram prisioneiros de seus objetivos, exilados por aquilo que os guiava.

Urich pretendia conquistar-lhe a confiança e convencê-la a cooperar, utilizando-se, para isso, dos poderes que possuía. Ansioso pelo desafio e pelo gosto da vitória que já sentia, preparou-se para entrar na vida dela, como se fosse o homem de seus sonhos, os quais conhecia bem.

— Eva, a sala está pronta. E nós, também, há mais de uma hora. Vamos?

— Deixe-me verificar o computador principal e o banco de hologramas mais uma vez — respondeu, ansiosa. — Enquanto faço isso, verifique novamente se a câmera está funcionando.

— Está funcionando — afirmou Ethan, suspirando, exasperado.

Ele notou o olhar mordaz de Eva, lembrando-lhe quem era o chefe. Ethan era de fato muito inteligente, porém, aos vinte e quatro anos, uma década mais jovem que ela, ainda tinha muito a aprender. Todavia, não amadureceria passando todo o tempo trabalhando ao lado de Eva.

Após cinco anos, ela ainda pensava em Ethan como o garoto que usava o avental do laboratório. Possuía um cérebro brilhante e rosto de criança. Preferia passar as noites e os finais de semana com Eva, ao invés de sair com alguma garota da Califórnia. De fato, o corte de cabelo, as roupas e o aparelho nos dentes não o tornavam um tipo

popular.

— Sim? — indagou Eva quando Ethan tocou seu ombro.

— Venha, já basta.

— Será suficiente quando eu disser.

— Tenha calma.

— Estou nervosa, e nossos patrocinadores também. Eles querem alguns resultados, e se este programa falhar... — Eva estremeceu. Anos de pesquisas e experiências estavam em jogo. Todo o seu trabalho ameaçado, pois quem incentivara outrora, neste momento, pretendia reconsiderar.

— Relaxe — insistiu Ethan, observando-a testar os comandos de iluminação que transformariam sua visão em realidade. — O governo é tão ambicioso quanto às empresas particulares. Depois que começarmos, haverá milhares de pessoas querendo colocar as mãos no que temos. Conseguiremos outros patrocinadores. Não fique tão tensa.

— Você sabe que não quero dinheiro do nosso governo. — Eva estava com os nervos à flor da pele. — Nem dele, nem de nenhum dos outros que nos contatou. Poderiam abusar de nossa descoberta, Ethan. Uma vez que a realidade virtual se torne realidade de fato, isto será como doce para a mente, e quem ficar viciado poderá facilmente ser controlado por aqueles que fornecerem esse doce.

— Cuidado. Você está falando como os nossos opositores.

Muitas pessoas eram contrárias ao projeto, e Eva sabia que alguns de seus temores tinham fundamento. Fugir à realidade não era algo novo, como ficar entretido com a televisão, ou se distrair com um livro, ou videogame, entretanto, estas eram experiências inofensivas. Contudo, havia situações que representavam perigo. Ficar preso na fantasia. Esquecer o trabalho, a família. Ir aonde nenhum outro homem havia ido.

— Eles têm preocupações justificáveis. E por isso é que devemos nos certificar de que uma contribuição positiva para a humanidade não se tornará um

brinquedo terrível.

— Já lhe ocorreu que nós podemos estar correndo perigo? — sussurrou Ethan.

— Especialmente você, que é a pioneira.

— Vou me arriscar. Além disso, não servirei a ninguém se, digamos, "sofrer algum acidente". Não se preocupe. Eu não tenho medo.

Eva estava um pouco preocupada. Tivera a estranha sensação de estar sendo observada. Devia ser sua imaginação, pensou. Parte da fantasia que construía em seu trabalho para compensar a falta da vida pessoal. Pretendia usar suas experiências para proporcionar consolo a quem tivesse perdido alguém amado, ou que precisasse de uma companhia imaginária por não ter ninguém. Quem se interessava por dias e noites solitárias?

Eva jogou um beijo para o programa, desejando-lhe sorte. Sua fantasia de um homem perfeito estava lá dentro, e ele fora definido para responder-lhe de modo bem másculo.

Deus, como precisava daquilo. Pedira um homem alto, moreno e bonito, com um lindo sorriso. Não poderia tocá-lo sem destruir a ilusão, mas ao menos ele não a decepcionaria ou trairia, como fizera seu ex-marido, John.

Satisfeita por ter verificado todos os equipamentos, Eva respirou fundo.

— Estou pronta. Cruze os dedos, Ethan.

— Mantereí tudo cruzado, menos minhas pernas. — Ele riu da expressão séria de Eva. — Desculpe, estava tentando descontraí-la. Sei que já tivemos muitos problemas, mas lembre-se que se este teste falhar, mais cedo ou mais tarde, tudo funcionará.

Ele tocou o ombro de Eva à entrada da sala de experiências, e ela logo ficou tensa.

Digitou uma sequência de números no painel ao lado da porta, e esta se abriu. Entrou, e ali, no ambiente que criara, estava separada de todos e de tudo no mundo real. A única evidência da realidade era uma pequena janela de observação e uma

câmera escondida.

Eva tocou a imagem de um elefante. Sua mão atravessou o animal, como aconteceria com qualquer coisa que tocasse dentro da sala de experiência. Ilusão de ótica, apenas. Até que dominasse a conversão da matéria, as imagens holográficas e personagens seriam nada mais que fumaça e espelhos comandados pela magia computadorizada. De fato, Eva sentia-se uma ilusionista, fazendo truques em terceira dimensão.

Eva sentiu a suave brisa que vinha do ar-condicionado. Ouvia-se o som dos pássaros e a água escorrendo em uma cascata. Desejou esquecer que era uma experiência, e acreditar que de fato ouvia os sons de uma floresta. Estava sobre uma camada de grama aveludada, cercada por flores exóticas e folhas verdes.

Seus olhos afirmavam-lhe que o que via era realidade, e deixou-se levar pelo sonho. Num súbito impulso, retirou os sapatos e as meias. Ficou surpresa com o seu comportamento travesso, que também fazia parte de suas fantasias. Mesmo sendo um truque de iluminação, a experiência estava alcançando seus propósitos. Afastando-se da realidade, Eva poderia conseguir o estágio mental necessário para concretizar sua fantasia sobre o homem perfeito. Se ele aparecesse.

"Oh, por favor, não me decepcione desta vez. Ficarei feliz com uma palavra e um aceno. Não me importo se apenas eu puder vê-lo. Apenas apareça!", pensou Eva. Com o coração acelerado, ordenou:

— Companhia!

Uma eternidade se passou, e ela afirmou a si mesma que falara com muita suavidade. Talvez o banco de hologramas não tivesse compreendido a ordem. Ou a distância da projeção fosse mais limitada do que calculara. Ou não tivesse funcionado.

Eva abaixou-se sob uma árvore, observando as folhas orvalhadas. Pretendia repetir o comando, quando sentiu a presença de alguém próximo a ela. Ficou arrepiada. Era impossível. Não havia ninguém naquela sala, apenas ela e sua imaginação.

Fechou os olhos e respirou fundo, inalando o perfume imaginário, porém

delicioso, com sua essência máscula.

— Eva.

Ela abriu os olhos e ficou paralisada diante daquele homem. Alto, moreno e muito bonito. O computador fez um ótimo trabalho.

— Oi — conseguiu dizer. Lembrou-se que ele era apenas uma ilusão em terceira dimensão, e ela é que controlava a situação. Ao menos, deveria ser assim.

Estranho, mas tinha a sensação de que sua mente abandonava o estado de consciência e tornava-se um tanto vaga. Era esquisito e desorientador.

De súbito, perdeu o equilíbrio, e, no instante seguinte, estava de pé. Não havia nenhuma mão a tocá-la, no entanto experimentava a sensação de ser segurada. Era estranho e maravilhoso.

— Oi — repetiu, sentindo-se tola.

Com os lábios carnudos e sensuais, o homem formou um ligeiro sorriso.

— Olá, Eva. Você tem algum desejo? Essa é a razão pela qual estou aqui.

Aquela voz... Ela nunca ouvira nada semelhante. Um tom rouco e macio.

— Desculpe se pareço um pouco atordoada, mas... bem, você não é exatamente o que eu esperava — confessou, com a voz trêmula, atraída por ele.

Os olhos eram amendoados e brilhavam como esmeraldas. Os cabelos negros e lisos estavam penteados para trás, acentuando os contornos exóticos do rosto. Todos os ângulos e sombras irradiavam o mistério do oriente, segredos antigos do Egito, a selvageria de uma fera.

Quanto às roupas... Ela deveria tê-las escolhido. Vestia-se todo de preto, e a cor caía-lhe indecentemente bem. A camiseta agarrada ao peito musculoso e o jeans justo que tornavam a imaginação desnecessária.

Ele ficou parado, enquanto Eva o analisava. Também a olhou da cabeça aos pés, contudo, com a rapidez de um computador, e não com o prazer de um ser humano.

— Você aprova? — ele indagou. Então sorriu, revelando os dentes perfeitos e a certeza da resposta que ela daria.

— Você é... ótimo. — Eva ficou desapontada com a atitude presunçosa dele. Precisava de compreensão, e não de exibicionismo. O que ela queria era um elogio, mas o orgulho a impedia de solicitá-lo. Ainda assim, não pôde evitar a pergunta: — E eu? O que achou?

— Você é linda.

Programara-o para pensar isso. Agora esse fato a aborrecia. Ele diria o que ela precisava ouvir. Um pequeno elogio, se sincero, significava mais que muitos depoimentos falsos. Todavia, não era culpa dele. A culpa era dela mesma.

— Qual o nome pelo qual gostaria de ser chamado? — perguntou, suspirando.

— Pode me chamar de... Urich.

— Urich. Gostei. E apreciei o que disse — mentiu. — Você é muito generoso. Obrigada, Urich.

— Por que me agradece? Você não acredita em mim.

Eva arregalou os olhos, surpresa. Ele compreendera seus sentimentos. Computadores costumavam ser literais.

— Como sabe disso?

— Pelo tom desanimado de suas palavras. E sua expressão demonstrava desapontamento. Um pouco de tristeza.

Seria possível, indagou-se Eva, que ele pudesse interagir com ela em um nível quase humano? Se ele pudesse interpretar as emoções através da linguagem do corpo, então talvez pudessem conseguir alguma coisa.

— Você está esperançosa agora. Vejo em seus olhos. Olhe para mim e note que falo a verdade.

Os olhos dele, aqueles prismas verdes, prenderam o olhar de Eva. Eram tão intensos que ela tentou se desviar, mas não pôde. Então, Eva já não tinha força ou desejo. Ele de fato a achava bonita, com uma convicção tão grande que ela quase acreditou.

— Acreditar, Eva, é a chave de tudo — murmurou Urich. A voz dele penetrou-

lhe os sentidos, criando um tipo de hipnose. — Diga-me que é bonita e acredite nisso.

— Eu... sim. Sim, eu sou bonita.

Teria mesmo dito isso? O pensamento fugiu, e ela só sabia que se sentia bonita. Ele concordava, satisfeito, e Eva percebeu vagamente que concordava com Urich.

Balançou a cabeça tentando livrar-se daquele encanto. Sua mente clareou um pouco, mas ainda não recuperou o controle.

Talvez se passasse a mão através dele recuperasse a noção de realidade, pois essa experiência estava mexendo com sua cabeça e confundindo seus sentidos. Parecia-lhe que ele tinha um perfume irresistível, Estendeu a mão para tocá-lo, mas parou, de súbito. Mesmo atordoada, não queria acabar com a ilusão da existência de Urich. Como ele parecia real! Tão real quanto ela mesma.

— O que você é? — Eva ouviu-se perguntar.

— Sou uma extensão de seus desejos e sonhos subconscientes.

O olhar de Urich era como um contato físico, uma sensação eletrizante que a fazia estremecer.

— Fale comigo, Eva. Conte-me os seus desejos.

—Eu... eu quero me sentir como antes da minha vida se desestruturar... E mais. Quero muito mais.

— Sei tudo o que quer.

— Sim... sim.

— Você compreende suas necessidades, entretanto não pode supri-las sozinha. Precisa da minha ajuda e confiará em mim para fazer isso.

— Eu preciso e confio em você.

Eva sentia-se flutuando. Havia algo errado. Então, por que estava tão bem? Experimentava a sensação de paz absoluta.

— Você não terá medo de mim, nem de você mesma — comandou ele.

— Não tenho medo — ela murmurou.

A resposta de Eva garantiu a Urich que ele chegara ao subconsciente dela com facilidade. Entretanto, o que o deixou mais surpreso foi a súbita hesitação de usar seus poderes com ela.

Não esperava que Eva fosse tão desprevenida, sua mente se abrindo como pétalas sob o sol. Também não estava preparado para encontrar o que encontrou em seu subconsciente: vulnerabilidade, insegurança e medo; uma profunda complexidade de emoções; doçura e a pureza do coração. Com certeza Urich não estava preparado para o efeito de tudo aquilo.

Nesse instante, ele conhecia Eva melhor do que ela mesma. Sabia que cometera um engano ao pensar que um estudo minucioso dos hábitos, ambições e até dos desejos dela o prepararia para as descobertas que fazia na essência de Eva Campbell. Era seu dever e fora sua intenção usar seu conhecimento contra ela.

Ainda assim, não conseguia fazer isso. O motivo era um mistério perturbador para ele. De todas as mentes que já investigara, como se fossem a sua própria, Urich nunca desejara investigar mais nada após conseguir o que precisava. Contudo, ali estava ele, intrigado e encantado com sua avidez por aquela mulher.

— Solte os cabelos — pediu Urich, levado por um impulso. — Deixe todas as suas defesas caírem junto com os grampos que os prendem.

Ele a observou retirá-los e balançar a cabeça de um lado para o outro. Enquanto isso, Urich mantinha os olhos fixos nela. Sentia-se também hipnotizado, Eva possuía olhos verdes muito expressivos. E os cabelos... ele estava tentado a tocá-los. Lutando contra o desejo, murmurou:

— Fica tão bonito assim. Por que você prende o que deveria ficar livre?

— Eu... eu preciso controlar tudo o que puder. Até mesmo meus cabelos.

— Diga-me o porquê.

— Porque... no íntimo, tenho medo de que, se deixar de controlar, algo ruim acontecerá.

Urich ficou contente por Eva não apresentar defesas, e confessar-lhe coisas

que jamais diria a ninguém.

— Você está se libertando, Eva. Deixe acontecer... A liberdade é maravilhosa. É disso que você precisa. — Urich sentiu um enorme prazer em ajudá-la. Poderia aproveitar-se dela nesse momento; entretanto, o suspiro aliviado de Eva o tocou, e sentiu um instinto de proteção, ao invés da vontade de manipulá-la.

— Isso é uma boa coisa. Liberte-se. — Urich estava sendo sincero. — Nada de mau acontecerá.

— Uma coisa boa. Nada de mau acontecerá.

— Isso mesmo. — Urich sorriu, benevolente. — E é tão bom que precisará sentir o que sente agora com mais freqüência. Eu sou a pessoa que pode suprir suas necessidades. — Ele se afastou, silencioso, e Eva acompanhou seus movimentos.

"Você precisa de mim. Diga que me chamará outra vez", ordenou Urich, mentalmente.

— Vou chamá-lo outra vez — obedeceu Eva.

— Logo, Eva. Logo... logo...

— Sim, logo — repetiu.

— Onde está você, Eva? — o chamado de Ethan coincidiu com um brilho de luz seguido pela escuridão total.

Ela balançou a cabeça várias vezes, enquanto Ethan continuava a chamá-la. O que aconteceu? Ela estava com Urich, e eles conversaram... e... e então...

— Oh, não. Oh, não — murmurou Eva, consciente de que a força fora desligada, apagando Urich.

Incapaz de aceitar a terrível perda, agarrou-se à idéia de um conforto imaginário.

Era tudo imaginação, entretanto, seus sentidos afirmavam que ele era real.

CAPÍTULO DOIS

— O que você quer dizer com "nada aconteceu"? Que droga, Eva, parece que seus cabelos passaram por um vendaval, e eu ouvi você falando sozinha, lá dentro. Deixei você por algumas horas, como queria, mas agora preciso de respostas. Algo aconteceu, e, como o segundo no comando deste projeto, mereço saber o que houve.

Eva tomou um gole de café forte em sua sala. Hesitou em comentar com Ethan sobre o episódio que ainda não compreendia. Uma experiência perturbadora. Sentia-se aturdida.

Mesmo após lavar o rosto para recobrar os sentidos, estava um tanto aérea. A experiência parecia ter afetado seu o discernimento. Olhou-se no espelho, incapaz de acreditar em seu reflexo. Seu rosto não mudara, porém, havia um brilho que a tornava... bonita.

Nunca se achara bela, mas agora, de fato, acreditava. Foi então que se lembrou de Urich dizendo-lhe que a chave era acreditar. Tinha a sensação de que algo profundo acontecera, uma grande afinidade entre Urich e ela. Como cientista, Eva deveria investigar as hipóteses e repetir a experiência, a fim de obter respostas conclusivas. Todavia, como mulher, apenas queria vê-lo outra vez. Pesquisa não tinha nada a ver com aquilo.

Sim, Eva o veria novamente... dentro de pouco tempo.

E em segredo. Contudo, primeiro precisava apaziguar Ethan.

— Está bem, algo aconteceu. Eu me envolvi com o sonho e perdi a noção da realidade. Estava consciente do que acontecia ao redor, porém meu cérebro estava livre.

— Sonhando acordada?

— Exato. A realidade virtual pode desorientar, mas estou acostumada a isso. Dessa vez foi diferente de tudo o que já experimentei.

— Interessante. Tem idéia de como aconteceu?

Eva sabia que Urich fizera parte do processo, entretanto, pretendia pensar melhor no assunto.

— Infelizmente, não. Precisamos investigar, pois poderia haver repercussões psicológicas no uso dos hologramas.

— Não é problema nosso, Eva.

— Claro que é! Essa invenção poderia...

— Alterar a realidade que a humanidade conhece. Deus, você é muito sentimental. Quando vai entender que não somos psicólogos, sociólogos ou instrutores de ética, e sim físicos e especialistas em computadores, cientistas cuja única responsabilidade é a descoberta, e não policiar o bom ou mau uso que fazem disso?

"Aqui vamos nós outra vez", pensou Eva, deprimida. Os dois sempre divergiam nesse ponto. Ele pedira ajuda ao governo, apenas preocupado em angariar fundos para concluir as experiências. Apesar de trabalharem juntos, Eva mantinha algumas informações para si mesma, entre elas, agora, Urich.

— Recuso-me a continuar esta conversa. — Ela olhou para o relógio. — Está ficando tarde e, quanto antes você sair, mais cedo descobrirei o problema do programa de hologramas,

— Sinto muito por não ter funcionado. — Ethan procurou ser simpático, tentando espiar as anotações de Eva, que as escondeu discretamente.

— Eu também. Até mais tarde, Ethan.

Ao chegar à porta, ele parou.

— Por que não encerramos os trabalhos por hoje? Todos partiram há mais de uma hora. Vamos fechar e tomar uma cerveja. Eu pago.

— Obrigada, mas quero dar mais uma olhada.

— Ei, não fique brava comigo.

— Não estou zangada. — De fato, ela só queria ficar sozinha para fazer pesquisas no computador.

— Gostaria que você viesse comigo — pediu Ethan. — Sempre me preocupo quando fica trabalhando sozinha até mais tarde.

— É muita gentileza sua. Ainda, você fez um excelente trabalho com o

sistema de segurança, e nenhum intruso poderá passar. Estarei bem.

Ao ver que Ethan ainda hesitava, Eva apontou o dedo para a porta e ordenou:

— Vá embora!

Por fim, ele partiu. Após uma espera prudente, Eva perambulou pelo prédio para verificar se ainda tinha alguém trabalhando. Dez pesquisadores e uma secretária já haviam saído. Vendo que estava segura, correu para o computador central. Chegando lá, hesitou. Havia ficado tão desorientada quando Ethan desligou a força que precisou de alguns minutos para perceber que Ulrich poderia ser chamado outra vez. O que ela não sabia era se o encontro deles ficara gravado.

Aquele era o momento para descobrir se os detalhes que perturbavam-lhe a mente estavam armazenados na memória do computador.

Ia ligá-lo, quando sentiu que não estava sozinha. Olhou ao redor e não viu ninguém.

Então, por que aquela sensação? Eva estremeceu. A temperatura parecia ter caído, do modo como supunha que acontecesse quando aparecem fantasmas.

Nunca os vira, e seu lado prático de cientista fazia com que desse pouco crédito a fenômenos psíquicos. E ainda assim... Ulrich parecia exercer uma estranha influência sobre ela, mesmo que a razão lhe afirmasse ser impossível. Entretanto, a conversão da matéria era também supostamente impossível.

Esfregou as mãos na saia. Suava. A sala estava fria, mas ela, queimando de calor, como se sua temperatura tivesse subido dez graus em poucos segundos.

Decidiu não conferir a memória do computador nesse momento. Precisava de ar fresco.

Uma vez fora do prédio, respirou fundo. Pensou em passear pela baía, que, com sua magia, a ajudaria a colocar a mente no lugar.

Seus pensamentos concentravam-se em Ulrich e no dia misterioso que tivera. Quando estacionou o carro em frente à sua modesta casa de dois andares em estilo vitoriano, perguntou-se onde estava com a cabeça. Não pretendia ir para lá, mas ali

estava.

Mais um mistério?, pensou. Bobagem. Deveria haver uma explicação racional para tudo aquilo.

Eva tinha o hábito de dirigir pensando em tantas coisas, que às vezes não sabia como percorrera o trajeto até seu destino. Acontecia a muitas pessoas, certo? Ainda assim, era perigoso dirigir tão distraída. Agradeceu a Deus por não ter havido nenhum acidente. Então, aonde iria agora?, indagava-se. Dentro de casa só havia o silêncio. Nenhuma música, ninguém para conversar. Não queria enfrentar outra noite solitária, com apenas a tela de um computador como companhia. Isso não era suficiente, e Eva estava cansada de fingir que era.

O encontro com Urich trouxera uma inesperada novidade à sua vida.

— Bem, você vai à praia, ou entrará em casa para se preparar para o encontro com a fantasia? — Eva falava consigo mesma.

Ocorreu-lhe que o único meio de descobrir com o que de fato estava lidando seria ir a fundo no problema.

O carro ainda estava ligado, enquanto Eva fazia suas conjecturas. Sabia que haveria um grande risco. Ela ainda estava um pouco atordoada. Era assustador entregar-se a um desejo de sua mente. Todavia, se sua criação pudesse causar algum risco às outras pessoas, sentia-se na obrigação de testá-la primeiro, caso contrário, estaria sendo irresponsável. Decidiu voltar ao trabalho. Outro programa poderia ser gravado sobre Urich. Estacionou o carro e murmurou:

— Logo... logo...

— Ela quer vê-lo outra vez — comentou Raven, satisfeito.

Urich permaneceu em silêncio, sabendo que, se dissesse alguma coisa, se trairia, demonstrando que não aprovava mais a espionagem que estavam fazendo. Não gostava de estar vigiando Eva, como agora, monitorando a volta dela ao trabalho, com a aparência alterada.

O fato de não estar gostando disso, o que ele considerara interessante, e até mesmo agradável a princípio, era sinal de que estava perdendo sua objetividade. Por outro lado, gostara da sensação de poder que tinha sobre ela, quando no laboratório a persuadira a desistir de olhar a memória do computador.

A mente de Urich estava repleta de pensamentos que não deveria ter. O prazer da companhia de Eva e sua beleza, por dentro e por fora. Oh, sim, ele a achava bonita. Uma criatura que não tinha consciência disso. Ele poderia mudar esse fato, com facilidade.

Não precisava ter telepatia para adivinhar o estado de espírito dela. Quando ela selecionou a parte do programa que ele achou muito interessante, Urich a impeliu a mantê-lo.

Olhou de relance para Raven e notou-lhe a inveja, e uma curiosidade crescente para ver o que aconteceria entre Eva e Urich.

Desligou a unidade de espionagem. Foi uma decisão impulsiva que o surpreendeu tanto quanto a Raven ao ser informado:

- Farei um relatório quando voltar.
- O quê? Urich, isso não estava nos nossos planos!
- A missão é de conquistar a confiança dela, e... Por que sentia tanta aversão

em discutir o assunto?

E por que não se sentia satisfeito por usá-la para atingir seus nobres objetivos?

Sim, nobres. O futuro de sua nação dependia de Eva. Desejando ou não, uma vez que ele a entregasse, ela não poderia partir. Teria uma prisão luxuosa; entretanto, seria prisioneira.

Essa era uma explicação lógica para a sua aversão. Todavia, não diminuía sua repulsa.

Desejaria poder esquecer esses pensamentos. Voltou-se para Raven.

- Nossos planos foram alterados. Não haverá vigilância esta noite. Saberei se

— Você estiver olhando, e se olhar, é porque não confia em mim, e então, deverá procurar outra pessoa para fazer o trabalho.

— Você sabe que não existe ninguém que possa substituí-lo.

— É por isso que fará o que estou pedindo.

— Você pode precisar da nossa proteção — insistiu Raven.

— Posso cuidar de mim. — Sorriu. — Devemos deixar que a dra. Campbell teste a verdadeira capacidade do programa dela? Ou você prefere que eu desista e me apresente ao comando? A escolha é sua. Sugiro que decida rápido, pois ela está me esperando.

Raven praguejou. Ninguém ousava contestar sua autoridade, nem mesmo Urich. Entretanto, dependia dele.

— Esperarei por um relatório completo.

— Certo. — Urich relaxou após ter conseguido um pouco de privacidade para Eva e ele. Partiu indagando se prometera mais do que estava disposto a fornecer.

A segunda entrada de Urich foi tão fácil quanto a primeira. De fato, parecia brincadeira de criança, mas não havia nada simples quanto a Eva, ou quanto às emoções que ela lhe provocava enquanto a observava.

Podia enganar outras pessoas para que pensassem que ele era invisível. Um truque que desdenhou usar, ao vê-la andar pela sala de experiência, repleta de estrelas. Era uma bela visão, ela ali, andando e pedindo:

— Companhia!

Como Urich gostaria de poder ser um companheiro para ela.

Como gostaria de não ter aquela súbita e desconfortável sensação de necessidade de companhia. Começava a arrepender-se da missão.

— Companhia! — Eva pediu, outra vez.

A angústia em sua voz ecoou em Urich, fazendo-o desejar tocar seu cabelos... e tocar seus seios. Seus seios maravilhosos...

— Comp... — Eva parou. Sabia que ele estava aqui. Pressentiu sua presença. Deveria estar apreensiva, mas sentia-se em paz. — Sei que está aqui.

— Como soube?

Eva ouviu a voz maravilhosa que gostaria de ouvir por toda a eternidade.

— Eu o senti.

— Considerando que não pode me ver ou me tocar, não é uma observação estranha?

Ela pensou em discutir que a estrutura atômica não era visível, e no entanto, era aceita como fato. Mas esse tipo de assunto era para ser debatido com Ethan. Urich poderia conversar sobre isso também, porém, esse não era o intuito da visita. Ela precisava de respostas. Tanto quanto da sensação de mãos afagando seus Cabelos.

— Eu sinto você — insistiu ela.

— Interessante. Assumindo que eu pudesse ir contra as leis da física... você gostou?

Eva adorou, mas Urich parecia estar brincando com ela.

— É bom — respondeu.

"Você gostou, Eva. Gostou muito. E eu também." Teria ela pensado isso? Claro que pensara, mas podia jurar que ouvira a voz de Urich.

— Você disse algo sem articular as palavras? — A pergunta parecia absurda até para ela mesma. Não imaginava que Urich se controlava para não gargalhar.

— Agora são duas.

— Duas o quê?

— Observações pouco científicas. Mas podemos investigá-las.

— Não quero falar sobre observações científicas. — Avançando no escuro, as estrelas atrás de Eva, ela indagou: — Onde está você?

— Aqui. Fazendo minhas observações.

A voz estava muito próxima. Por um momento, ficou parada, surpresa.

— E que tipo de observações está fazendo?

— Que você é maravilhosa. Nem as estrelas se comparam.

CAPÍTULO TRÊS

Eva virou-se lentamente, sentindo a deliciosa proximidade de Urich. Todas as perguntas que pretendia fazer fugiram de sua mente.

Lá estava ele. Fitando aqueles olhos, Eva acreditou que ele havia sido sincero. De súbito, achou que merecia o elogio.

— Obrigada. Você tem um poder especial sobre mim. É bom, mas não posso evitar de perguntar... como?

— Seria mais fácil explicar, se você me falasse sobre o que sente.

— Para começar, sinto-me como se estivesse ligada a uma tomada, contudo, é mais uma corrente elétrica percorrendo meus sentidos do que um choque.

— Hum. Você deve estar reagindo à minha fonte de energia, similar à estática, que levanta os fios dos cabelos. — Urich passou a mão sobre a cabeça de Eva, e alguns cabelos se levantaram, movendo-se de um lado para o outro, conforme os movimentos que ele fazia.

Ela riu, imaginando como deveria estar.

—Posso manter uma distância maior, se você não gosta dessa sensação. — Urich sorriu.

— Não! — protestou Eva, quando ele começou a se afastar.

Flutuava. Hologramas não estavam sujeitos à lei da gravidade, como os humanos. Eva gostaria que Urich não fosse uma imagem. Gostaria que fosse real e que pudesse tocá-lo.

Ela sempre procurara explicações lógicas, porém agora preferia acreditar na magia.

— Como se sente, Urich?

— Como se estivesse em casa.

— Dizem que nossa casa é onde o coração está.

— E onde está o seu?

— Meu coração pertence a este lugar por tanto tempo que não sei como agir, mesmo na companhia de um... — Eva não pôde dizer o que pensava. — Com você.

— Se quiser, pode referir-se a mim como "homem". Nós dois sabemos que sou algo diferente, mas você também é muito mais que uma mulher.

— John disse que eu era menos que uma mulher — murmurou, logo desejando não ter dito aquilo.

— John era um tolo.

O tom de voz de Urich demonstrava raiva. Era gratificante para Eva, porém achou curiosa a reação.

— Já que você não o conhece, por que está irritado?

— É óbvio que ele a magoou. E a fez acreditar em uma mentira.

Seria verdade?, perguntou-se Eva. Após três anos desde que encontrara John na cama com outra mulher, tentou convencer-se de que as acusações que ele desferira eram falsas. Entretanto, sua auto-estima ficou tão abalada que recusou-se a aceitar outros homens, com medo de que também não a achassem suficientemente mulher. Urich não seria capaz de fazer tal julgamento.

Urich parecia estar esperando que Eva falasse.

— Você está certo, Urich. Ele não apenas destruiu meu coração, como me convenceu que não tenho valor. Não profissionalmente, pois sei que sou a melhor no que faço aqui, mas como mulher. Sentia-me afastada da vida.

— A única pessoa responsável por isso é você.

— Eu sei. Algumas vezes me perguntei o que teria acontecido se tivesse sido mais corajosa...

— Você está se responsabilizando pela fraqueza dele. Por quê?

Uma boa pergunta feita por um "Homem" sensível.

— Não sei. Deixei que me tratasse como lixo, e o odeio por isso. Algumas vezes

sinto raiva de mim mesma por ter permitido que alguém tivesse esse tipo de poder sobre mim.

— Poder — murmurou Urich — pode ter várias formas. Seu próprio poder é muito maior do que imagina. Está dentro de você, mas o reprimiu como fez com suas necessidade.

— Como sabe de tudo isso?

— Os olhos são janelas da alma. Nos seus, vejo tudo isso e muito mais.

Eva deveria sentir-se desconfortável, vendo-se como um livro aberto. Todavia, estava se libertando e aprendendo a aceitar-se do modo como era. Ainda assim, como a maioria das pessoas, havia muitas coisas que evitava enfrentar.

— O que mais você vê? — indagou, apreensiva.

Urich a olhou com muita intensidade.

— Uma criatura formidável, é o que vejo — afirmou, com calma, a voz parecendo um pêndulo oscilando. — Nobre e corajosa. Essa é você, Eva. A pessoa que poderá ser quando descobrir como libertar-se.

Eva se sentia numa espécie de transe, mas era maravilhoso deixar a mente vagar livremente. Afastou-se de suas defesas em busca desse mundo repleto de emoções. Queria ficar ali, com Urich, para sempre.

— Onde está você? — ela indagou.

— Em um lugar dentro dos domínios de seu subconsciente. E ele que cria sua própria realidade. Tão simples quanto a mente sobre a matéria. Mente sobre a matéria.

— Mente... sobre... a matéria — repetiu Eva.

— Sim, Eva. Aonde quer que você queira ir, seja lá o que queira fazer, tudo está ao seu alcance. Procure o que deseja. O que Eva Campbell deseja? Diga-me.

— Eu quero... — Havia tanta coisa que ela queria. Gostaria de ser uma leoa. Não queria mais ficar sozinha. — Eu quero conhecer você, como você me conhece.

Teve a impressão de que Urich hesitou. O tempo não tinha importância nos

sonhos... Estaria sonhando? De alguma forma, ele acessara o banco de hologramas, criando imagens deslumbrantes em *laser* e jogos de iluminação.

— Primeiro, quero que nos veja do modo como eu vejo.

A voz de Urich parecia muito real enquanto ele desenhava a imagem de linhas paralelas que dançavam em separado, fazendo curvas sinuosas. Ele bateu palmas e as linhas se cruzaram.

— Somo criaturas solitárias, Eva. Ambos prisioneiros de nossos destinos, habilidades e visões. Nossos mundos não poderiam ser mais diferentes, entretanto, somos muito parecidos.

— Somos? Levantar-se, vestir-se, ir ao trabalho. Trabalhar, trabalhar, trabalhar. Ir para a cama, levantar, vestir-se. Voltar ao trabalho outra vez. Somos parecidos dessa maneira?

Urich riu.

— Estou aqui, não é? Preso como você. Mesmo prisioneiros como nós podem escapar para lugares aonde ninguém mais pode ir, a menos que os deixemos entrar. Se você, de fato, quer me conhecer do modo como a conheço, então... seja bem-vinda. Olhe bem no fundo dos meus olhos, e veja quem eu sou, o que posso ser.

Eva sentiu-se como Alice no, País das Maravilhas, escorregando de uma dimensão para outra. Dentro de Urich, sob sua pele, dentro do seu mundo holográfico. Era uma visão colorida, como um caleidoscópio.

— São tantas cores — murmurou. — O que isso significa?

— É a paisagem da minha alma. Eu não tinha certeza se possuía uma, mas parece que você criou mais do que eu pensava. Vá em frente, diga-me o que vê.

— Vermelho. Brilhante e... raiva. Você está furioso.

— Oh, sim, nossa situação me deixa irritado. — O desabafo de sua frustração saiu antes que pudesse se controlar. Então ficou em silêncio, deixando que Eva o visse como jamais deixara outra pessoa fazer.

Urich expunha suas cores em forma de hologramas como se o trabalho

científico pudesse ter produzido, o que Eva percebia com tanta astúcia. As cores mostravam a Eva coragem, solidão, tristeza e paixão.

Urich fechou os olhos.

— Deixe-me ver mais — pediu Eva.

Ele não ousou. Contudo, seu instinto o impelia a encontrar um modo de poder tocá-la, sem que tivesse de desaparecer. Ao fitá-la, percebeu o mesmo desejo.

— Há mais — confirmou —, muito mais. Mas será real? Ou apenas fantasia?

Ele sabia que brincava com a mente de Eva. Ela estava semiconsciente, pois Urich suprimiu as ondas beta de seu cérebro.

— Será que isso tem importância? — continuou ele. — Afinal, você é a minha fantasia. Uma fantasia proibida.

— Proibida? Eu não entendo.

— É muito simples. — Isso não era verdade, mas ele precisava fazê-la acreditar, ou então partir.

Voltar para Raven, que esperava um relatório, ou ficar? Era uma tolice, porém Urich resolveu ceder à tentação. Apenas desta vez.

— Não posso tocá-la, ou você a mim, entretanto, as fantasias não devem se submeter à realidade, não é?

— Não — Eva concordou, vagamente.

Urich a queria num transe mais profundo. Estava desesperado para tocá-la, todavia, algo o detinha.

— Você se lembra do que eu disse sobre a mente e a matéria?

Eva assentiu, relaxada.

— Nós criamos nossas realidades em nossas mentes. O que é realidade? Eu... eu não sei mais. Você sabe?

Ela falava com coerência, porém estava muito suscetível ao sugestionamento. Perfeito. Urich a tinha onde desejava, mas precisava agir com cuidado. O que quer que partilhassem, só seria certo se fosse pelo consenso, e não pela coerção.

— Na concepção do mundo todo, a realidade é uma ilusão.

— Então, o que é ilusão?

— Para nós, agora... — Urich inclinou o rosto e quis que seus olhares se encontrassem mais uma vez. Apesar de seu forte desejo, afagou-lhe o rosto com muita ternura. — Ilusão, Eva — murmurou ele —, é realidade.

CAPÍTULO QUATRO

— Eva?

— Urich... — murmurou Eva.

Ouviu novamente:

— Eva! Eva, acorde!

Era a voz de Ethan. Ethan? Ethan!

Piscando os olhos atingidos pela luz fluorescente, Eva percebeu que estava em seu escritório, sentada em sua cadeira.

— Que horas são? — indagou, atordoada.

— Duas da madrugada — respondeu, olhando-a de modo estranho. — O que você está fazendo aqui?

"É na sua mente que você cria sua própria realidade", Eva lembrou as palavras de Urich. Teria tudo sido um sonho? Será que após a experiência andara até sua mesa? Não. Ela não era psicótica e nunca fora sonâmbula. Como poderia explicar o ocorrido?

Era óbvio que Urich exercia algum poder sobre sua mente. Era um absurdo, mas e se existisse em seu íntimo a força que ele mencionara? Então, Urich poderia se tornar real, em todos os sentidos, em seu cérebro.

Eva respirou fundo e tentou se concentrar em Ethan.

— Eu estava trabalhando e adormeci — explicou. — Você não está um pouco adiantado para o trabalho?

— Eu... estava a caminho de casa quando passei e vi seu carro. Achei melhor ver se você estava bem.

— Como pode ver, estou ótima.

Ethan a olhou de modo estranho, e deu um passo para trás.

— Tem certeza? Você... está diferente.

Eva considerou como um elogio. Sentia-se confiante e corajosa, uma mulher realizada, sustentada pela paz interior e sabedoria.

— Oh, é mesmo? Estou diferente como?

— Não sei dizer, mas está. Talvez os cabelos... E... seu rosto. É isso, sua expressão. Parece que você está brilhando.

— Deve ser a iluminação.

Eva levantou-se, e Ethan dirigiu-se para a porta.

— Já que você está bem, acho que vou embora. — Ele hesitou. — Se quiser, posso esperá-la e acompanhá-la até o carro.

— Obrigada, mas quero terminar algumas coisas.

Eva apontou para uma pilha de papéis sobre a mesa, e notou uma folha com três palavras escritas à mão.

— Boa noite, Ethan — despediu-se. Ao ouvi-lo afastar-se, leu a nota, onde estava escrito: "Mente sobre a matéria".

— Finalmente você voltou, Urich — bradou Raven, ansioso.

— Sinto tê-lo acordado — respondeu, resignado com o interrogatório que viria a seguir.

— Não precisa se desculpar. Tenho certeza de que seu atraso é justificável.

— Sim, é — confirmou.

Urich não mencionou que se atrasou porque estivera fazendo um exame de consciência. Chegara a um ponto com Eva que o deixara dividido entre a lealdade à sua gente e o desejo que sentia por ela. Preocupava-se com as necessidades de Eva,

incluindo o direito à liberdade. Estava emocionalmente confuso. Sentia-se culpado por trair a missão. Sentia-se empolgado e arrependido por ter tocado Eva.

Tentando disfarçar o tumulto interior, mentiu:

— Eva se esquivava. Demorará um pouco até que eu a convença que seu futuro será ao nosso lado.

Raven ergueu a sobrancelha, especulando:

— Eva? Estou percebendo um interesse pessoal na dra. Campbell que não o ajuda a entregá-la a nós.

—O sucesso dessa missão depende da minha habilidade em fazê-la confiar em mim. — E ele a estava conquistando, com tanta rapidez e facilidade, e sem merecer. — Faz parte da natureza dela confiar nas pessoas com as quais possui afinidade. Você sabe disso tão bem quanto eu, Raven. Portanto, por que desaprova o relacionamento que tenho que manter com a... dra. Campbell?

Raven notou o olhar desafiador de Urich. Incapaz de encará-lo, Raven começou a andar pelo quarto. Os ombros, um pouco curvados, ainda mostravam orgulho. Parecia carregar muita responsabilidade.

— Sempre me preocupei com seus poderes e seu isolamento, Urich, mas nunca estive tão preocupado quanto agora. Até mesmo eu, que não posso ler sua mente, percebo... o afeto que sente por essa mulher.

— Não estou acostumado à afeição.

—Então, já que não sente nada, não se importaria em seqüestrá-la.

— Não. Não farei isso, Raven. — Urich avançou um passo, numa atitude ameaçadora. — E você também não fará.

— Oh, Urich, aí está. A fonte de minhas preocupações. Você está se tornando protetor e possessivo em relação a ela. Esse tipo de sentimento comprometerá sua análise. E poderá causar problemas quando a doutora se juntar; a nós. Precisamos dela para propósitos mais grandiosos do que seus desejos.

Tudo o que Raven dizia era verdade. Urich gostaria de mandar que parassem

com aquele plano detestável mas não: ali estava ele, usando sua máscara implacável e negando as justas acusações.

— Acredito que ela deve querer vir a nós. Se for seqüestrada, resistirá, e nossos propósitos sofrerão com isso.

Raven ficou em silêncio, refletindo. Quando por fim falou, foi com a habilidade de um lutador que atinge o ponto vulnerável do adversário:

— Como sempre, seu julgamento foi muito sensato. Não imagina o respeito que lhe tenho. Proceda com a dra. Campbell, ou melhor, Eva, do modo que for mais vantajoso para a nossa causa. Nós confiamos em você e estou certo que não nos desapontará. — Fez uma pausa. — Se preferir, não vigiaremos seus encontros. Sua lealdade está fora de questão. Aceite meus agradecimentos por seus serviços à nossa gente, e estou certo de que terá sucesso.

Urich dirigiu-se para a porta, mas antes que pudesse escapar, Raven lançou outro golpe sutil:

— Já ia me esquecendo... Seu pai quer vê-lo. Zar ficará feliz em ouvir os progressos que fez esta noite. A propósito, permita-me uma sugestão. Antes de encontrar-se com ele, você deveria cuidar da aparência. Há várias marcas em seu pescoço. São vermelhas e parecem ter o contorno de lábios.

Olhando para as estrelas, parecidas com a ilusão que envolvera a Eva e a ele, Urich andava em busca de respostas. Por que a deixara vê-lo em sua parte mais secreta, compartilhar de sua essência e absorver tudo o que tinham em comum, como se fosse chuva em sua alma árida? Estivera só por tanto tempo que já não sentia nem alegria, nem dor,

Até conhecer Eva. Fora tolo em não se proteger do que não poderia possuir. Sim, só um tolo investigaria uma mulher com tanta profundidade, descobrindo como era maravilhosa. E a inocência de Eva, entregando-se a ele sem reservas; a pressão dos lábios em seu pescoço... vitalidade que era a verdadeira juventude, independente

da idade cronológica. Urich fizera com que se sentisse alegre, e confusa, e assustada. Sentia-se também bonita, corajosa e viva, como nunca antes. Precisava parar de pensar nele, manter distância e recuperar o controle.

— Não irei para a sala de experiências — murmurou, ligando o modesto carro que a levaria à sua modesta casa, tudo muito previsível, muito parecido com ela.

Enquanto dirigia, pensou em sua monótona vida social. Parou em uma locadora para pegar uma fita de vídeo e foi para casa. Fez pipocas e deitou-se para assistir à televisão. O que mais uma mulher poderia desejar?

O que Eva Campbell desejava?

Sentia-se solitária e queria ouvir a voz de Urich.

Por quanto tempo agüentaria ficar longe da sala de experiências? Uma vez lá, Urich poderia manipular-lhe a mente...

Levantar, vestir-se e ir trabalhar. Apenas trabalhar e pensar em Urich.

— Não irei à sala de experiências. Não irei... — Eva ouviu as batidas na porta. Devia ser Ethan. — Oi, Ethan. Adeus, Ethan.

— Eu já estava de saída. — Ele colocou as mãos nos bolsos e hesitou. — Quer que eu a acompanhe até o carro?

Com medo de que ele a convidasse para sair outra vez, Eva recusou:

— Preciso verificar algumas coisas no banco de hologramas antes de sair. — Como desejava muito encontrar Urich, decidiu que iria embora logo, a fim de evitar a tentação.

— Boa noite, Eva.

— Boa noite.

Quatro dias se passaram e Eva conseguiu resistir. Precisava lutar contra o desejo a todo instante.

Nessa noite, não conseguiu resistir. Esfregou os olhos, fechou o livro e

observou sua cama, mais vazia que de costume. Estava desesperada para ver Urich. Esse sentimento a assustava, pois desejar alguém ou alguma coisa com tanta intensidade poderia levá-la à dependência, e ela estava muito próxima disso. Aprendera da pior maneira a não depender de ninguém e de nada, a não ser dela mesma. Assumindo que essa fosse a definição de Urich, o programa substituto não funcionou metade do tempo.

Perguntava-se se estaria perdendo a razão. Ou descobrindo o quanto se limitara, esquecendo todo o poder que possuía em seu íntimo. Mente sobre a matéria. O livro que estivera lendo afirmava que o poder de controlar objetos com a força da mente era algo que todos possuíam, porém, como telepatia, muito poucos podiam acessá-lo. Seguia a linha de pensamento de Einstein, que dizia que a humanidade usava apenas uma pequena fração do potencial do cérebro.

Eva não conseguia comer. Dormir era uma exercício exaustivo; os sonhos, perturbados com fantasias acerca de Urich. Sempre ele.

Urich era como uma canção que Eva não conseguia tirar da cabeça.

Foi até o espelho e viu em seu olhar a expectativa que sentia. Passou batom nos lábios, que ansiavam pelos dele, e penteou os cabelos.

— Tenha cuidado — aconselhou seu reflexo. — Tenha cuidado.

CAPÍTULO CINCO

Urich percebeu a hesitação de Eva. Dessa vez estava evasiva. Seus olhos o evitavam. No entanto, o pior era a reserva da mente, um escudo protetor contra ele.

Urich poderia afastar essa proteção com facilidade. Apesar de ser seu dever fazê-lo, não o fez. Ao invés disso, respondeu a ela com delicadeza, precisando também se proteger.

— Como está, Eva?

— Ótima!

Vendo o sorriso tenso, percebeu que ela não sabia mentir.

— E você, Ulrich?

Como não gostava de mentiras, ergueu a sobrancelha como se não estivesse habilitado a responder essa pergunta.

— Então — continuou Eva, evitando fitá-lo —, sobre o que iremos falar?

— Sobre o que você quiser.

A distância emocional dela e o olhar evasivo o deixaram angustiado. "Olhe para mim", ordenou Ulrich silenciosamente. Ela o obedeceu, e ele lamentou o que viu. Os olhos de Eva mostravam-lhe um vasto oceano de águas turbulentas.

— Está bem — ela começou —, quero falar sobre trabalho, sobre uma experiência.

— Você está perturbada — afirmou, com preocupação sincera, diferente das explicações que já preparara, e nas quais Eva estava ansiosa por acreditar. — Por quê?

— Estou confusa, Ulrich. E você é o motivo.

— Eu a perturbo — afirmou.

— Sim, é verdade. Você não é como a outra experiência. O holograma que programei para tomar o seu lugar não está funcionando bem. E então, aí está você, um sucesso além das minhas expectativas. Você me faz sentir e dizer e até mesmo fazer coisas que nunca imaginei e que não compreendo.

Percebendo que Eva estava prestes a tocá-lo, Ulrich enviou-lhe um comando, avisando-lhe para não fazê-lo.

— Diga-me, Eva, quanto tempo levou para criar o meu programa?

— Um ano.

— E o outro?

— Metade de um dia.

— Bem, aí está. A diferença entre o que conseguiu com meio dia de trabalho e o que criou colocando seu coração e sua alma na minha criação.

Eva concordou, e Ulrich sentiu uma dor quase física em seu coração ao pensar

em partir. Teria que desaparecer do mesmo modo que surgira na vida dela, e desistir da missão. De onde veio e o porquê deveria permanecer em segredo.

Uma vez tomada a decisão, precisava convencê-la de que aquela era a melhor solução, apesar de tão dolorosa.

— Você deve se dedicar ao outro programa, Eva. Não pode repetir o sucesso que consegui comigo, uma vez que está negligenciando o lado profissional e se concentrando apenas nos aspectos pessoais. Poderia, é claro, usar-me como um protótipo para experiências.

— Eu não gosto dessa idéia — ela afirmou. — Que se dane o sucesso profissional. Você é meu e não quero dividi-lo com ninguém.

— O que está dizendo confirma que estará melhor sem mim.

Urich precisava convencê-la disso. Todavia, sua própria força de vontade estava muito, fraca para influenciá-la. Tentando persuadi-la, aconselhou-a:

— Mande-me embora, Eva. Aja como se eu nunca tivesse existido.

— Não posso. Preciso de você.

— Não, não precisa. Você só necessita de si mesma.

— Bobagem! Quero aprender a ter confiança em mim e nos outros. Comecei a acreditar depois que o encontrei, e... Você não vê o quanto é importante para mim?

— Eva, você não vê a grandiosidade do que fez? É uma mulher maravilhosa e inteligente. Seu trabalho proporcionará boas coisas para a humanidade. Encontre sua satisfação no trabalho e esqueça de mim.

Seguindo os pensamentos de Eva, Urich sabia que ela não queria nada daquilo. Durante muito tempo, o bem da humanidade a motivara, mas agora preocupa-se consigo mesma. Sabendo que não a venceria nesse campo, Urich apenas gemeu.

— Não há satisfação com sonhos, ou trabalho ou qualquer outra coisa, quando não se pode compartilhar com alguém que se importe. É isso o que sempre estamos buscando, Urich, tentando preencher o vazio interior. A solidão que está dentro de todos nós. Quando estou com você, sinto-me completa

O apelo de Eva o tocou profundamente, e mexeu com o coração que julgava gelado. Ela o fez sentir-se mais do que vivo. Como poderia partir e nunca mais vê-la ou tocá-la? Urich foi levado pela emoção.

— Você também me completa, Eva — confessou. — Se deseja mais, então...

"Não! Se eu der o que ela quer, será um desastre", pensou Urich. Estava em um buraco tão fundo que não havia como sair. Com um suspiro de derrota, entregou-se à cova que continuava a cavar.

— Então, terá mais — concluiu, incapaz de lutar contra as imagens de intimidade que invadiam-lhe os pensamentos.

— Oh, Urich. Sabia que você... — Eva calou-se, de súbito, sentindo um sugestão sensual.

Os desejos começavam a aflorar, derrubando-lhe as inibições e querendo saciar sua sede de amor.

Os lábios de Eva começaram a pulsar como se estivesse sendo beijada de dentro para fora, um beijo muito íntimo e completo. Era quase impossível falar, até mesmo para perguntar:

— Você está... está... me beijando?

— Beijar, do modo como vejo, pressupõe duas pessoas, ao menos os dois devem desfrutá-lo.

— O que está fazendo comigo? — Eva arqueou as costas, desejando mais daquela sensação maravilhosa.

— A pergunta é: o que quer que eu faça?

— Eu... quero que me beije, me toque. Urich, por favor, faça com que aconteça.

— Por que você não me beija, ou me toca?

— Porque não posso. Ou não acredito que possa, e então, tenho medo de tentar.

— Você já tentou e conseguiu.

Eva ficou surpresa, e, ao mesmo tempo, aliviada.

— Então aconteceu de fato?

— Você colocou seus lábios aqui. — Urich apontou o pescoço. — Mente sobre a matéria, Eva. É como a fé vencendo obstáculos impossíveis. Entretanto, nada é impossível se você acreditar. Já o fez antes. Pode fazê-lo outra vez.

Eva deu um passo à frente, tomada pelo desejo. Imaginado-se abraçada a Urich, aproximou-se. Lá estava ele, os braços fortes a enlaçando. Seus lábios quentes e carnudos sobre a testa de Eva.

— Você é deliciosa.

— Parece que estou andando sobre a água.

— Poderia fazê-lo, se quisesse. Pode fazer qualquer coisa que queira.

— O que acredito é...

— Diga-me — pediu Urich, erguendo-lhe o rosto.

— Acredito que, se não beijá-lo, morrerei.

— A morte, assim como a vida, é uma ilusão.

— Urich?

— Sim, Eva?

— Beije-me.

CAPÍTULO SEIS

Urich preocupava-se com a missão que deveria cumprir. Sua nação estava interessada em Eva para experiências genéticas. Já possuíam o homem, porém, dependiam da mulher selecionada. Ela estava reservada para um propósito específico e ninguém, exceto o homem escolhido, poderia tocá-la sexualmente.

E ali estava Urich, afagando os cabelos e o rosto de Eva. Abortar a missão era motivo para ser rebaixado de posto, porém impedi-los de criar a raça perfeita equivalia a traição, e, de acordo com a lei, poderia ser punido com a morte.

Eva ofereceu seus lábios a Urich, que se deliciou com a maciez e o calor da

boca que sua língua explorava. Conhecia os desejos de Eva, até os mais secretos. Eles eram exóticos e fascinantes. Uma grande provocação, que minava-lhe o controle que estava prestes a perder. A razão o abandonava e Eva queria mais.

Então, ele foi mais longe. Os gemidos dela despertaram o animal que existia em Urich. Prestou atenção aos desejos dela. Eva imaginava lençóis de seda e candelabros. Imaginava-o a possuindo-a de maneiras variadas.

Os apelos dela os guiaram por caminhos sinuosos e primitivos. Com uma mão em seu quadril, Urich abriu-lhe a saia, tendo acesso à carne macia. Com a outra mão, puxou-lhe os cabelos, forçando-a a ficar imóvel. Fitou-a com expressão feroz, como se fosse um animal pronto a devorar sua presa.

Eva estava excitada, mas começou a temê-lo. Ele emitiu um grunhido, deixando-a assustada.

— Por que... por que está me olhando assim? E que som estranho é esse que está fazendo?

— Submeta-se a mim.

O medo deu lugar à imaginação. Urich queria possuí-la sem romance, nem carícias ou sedução.

— Não me submeto a ninguém!

— Mas se não o fizer, eu... eu não sei o que farei! Preciso do seu corpo, não suporto mais não tocá-lo intimamente.

— O corpo é meu e não pretendo dividi-lo com você!

O olhar furioso de Eva o atingiu como um soco no estômago. Urich piscou, assimilando o que ocorrera. Soltou os cabelos dela, e ficaram em silêncio. Eva olhou para a mão de Urich ainda em seu quadril.

— Tire a mão daí — ordenou.

Urich a obedeceu com tanta rapidez que ela mal pôde acompanhar o movimento. Como ele fizera aquilo era mais uma peça do quebra-cabeça.

Eva estava tão irritada que gostaria de esbofeteá-lo. E depois, choraria. Ele

transformou algo maravilhoso em uma experiência grotesca.

— Você rasgou minha saia — acusou-o.

— Sinto muito, Eva.

— Não adianta se desculpar, seu... seu estúpido! — A dor que sentia causou-lhe um nó na garganta. Recusava-se a chorar, não o faria na frente dele. De qualquer forma, Ulrich parecia compreender.

Com grande remorso estampado no rosto, tentou acariciá-la.

— Não me toque.

— Por favor, Eva, não me evite por algo que não podia controlar. Você estava me desejando, O que você criou em mim foi além do desejo; algo forte e selvagem demais para ser dominado. Perdoe-me. Não quis machucá-la.

As palavras de Ulrich evidenciavam sua sinceridade. Eva ainda estava aborrecida, mas ele parecia arrasado. E por quê? Porque ela o excitara tanto que ele perdera o controle. De algum modo, se sentiu lisonjeada.

Eva sorriu, tímida, e admitiu:

— Se eu tivesse compreendido as razões de seu estranho comportamento, talvez perdesse o controle também.

— O problema é que você não se conhece. Ignorância conduz ao medo. O medo destrói o poder, do mesmo modo que a crença o fortalece. Você é muito corajosa, Eva, mas tem medo. Isso impede que conheça sua verdadeira força. Chame de força, ou potencial, o que a torna *você*, o que é ou pode vir a ser.

Ela, então, viu a imagem do que realmente era por dentro: forte o suficiente para ser doce; sábia o bastante para ouvir as tolices de um coração capaz de gargalhar e esconder um oceano de lágrimas. Seu amor era suave, e, ao mesmo tempo, letal. Era sensual e espirituosa. Um eterno mistério para qualquer homem.

— Você a viu — comentou Ulrich.

— Sim. — Eva tinha a impressão de ter visto a própria alma. — Agora quero ver você.

Urich riu de modo sedutor.

— Água para o fogo, Eva. Bainha para a espada.

— Oponente para aliado — sussurrou Eva.

Urich franziu o cenho ao ouvi-la. Então, concordou e surpreendeu-a dizendo:

— Você está certa. Em todas as disputas valiosas, a competição entre os desejos de cada um é necessária para se descobrir quem é o mais forte e quem será o líder.

Eva olhou Urich de cima a baixo. De fato, uma disputa valiosa. Lançou-lhe um desafio com o simples gesto de passar o dedo por seu peito forte.

— Tire a camiseta — ordenou, com uma agressividade que a surpreendeu e deliciou, com expressão feroz, como se fosse um animal pronto a devorar sua presa.

Com um sorriso confiante, Urich obedeceu. Ele era maravilhoso, perfeito. Eva perdeu o fôlego, admirando o peito musculoso coberto de pêlos macios.

Urich deixou a camiseta cair aos pés de Eva. Ela precisava admitir que ele era muito sexy.

— Agora é a sua vez.

— Minha vez! Não estou disposta a...

— Está bem. Como você disse, seu corpo lhe pertence e eu a respeitarei. — Urich se abaixou para pegar a camiseta.

— Não quero que se vista — afirmou, pisando na roupa antes que ele a pegasse.

— Isso não é justo. Eu me expus, mas você não quer fazer o mesmo. Então, voltarei ao nosso estado inicial de vestimenta.

Falava como um computador. Sorria, mostrando que vencera, pois mostrava-se a ela, mas Eva esquivara-se.

— Os seios são diferentes — raciocinou Eva.

— Sim. Deixe-me vestir a camiseta para que nossas diferenças não fiquem tão evidentes.

Ela não poderia permitir que Urich vencesse. Já fizera isso com John, e curara

suas feridas sufocando o que restou de seu ego feminino, que clamava pela vida, afirmando-lhe que possuía seios lindos e que deveria mostrá-los com orgulho.

Eva começou a desabotoar a camisa, com crescente satisfação diante da admiração de Urich. Ele mordia o lábio, procurando se conter para não beijar-lhe os seios.

Naquele momento, ela gostaria que ele a acariciasse.

— Tire também o sutiã. Deixe-me ver seu corpo, Eva.

Ela já tirara a roupa em frente a John inúmeras vezes, infelizmente, seu único amante, e se sentira bem. No entanto, dessa vez estava nervosa, e os dedos trêmulos não conseguiam abrir o fecho.

Um soluço de derrota estava em sua garganta quando Urich colocou a mão sobre seus ombros.

— O que vejo é maravilhoso, do jeito que está. Você não precisa fazer isso... não por mim.

—Mas preciso fazer por mim. — Então Eva viu o olhar de compreensão, mostrando o quanto Urich acreditava nela. Notou que acreditava em si mesma. Triunfante, tirou o sutiã, e mostrou os seios, cheia de orgulho e confiança.

Ele manteve o olhar fixo no rosto de Eva, admirando-a e desejando-a. Acariciou-lhe os braços e as costas. Juntos, deixaram o sutiã cair no chão, levando junto as incertezas que representava.

— Quero que olhe os meus seios, Urich.

— Não sei se ousaria. Eles me excitarão.

— É o que espero.

Devagar, Urich baixou o olhar. Eva tinha a impressão de que ele decorava cada detalhe de sua pele, afagando e contornando-lhe os seios com as mãos. A sensação era deliciosa.

— Oh — murmurou Urich. — Nunca vi nem toquei algo tão bonito.

Eva se lembrou que, de fato, deviam ser os únicos seios que já vira. Gostaria

de não ter se lembrado desse detalhe.

— Fico feliz que tenha gostado, Urich.

— Você não parece feliz.

— Estou, sim. E que você não tem parâmetros de comparação.

— E você acha que isso desmerece minha opinião? — Balançou a cabeça e continuou olhando os seios firmes.

— Não sei...

O modo como ele a olhava fazia-a desejar agarrar-se ao peito musculoso e arrancar-lhe a calça. Estava próxima a leoa que habitava dentro de si.

Acariciou-lhe o tórax, de pele quente e macia. A leoa ficava cada vez mais forte, e Eva já não podia dominá-la. Forçou-se a afastar as mãos dele.

— Urich, o fato é que você é incrível, mas nosso relacionamento é...

— Inestimável.

— Oh, sim, é. Contudo, infelizmente, é limitado.

— Não há limitações, exceto aquelas que criamos. Não nos limite, Eva.

— Não sou eu que estou nos limitando — explicou. — O que você precisa entender é que esta sala define os parâmetros do nosso relacionamento. Não existimos fora dela.

— Eu existo. Você está me tocando, não está? — Urich pegou a mão de Eva e colocou-a em seu pescoço. Inclinou-se e deu-lhe um beijo. — Isto é real, Eva. É tão real quanto seus sentimentos por mim e os meus por você. Se tem dúvidas de quanto você me faz sentir real... toque-me até que se convença por completo.

— Por completo — repetiu.

— Você me quer, Eva?

— Eu o quero demais, Urich.

— Então me deseje o bastante para tirar-me deste confinamento. Deixe-me ir com você para fora daqui.

— Não é possível, ou, ao menos, não deveria ser, mas... não sei se você poderia

viver fora desta sala. Esqueça. É...

— Brilhante. Vamos.

— Não! — Eva recusou-se a acompanhá-lo até a saída. — Não iremos a lugar algum. Você precisa de muita energia para existir. Sinto muito, não posso suportar a idéia de vê-lo desintegrar-se. Você é real para mim aqui dentro, e ser forçada a aceitar que não é será uma dor que não quero experimentar.

— Mas você precisa de nós — argumentou. Vendo que Eva estava decidida, acrescentou: — Então está bem... por enquanto. Não forçarei sua decisão. Prometa-me que pensará no assunto.

— Prometo. — Quando estivesse sozinha sem Urich perturbando-lhe as emoções.

— Você raciocinará melhor sem mim.

— Não quero que se vá.

— Estou sempre com você, Eva. Você não sentiu minha presença?

— Realmente pode me acompanhar; detesto dizer isso, mas e quando não está ativado?

Urich sorriu, malicioso.

— Você está além da minha compreensão. Afinal, o que você é?

— Um alienígena.

Eva quase acreditou. De súbito, Urich gargalhou, levando-a a rir da brincadeira.

— Claro que é. — Eva riu e apontou para a ilusão ótica das estrelas. — E eu sou a rainha do universo.

— Poderia ser. — Ele pegou a mão de Eva e a beijou com uma reverência.

Apanhou a camiseta. As estrelas brilhavam, e ele desapareceu.

CAPÍTULO SETE

— Você fez o quê?! — Raven levantou da cadeira com uma rapidez que Urich não vira durante anos. — Isso é loucura!

— Discordo. A sala de experiências é muito restrita. Quando ela decidir deixar-me sair, poderei investigar os arredores.

— Já tentamos isso antes. Foi um terrível fracasso.

— Mylar buscou a própria morte. Meu julgamento é apurado. E não esqueça, Mylar não tinha as vantagens que possuo — continuou sua argumentação, sabendo que Raven não resistiria. — A dra. Campbell me levará até sua casa, e, uma vez que esteja lá, poderei solidificar a amizade que queremos estabelecer com ela, com mais velocidade do que se continuarmos com esses breves encontros.

Urich controlou os pensamentos de Raven, fazendo-o aceitar.

—Se acha que deve correr o risco... As informações que conseguiria seriam valiosas. Teria mais acesso se estivesse alojado na casa dela.

— Exato. Confie em mim, Raven, e teremos sucesso.

— Você é ambicioso. Talvez até demais.

— Como sempre diz, sou parecido com meu pai.

— Você deveria falar com Zar — avisou-o Raven. — Ele pode estar preocupado em perdê-lo. Já perdeu demais, Urich.

— Como todos nós.

— Sim — suspirou. — Tenha cuidado. O perigo surge de formas inesperadas. Até mesmo Ethan poderia representar um risco.

— Sou um perigo maior para ele. Ou para qualquer outra pessoa que interfira nos meus propósitos.

— Até mesmo... Eva?

Ela interferia em seus pensamentos, e Urich precisava formular um plano.

—Ela é o objetivo. Ao menos, o princípio dele.

Após uma longa pausa, Raven ponderou:

— A doutora é o maior perigo para você.

Urich não poderia negá-lo. Eva o fizera comprometer princípios e lealdade. Ainda não cometera traição, mas era capaz de ser conduzido a isso.

— Eu sei — confessou Urich.

— Então, deve estar ciente de que nações caíram porque um homem permitiu que a mulher lhe roubasse a razão, fazendo-o prisioneiro dela. Você será tentado, como estou certo de que já aconteceu.

— Sim. Ela é uma tentação.

Os conselhos de Raven deram lugar à preocupação.

— Você não...

— Não.

Todas as batalhas que travara não seriam nada, comparadas à guerra de querer o que não lhe pertencia.

Eva tocava piano com fervor e intensidade. A cada tecla, tentava afastar as recordações da última vez que executara aquela música.

Tinha doze anos, estava vestida com roupas de domingo em um recital. Ficara paralisada de medo e, na saída, derrubou o banco do piano. Ainda podia lembrar do olhar mortificado de seus pais.

Eva decidiu que não seria mais prisioneira daquele terrível momento de derrota. Fechou o piano e fez uma reverência, despedindo-se dele e do passado. Sentiu-se ótima. Decidiu livrar-se de outras coisas com as quais não mais queria lidar.

Foi até a cozinha e tomou sorvete. Não quis jantar e foi para o quarto. Olhou para a cama, não podendo evitar as amargas recordações.

— Como foi capaz de fazer isso comigo, John? — Tirou os lençóis que exalavam o perfume e o sexo de outra mulher e jogou-os sobre John, que apenas encolheu os ombros.

— Foi você que casou com o homem dos filmes da Disney. Não pode me culpar

por procurar com outra pessoa aquilo que você não me dá. — John pegou uma mala embaixo da cama, foi até o armário e jogou suas coisas dentro dela. — Nosso casamento acabou. Você pode ficar com a casa, e os advogados cuidarão do resto.

Ele estava partindo. Ameaçando ir atrás da mulher que Eva expulsara da cama e da casa deles. Oito anos de casamento acabariam assim? De acordo com John, a culpa era dela. Talvez em parte fosse. Precisavam de ajuda, e não do divórcio.

— John, não. Dê-nos outra chance e eu vou...

— Desistir do projeto?

— Sejam os racionais sobre isso. Não precisa ser tudo ou nada, pois eu nunca lhe pediria este tipo de conduta. Podemos fazer um acordo, não é? Trabalharei menos para que possamos...

— Passar mais tempo na cama? Sim, parece divertido.

— Nunca evitei você. — Eva abriu os braços, num apelo. Se ele quisesse sexo, ela daria, como sempre fizera. Esse era o trato para conseguir a afeição que de fato desejava. E como precisava de um abraço, uma simples palavra de amor... Então, poderiam conversar e tentar juntar o que restou do casamento.

— Não, você nunca me evitou — concordou, dirigindo-se para a porta. Virou-se, a mala na mão, e afirmou com frieza: — Entretanto, seria mais fácil excitar um cadáver do que você.

— Como pode ser tão cruel?

— Cruel? Estou sendo honesto. Você é fria como uma pedra de gelo.

Eva esfregou os braços, recordando. A discussão foi mesquinha e odiosa. Uma memória mais dolorida do que o recital de piano.

Ainda assim, na noite anterior, com Ulrich, estivera perto de quebrar a corrente que a segurava. Gostaria de contar a ele sobre suas inseguranças. Aquele sentimento de fracasso do qual estava desesperada para se livrar.

Ulrich a escutaria. Ele a entenderia e a ajudaria a se libertar.

— Sei que está aí — murmurou. — Em algum lugar, esperando por mim.

"Deixe-me ver, Eva. Deixe-me ver seus seios." Essas foram as palavras que ele dissera na noite anterior, e Eva já não sabia se estava recordando ou se as ouvia no presente. Não se importara com isso quando desnudou os seios e os ofereceu às estrelas e ao amante de seus sonhos. Somente o toque de Urich poderia fazê-la sentir-se tão viva.

— Beije-os... — sussurrou.

Sentiu o gosto salgado de lágrimas e o cheiro de sexo. Sentia-se como um animal no cio. De repente, ocorreu-lhe uma visão.

Estava correndo, o coração acelerado. Corria de um predador. Ele a agarrava. Era Urich. Eva estava apoiada nas mãos e nos joelhos, como se fosse engatinhar. Ele montava sobre ela e mordia-lhe o pescoço.

O que estaria acontecendo? Eva se contorcia. O corpo fora de controle, se contraindo e se expandindo.

—Estou com medo — soluçou. — Estou com medo. "Deixe acontecer, Eva. Você precisa disso, e nada ruim acontecerá. Confie em mim e em você, e deixe acontecer."

Ela estava apavorada com aquele sentimento que a consumia. No entanto, se cedesse ao medo, seria mais um fracasso. Precisava ser corajosa e acreditar. Deveria confiar em Urich, e, acima de tudo, em si mesma.

Eva deixou acontecer. Entreabriu os lábios e murmurou:

— Eu quero ser sua, Urich.

De súbito, na escuridão, sentia uma força envolvendo-a. Uma mordida no pescoço a deixou paralisada. Ficou deitada no terraço, ouvindo apenas a si mesma enquanto era prisioneira de um êxtase selvagem.

Como uma tempestade que aos poucos se transforma em chuva amena e tranqüila, Eva aos poucos ficou em silêncio. Ouvia apenas o som de seu coração à procura do amante que a invadira com tamanha profundidade. Esticou as mãos no ar e deparou-se com o vazio. Não existia ninguém, além de si mesma. Contudo, ela, não era mais a mesma pessoa. Nesse instante, estava completa.

— Urich — sussurrou. — Urich.

A brisa passou-lhe pelo corpo e pareceu-lhe um dedo a contornar-lhe a espinha para depois beijar-lhe o rosto delicado.

E então, tudo permaneceu igual. O ar. A noite. Ela.

Apoiou-se na grade de ferro e levantou-se. As mãos tremiam. Olhou para as estrelas.

— Sei que está aí. Em algum lugar, esperando por mim.

Por enquanto, aceitaria que algo extraordinário havia acontecido: encontrou a liberdade ao perder o controle.

O medo fora dominado.

Eva se vestiu e saiu à procura de Urich. Chegou ao destino e não perdeu tempo selecionando programas ou ativando o banco de hologramas. Entrou na sala de experiências e gritou:

— Urich! Droga, sei que pode me ouvir. Quero que apareça. Agora!

— Só respondo à palavra "companhia" — ecoou a voz firme.

— Está bem. Companhia.

— Por favor?

— Por favor.

— Essa é a palavra mágica — Urich sussurrou-lhe ao ouvido.

Eva virou-se, e ele a abraçou. Ela colocou as mãos nos ombros de Urich, sem saber se o afastava ou se agarrava-se a ele.

— Eu sei o que você é.

— Além de ser apaixonado por você, o que mais eu sou?

— Você é um alienígena — respondeu, fitando-o e vendo a verdade dessa afirmação.

CAPÍTULO OITO

— O que achou? — Eva indagou. Urich olhou ao redor da sala mais uma vez, notando que alguns objetos não tinham utilidade, eram apenas decorativos.

— Aconchegante.

Ela o tratava como um estranho, apesar dos laços que os ligavam. Urich aproximou-se e, apesar de não resistir, ela não foi receptiva.

— Sou o mesmo, mas você não me vê assim. Por quê?

— Você é um alienígena.

— Sim, você mencionou isso, mais ou menos doze vezes. O que importa?

— O que importa? — repetiu. — Muito! Você pode desaparecer quando quiser, e usa uma nave espacial ao invés de carro.

— Um meio rudimentar de transporte, porém tem seu charme.

— Sim, como o meu computador. "Primitivo, mas interessante", seriam suas palavras. Não duvido que possa pensar com velocidade maior que a da máquina.

— Achei que ficaria impressionada.

O comportamento de Eva era tão estranho quanto o lugar. Se ela ao menos soubesse o risco que Urich corria por estar ali, talvez mostrasse compreensão, ao invés de abandoná-lo emocionalmente, quando precisava, tanto dela. Entretanto, Urich não poderia revelar a situação verdadeira. Exibiria-se um pouco, mas Eva não tinha motivos para recusá-lo.

— Não pretendia aborrecê-la — afirmou, acariciando-lhe o rosto.

— Mas me deixou preocupada. Sou tão evoluída quanto um fóssil, se comparada a você. — Balançou a cabeça, afastando-lhe a mão, e repetiu: — Um alienígena...

— Já concordamos sobre isso. Por que os humanos fazem tanto alarde sobre visitantes de outros planetas? Que tipo de mentalidade acreditaria que, em todas as galáxias, este seria o único planeta com vida inteligente? É um absurdo! E arrogante! Eva, agora que já esclarecemos, gostaria de abraçá-la.

— Não — afirmou, angustiada. — Você deve estar querendo algo de mim. Que outro motivo o traria de tão longe para ter um relacionamento comigo?

— Parece que estava mais feliz quando pensava que eu fosse um holograma.

— Hologramas não decepcionam as pessoas. Você me traiu, Urich. Fez-me acreditar que eu tinha algo além do físico, que eu tinha o poder de... — Ela o tocou, e suspirou. — Mente sobre a matéria!

— Mas você possui esse poder. E muitos, muitos mais. Tudo em que fiz que acreditasse era verdade. A única desonestidade foi ocultar minha origem, e isso era essencial.

Urich sentia-se culpado por ter um segredo ainda mais importante. Detestava escondê-lo, mas Eva não estava preparada para ouvir toda a verdade.

Por enquanto, ele deveria ficar agradecido por conseguir um pouco mais de tempo, que usaria na busca da solução para o dilema que viviam.

Naquele momento, precisava resolver outro problema.

A mente de Eva estava um caos. O único pensamento claro era que ele a decepcionara, e que, sendo um alienígena, até mesmo seu toque seria suspeito.

— Diga-me, você teria confiado em mim e me trazido para sua casa, se eu tivesse lhe contado quem sou, desde o princípio? — indagou, segurando-a pelos ombros e detestando o modo arreado como Eva o tratava.

— Acho que não — admitiu. — Não teria acreditado em você, e então, se me convencesse... Está bem, provavelmente eu teria enlouquecido. De fato, acredito que estou perto disso.

— Uma reação típica dos seres humanos. Sua raça possui a tendência de temer o que não compreende. Há muita coisa que não entendo sobre você, em especial suas emoções, mas estou fascinado com tudo o que tive o privilégio de absorver.

— Absorver?

— Sim — confirmou, relutante. — Veja, Eva, venho de uma civilização regida pela lógica, mas limitada em sua capacidade emocional. Nós, os kronianos, não fomos sempre assim, e ainda temos resquícios de nossa natureza básica. Em um esforço para recuperar o que perdemos, penetrei em sua mente e conheci seu coração. E

infinitamente mais complexo do que os poderes que compartilhei com você.

Eva estremeceu, lembrando da experiência no terraço. Começou a rir. Gargalhou até as lágrimas aflorarem em seus olhos. Estava histérica. Quando parasse, acordaria para descobrir que tudo não passara de um sonho.

— Não é um sonho. — A voz de Urich invadiu-lhe os pensamentos. — Acalme-se e pare de agir assim. O efeito que causa em mim é incomodo.

— Então vá embora! — Eva balançou a cabeça. Sentia-se violada sendo submetida à calma que ele ordenou.

Urich a olhou, divertido.

— Minha presença no terraço a ajudou a vencer suas limitações. Não compreendo por que se arrepende.

— Não ocorreu a você que eu pudesse querer alguma privacidade? Você poderia ao menos ter perguntado: posso entrar em sua cabeça e sondar seu coração a fim de absorver toda a emoção e os pensamentos?

— O fluxo de emoções me intriga — retrucou, com uma serenidade irritante. — Como aquelas que criou em mim, são fortes e desconhecidas, difíceis de serem analisadas. Espero compreendê-las melhor, observando o que é chamado de natureza humana. As informações são muito valiosas para aqueles que estão esperando que eu as forneça. Vai me ajudar, não é? Em troca, dividirei meu conhecimento com você.

Então, ele queria compreender a natureza humana, não é?

— Está bem, Urich, guarde isto no seu banco de memória: minhas emoções são minhas e vou compartilhá-las quando eu quiser. Não existem para serem trocadas ou negociadas, e mesmo que fossem... bem, vasto como é o seu conhecimento, não lhe serviria de nada em se tratando de sentimentos. Eles são instintivos e únicos para cada pessoa. Além disso, emoções não fazem sentido.

Urich considerou o que Eva acabara de dizer-lhe. Suas próprias emoções se dividiam entre a necessidade de um abraço de consolo, uma palavra gentil e a busca frenética da explicação lógica. A natureza humana não é assim. Se pretendia viver

entre os humanos, precisaria, ao menos, tentar ser como eles. Decidido a ir em frente, afirmou, determinado:

— Quero tentar fazer do seu jeito. Primeiro, deixe-me ver se entendi. Minha intromissão a deixa irritada. Não importa se estou com fome, ou melhor, faminto pelo que está dentro de você, porque não poderei pegá-lo a menos que deseje me dar. Certo?

— Sim, você pode aprender!

Eva parecia pensar que ele não era astuto, e isso fez com que se sentisse insultado. Seria um bom sinal? Sim, Urich acreditava que sim. Talvez estivesse desenvolvendo um pouco da natureza humana para adquirir seu lado emocional. Ainda assim, não estava preparado para essa nova missão que assumiu, concordando em não perscrutar a alma de Eva.

—Você está certa, eu posso aprender — comentou, sem demonstrar que ficara magoado. Uma discussão não o levaria a seu objetivo, mas um pedido sincero talvez conseguisse. — A pergunta é: quanto tenho a aprender? A humanidade é como um labirinto no qual estou perdido, e só tenho você para me ajudar. Essa missão é muito perigosa para mim.

— O que quer dizer com isso? — perguntou, alarmada. — Nossa atmosfera lhe faz mal? Se teme que eu estrague seu disfarce, esqueça. Nunca faria nada que o colocasse em perigo.

Urich despertara seus instintos de proteção. Entretanto, aquilo não era exatamente o que ele desejava. Queria, um abraço, um beijo e simpatia. Isso ele poderia conseguir sem sentir-se culpado por infringir as regras.

Naquele momento, ficaria feliz em sentir-se seguro. Então, perguntou:

— Você ainda se importa comigo?

— Claro que sim!

— Mas há poucos momentos, parecia não se preocupar. Como seus sentimentos podem mudar tão rápido?

"Leia a minha mente. É algo que não poderia explicar", pensava Eva. Contudo, Ulrich recusou-se a ouvi-la. Ela deveria dizer-lhe o que quisesse que ele soubesse.

— Digamos apenas que sou mulher — replicou, por fim.

Então, ela fez algo maravilhoso, algo que nenhum kroniano faria. Pegou a mão de Ulrich e afagou-a.

— Sinto muito por ter sido egoísta e fazer com que pensasse que não me importo. É que estou me ajustando. E também muito preocupada com o perigo que você possa estar correndo.

— Sua preocupação me faz sentir feliz. Quente. Você está certa, preciso experimentar meus próprios sentimentos, e não roubar os seus. Há o perigo que mencionei, as emoções humanas podem ser tóxicas para a minha raça. Uma vez, mandamos um emissário para descobrir se poderíamos conviver em harmonia com a sua gente. Ele não sobreviveu.

Eva imaginava se o outro visitante tivera morte trágica.

— Não, não foi isso — comentou Ulrich, rindo. Ao ver o olhar de Eva, acrescentou: — Força do hábito. Desculpe-me.

— Está bem, você vacilou. Está sendo difícil compreender tudo. — Eva relaxou um pouco. — Preciso me sentar, mas antes quero uma bebida.

— Você se importa se eu beber com você?

— Você pode ficar com o bar inteiro, que não é grande coisa. Enquanto me conta mais, tentarei recobrar o bom senso.

— Seus sentimentos são de grande importância em tudo o que diz ou faz — observou, vendo-a dirigir-se ao bar

— O que gostaria de beber? Conhaque ou cerveja?

— O mesmo que você.

Eva levou um susto. Em um segundo ele estava a vinte passos de distância, e no instante seguinte, respirava próximo a seu pescoço.

— Gostaria que não fizesse isso. Meus nervos já estão bastante abalados.

— Óbvio. — Urich apontou para o copo quase transbordando e fez o líquido excedente retornar para a garrafa. — As leis de gravidade não são tão rígidas quanto pensa.

— Óbvio — retrucou Eva.

— Você fez uma piada — riu Urich. — Outra qualidade humana que não nos permitimos com frequência. Mas deveríamos. Somos muito sérios, se comparados a vocês.

— Pensando em meu senso de humor, tenho certeza de que vocês devem ser verdadeiros comediantes. — Eva cruzou os braços em frente ao copo e voltou-se para Urich. — Conte-me, o que aconteceu ao sujeito que não sobreviveu? O que aconteceu a ele antes de morrer?

— Para ser exato, Mylar foi eliminado.

Urich exibiu um sorriso sedutor. Inclina-se, próximo aos lábios de Eva. Ela colocou o copo entre eles.

— Eliminado — repetiu, tentando ignorar o efeito da proximidade de Urich. — Quem fez isso?

— Nós, é claro. — Diante da expressão horrorizada de Eva, explicou: — Foi um ato de compaixão. Algumas vezes somos capazes de sentir pena. Tenha compaixão, Eva. Estou sofrendo. Beije-me... beije-me.

— Depois que terminarmos esta conversa. O que havia de errado com Mylar, cuja morte pareceu-lhes a melhor opção?

— Estava destruído pela loucura. As emoções que tentou assimilar mostraram-se mais fortes do que ele podia suportar. Nós o levamos de volta e fizemos o possível para recuperar-lhe a mente e o corpo, porém os esforços foram vão.

— O corpo dele? O que aconteceu?

— Muitas coisas. Ele arrancou os olhos, para livrar-se das visões, e depois tentou arrancar o coração.

— Arrancar o coração! Por que faria isso?!

— Em um raro momento de lucidez, ele disse que eram as partes que mais o afligiam, o centro das emoções, e não suportava a dor que o invadia. Mylar negligenciou em proteger-se das forças negativas, como ódio, violência e inveja, e um tipo de guerra entre o bem e o mal o consumiu. Então, honramos os serviços que prestou, concedendo-lhe o pedido para que acabássemos com o seu sofrimento.

— Que história trágica! Por que Mylar não foi embora antes que tanto estrago fosse feito?

— Pela mesma razão que estou aqui, quando a lógica determina que mantenha uma distância segura entre nós. — Ulrich roçou os lábios no pescoço de Eva, fazendo-a gemer de prazer. Ela estava calma e doce, aconchegando-se em seus braços.

— Mylar ficou por uma mulher — explicou.

— Por que não a levou com ele? A mulher que ama um homem faria qualquer coisa, iria a qualquer lugar para ficar ao seu lado.

— Amor — sussurrou Ulrich. — É como um vírus nas veias, na mente e no coração.

— Sinta o meu coração batendo. — Eva encostou o corpo no peito de Ulrich. — Ele bate forte por você. Acho que estou apaixonada.

—Eva... Eva. — Ulrich respirou fundo, procurando conter os instintos que aquelas palavras despertavam.

— Temo me tornar vítima dessa doença.

— Não é uma doença. Apaixonar-se é maravilhoso. Mesmo quando é horrível, é incrível.

— Nunca amei ninguém. Dói?

— Algumas vezes — murmurou, colocando os braços ao redor do pescoço dele. — Machuca quando seu amor não é correspondido. E também quando é. No entanto, é uma dor gostosa sentir que o coração está tão repleto que dá vontade de chorar de felicidade.

—Chorar de felicidade. É uma contradição. Nunca chorei — confessou, entre

beijos. — Lábios nos lábios e língua sentindo outra língua, nunca experimentei nada assim. E tão delicioso e difícil de descrever. Como pude viver sem isso? Eva, o que você faz comigo?

— Espero que seja, no mínimo, metade do que você faz comigo. — Pegou a outra mão dele e colocou em sua cintura. — Pode sentir meu corpo desejando-o?

— Sim. Aqui é o seu templo. O seu lugar sagrado.

— Que seja... faça amor comigo.

— Não sei como fazer amor. Não fazemos como vocês — explicou.

— Então, me possua do seu modo.

Urich conseguiu desanuviar a mente. Pensou no prazer que teria e também nas consequências daquele ato.

— É sagrado e selvagem. Sinto muito, Eva, não posso.

— Vou ensiná-lo a fazer amor como um homem.

Sabendo o quanto estava desesperado por isso, Urich afastou-se e olhou para a garrafa de conhaque.

— Eu nunca deveria ter bebido esse afrodisíaco. O efeito é longo, mas felizmente estou recobrando o controle.

— Tire a camisa — pediu afagando-lhe o peito. — Perca o controle e me possua como um homem. Faça como naquele dia no terraço.

— O que lhe dei no terraço não foi mais do que uma carícia, um afetuoso beijo em sua alma. Você precisava se libertar, aceitar parte de si mesma, e sinto-me honrado por ter ajudado. Entretanto, foi só um beijo.

— Você é muito generoso, Urich. Deixe-me ser também generosa e em troca proporcionar a sua liberdade.

— Não sou tão generoso quanto pensa. O que fiz não foi só por você, foi por mim também. Estava impaciente e quis acelerar sua consciência para que me trouxesse até aqui. Mesmo agora, lhe digo "não" quando tudo o que sinto e penso é sim. Acredito que agi mais por egoísmo do que por bondade.

— Seja egoísta. — Eva provocou-o com a coxa entre as pernas dele. — Seja meu amante.

— Um amante? Posso ser muitas coisas, mas nunca um amante como você espera.

"Alerte-a, assuste-a, faça qualquer coisa. Pare essa loucura, pela segurança dos dois", pensou Ulrich. Agarrou o pulso de Eva e levou até a boca. Ergueu o lábio superior; e expôs os incisivos brilhantes e ameaçadores. Ela prendeu a respiração ao sentir o contato dos dentes afiados na palma de sua mão.

— Você não sabe o que está pedindo — afirmou Ulrich num sussurro sinistro. Beijou-lhe a mão. — Você desperta o meu desejo, Eva, mas não sou humano.

CAPÍTULO NOVE

Ulrich poderia ter enganado Eva e fingido ser humano com facilidade. Precisou apenas de dois dias na Terra para descobrir o futebol, e agora estava grudado à televisão.

Ela detestava o jogo. Os locutores eram mais aborrecidos do que os espectadores, que enlouqueciam diante das manobras. A cama de Eva permanecia solitária. Apesar dos avisos de Ulrich, ela o convidara a dormirem juntos, apenas dormir. Tudo o que desejava era ser abraçada, todavia ele afirmou que seria muito tentador e fez referência a algum código de honra dos alienígenas.

Ela não gostou, nem compreendeu, mas a honra merecia respeito. E saber-se desejada bastou para agradar seu ego.

— Eva, venha se sentar ao meu lado. — Ulrich apontou o sofá, mas com sorriso maroto, ela sentou-se em seu colo. — Por que me tortura assim?

— Porque é divertido. E porque você merece, por me torturar com esse chatíssimo jogo de futebol.

— Um pouco bárbaro, mas há muita estratégia para ser qualificado como chato.

E parece ser apreciado como entretenimento.

— Você está gostando disso, não é?

— De fato, gosto. Não é o tipo de atividade que meu povo aprova. Qualquer forma de combate é considerada repugnante, exceto os debates. Nossas guerras são restritas às palavras.

— Então, além desses debates, o que fazem para se divertir?

Urich pensou por um momento e sorriu.

— Não nos preocupamos tanto com divertimento quanto vocês. Entretanto, temos algo parecido com uma máquina do tempo para quando a necessidade de diversão surgir.

— Você me leva até lá para eu experimentar?

— Na hora certa.

— Por que não nos transporta para lá, olhamos a máquina e depois voltamos?

— Porque...

— O quê?

— Você precisa antes aprender algumas coisas, e não posso voltar até que tenha feito um relatório valioso.

Uma mentira. Teria um encontro com Raven e Zar dentro de doze horas. E uma vez que os encontrasse, Urich mentiria. As mentiras nunca pareciam suficientes.

— Bem, já que veio até aqui para analisar seres humanos, e experimentar algumas emoções... vamos até a cidade. Você vem tomando notas sobre mim desde que chegou aqui, e acho que está pronto para conviver com outras pessoas. Além disso, depois que fizer o relatório, poderei visitar seu planeta. Aposto que deve ser uma grande viagem.

— Sim, é.

— Por que tenho a impressão de que você não quer me levar até lá?

— Eva, acho que suas expectativas são muito diferentes do que irá encontrar.

— Não me diga que encontrarei pequenos marcianos, e que, chegando ao seu

planeta, você também se transformará em um deles — brincou Eva.

— Nós somos humanóides. E, como os humanas, nossas características variam de acordo com a herança genética.

— Então, você é considerado um bom partido? — Ao ver que ficara intrigado, explicou: — Tem boa aparência, é bonito, atraente. O tipo de homem pelo qual as mulheres brigariam.

Mulheres. De súbito, Urich sentiu-se desconfortável.

— Atração física não é importante para nós.

— O tipo de lugar que Cindy Crawford detestaria, e que a maioria de nós amaria. Comer muito chocolate, esquecer a maquiagem, não se preocupar com roupas. Parece bom, exceto pela falta de interesse sexual.

Urich concentrou-se na televisão, na esperança de que Eva desistisse daquela conversa. Observar deixava de ser interessante, e ele gostaria de participar do jogo.

Observou a bola escorregando entre as mão dos jogadores que tentavam segurá-la. Estava prestes a ajudá-los quando Eva mudou de posição. Sentou no seu colo, de frente para ele, as pernas abertas. Urich sentia-lhe os quadris em seus joelhos e os seios à sua frente. Ela suspirou, satisfeita.

— A herança genética é muito interessante. Sorte minha que herdei os seios da família da minha mãe. Infelizmente, os quadris vêm de meu pai. Mamãe diz que eles ficarão mais largos quando tiver filhos. Ela quer que eu encontre logo um homem decente e lhe dê netos, mas o tempo está passando e acho que estou ficando velha.

— Você quer filhos.

— Claro que quero. Mas encontrar um homem decente que me faça sentir tão indecente como você faz, não é uma tarefa fácil.

Aquela conversa estava ficando mais dolorosa que a angústia física que sentia. Se continuasse assim, teria que fazê-la dormir, antes que dissesse ou fizesse algo irreparável.

O silêncio de Urich apenas serviu para deixá-la mais falante.

— O tipo silencioso e forte é muito atraente para mim. Mamãe afirma que sou muito seletiva, mas, depois de John, decidi que é melhor ficar sozinha do que com o homem errado.

— Uma sábia decisão.

— Também acho. Por outro lado, posso deixar de experimentar algumas coisas e passar o resto da vida me arrependendo. Uma coisa é certa: não me arrependo de tê-lo trazido para cá. A casa parecia muito vazia, cheia de fantasmas, mas você trouxe vida a ela. E a mim também, Urich.

Apesar de suas palavras dizerem muito, o olhar de Eva falava muito mais.

— Sua casa é como você, Eva. Quente, confortável e repleta de contrastes fascinantes. — Percebendo que permitia uma intimidade que ambos desejavam, Urich brincou com ela, torcendo-lhe o nariz.

Depois, concentrou-se no jogo.

— Acho que está mais interessado nesse jogo do que em mim.

— Acho que não... gol!

— Minha mãe é uma viúva do futebol. Ela compensa gastando dinheiro, enquanto meu pai bebe cerveja e torce para o seu time.

— Isso!

— Bem, já chega de falar dos meus pais. E os seus? Você se parece com que lado da família? Da sua mãe ou do seu pai?

Ela era insistente. Aquele era um assunto delicado para ele. Outra característica humana. Parecia-lhe que estava se tornando humano depressa demais. Gostava da comida da Terra e das roupas. Estava entretido com o jogo com o qual Eva competia, deixando-o frustrado com as suas interrupções, e, ao mesmo tempo, feliz com a necessidade de atenção que ela demonstrava.

Vaidade, outra auto-indulgência a que os kronianos não se permitiam. O ego de Urich insistia em que não havia necessidade de ocultar de Eva o que era ignorado pela maioria de seus conhecidos.

— Pareço mais o com meu pai, um kroniano. Minha mãe veio de outra raça conhecida por seus poderes do controle da mente e da matéria. Sou mestiço, e isso me deixa ainda mais isolado do restante dos kronianos, uma espécie solitária.

— Posso entender.

— Eu sei. Essa é uma das razões que me faz sentir mais à vontade com você do que com qualquer outra pessoa.

— Até mesmo com sua mãe?

— Eu a mal conheci. — Havia tantas coisas que precisaria contar a Eva. — Ela foi extinta logo após meu nascimento. Era a última sobrevivente de sua raça, descoberta por meu pai, que afirma que ela manipulou sua mente a fim de casar-se com ele. Só tiveram um filho. Eu.

— Quer dizer que ele não a amava?

— Mesmo naquele tempo, o amor era algo raramente experimentado. E aqueles que se aventuravam, inspiravam piedade, por terem perdido a razão. — Deixaria que tivessem pena dele. Urich teria compaixão por todos os que não experimentaram e perderam tanto.

— E muito triste. Por favor, não me diga que foi seu pai quem a "extinguiu".

— Céus, claro que não. Apesar de a eutanásia ser aceita, como no caso de Mylar, assassinato não existe entre nós. Minha mãe foi envenenada. — Urich olhou os seios de Eva, e desviou o olhar para o jogo. — Eva, por favor, falta menos de dez segundos para o final da partida. Os times estão empatados. Quem você acha que vai ganhar?

— Não me interessa.

— Divirta-me.

— Só se fizermos uma aposta: se eu ganhar, você toma uma cerveja.

— Proponho outro acordo: se eu ganhar, você me deixa ver o próximo jogo em paz enquanto sai para fazer compras.

— Feito. Fico com o San Francisco.

— Não creio que ganhe. — Urich apontou para a bola e a fez cair nas mãos do time para o qual torcia, acompanhando a jogada. Ao fazerem gol, gritou: — Sim! Sim! Sim! Gol!

— Você não pode fazer isso!

— Mas já fiz — afirmou, sorrindo.

— Não é justo.

— Por que não? É só um chatíssimo jogo de futebol, lembra-se?

— Bem, sim, mas... não é justo.

— Como vocês terráqueos dizem, tudo é justo no amor e na guerra. De fato, começo a gostar do jeito como pensam.

— Acho que você trapaceou.

— E acho que não sabe perder. — Urich passou a língua nos lábios de Eva, e, enquanto ela se distraía com a carícia, ele afirmou, categórico: — Eva, eu ganhei.

CAPÍTULO DEZ

— Como estou me saindo? — indagou Urich, apertando a mão de Eva sob a pequena mesa, enquanto observava o restaurante de Chinatown com muito mais do que apenas seus olhos.

— Ótimo — assegurou-lhe. — A não ser... não quero parecer exigente, porém, quando sair com alguém, é considerado indelicadeza parecer mais interessado no que acontece ao redor do que na pessoa que está a seu lado.

Dessa vez, Urich percebeu que o desejo de Eva por atenção estava mais relacionado aos princípios do comportamento social.

— Você é uma boa professora — afirmou, com carinho. — E também é mais bonita do que qualquer pessoa por aqui.

Eva olhou para a mulher que ele estivera observando.

— Não sou feia, mas...

— Bonita — insistiu.

— Está bem. Sou bonita. Contudo, aquela mulher é maravilhosa. — Apesar de Eva sorrir, Urich notou-lhe a preocupação. — Há milhares de mulheres que adorariam colocar as mãos em você. Pode ser que se interesse por algumas, delas... e tenho medo de perdê-lo, como perdi John. Todavia, seria mil vezes pior.

Ele poderia ter dito que, quando os kronianos encontram sua parceira, é por toda a vida, e a infidelidade não existe. Entretanto, não podia revelar a Eva, e isso o enfureceu. Com dificuldade, dominou a raiva e afirmou com falsa tranquilidade:

— Jamais me perderá para outra mulher, Eva. Em todo o universo não há ninguém como você.

— Fico feliz que pense assim.

— O mais importante é que você acredite — lembrou-a, e então confessou: — Gostei de dizer-lhe isso. Você tem me guiado nos últimos tempos, e começo a ter saudade dos nossos encontros na sala de experiências.

— Eu também. Quer ir até lá mais tarde? — Esperançosa, acrescentou: — Ou talvez brincar com sua máquina do tempo?

— Não precisamos de nenhum dos dois. — Urich apontou para sua testa. — Seus poderes são como os meus. Vamos fazer uma tentativa com os seus, está bem? Abra a sua mente e visualize uma linha, como um fio de telefone, indo na direção da mulher de quem estávamos falando.

A expressão curiosa de Eva não combinava com o movimento de cabeça, desaprovando-o.

— Não quero fazer isso.

— Oh, vamos, Eva. Qual é o problema de dar uma espiada? — Diante da hesitação, ele a provocou: — Por que tenho a impressão de que se esconde atrás da moralidade pelo medo de falhar?

— Já venci essa etapa.

— Vou ajudá-la.

— Posso fazer sozinha.

Urich deixou que vencesse as dúvidas e, mentalmente, dirigiu-se ao alvo. Percebendo que se dirigia a uma criança duas mesas à frente, ele interferiu e guiou-lhe as ondas telepáticas.

— Oh, não. — Eva tocou-lhe a mão, e murmurou, angustiada: — Quero voltar. Traga-me de volta, Urich.

Segundos depois, ela sorvia o vinho que ele não ousava tocar, porém desejava. Havia tantas coisas humanas que gostaria de experimentar, e tantas que não gostaria.

— Aparência pode ser decepcionante, não é?

— Fico tão feliz por não de ser aquela mulher.

— Triste, não acha? Sair de casa, certa de que a bela aparência lhe proporcionaria uma carreira no cinema. Promessas vazias e quebradas após ter sido usada, depois descartada.

— Ela quer voltar para casa, mas está envergonhada.

— Sim, é muito orgulhosa para voltar, após ter mentido sobre quem conhecia e como estava se saindo bem. É estranho que o orgulho a mantenha afastada daqueles que de fato a amam, quando é a falta de orgulho que a faz estar aqui com o produtor casado que não a ama. Ela não suporta a idéia de fazer amor com ele, mas fará. E odeia a si mesma por isso.

— A garota que deixou Iowa com tantos sonhos... — Eva suspirou, triste. — Sinto por ela. Você não ficou com pena?

— Poderia. — Urich gesticulou, apontado para o resto das pessoas que jantavam. — Como sentiria pena, ou alegria, ou esperança pela maioria deles. Perceber as emoções ao nosso redor é quase sufocante, é como uma agressão da qual preciso me proteger. — Pressionou as têmporas, procurando ignorar os ruídos.

— Urich? Você está bem?

— Estou com uma forte dor de cabeça. — Com um sorriso tenso, concentrou-se em Eva. Ela era a sua melhor defesa, um bálsamo. — Mereci por ter prestado mais

atenção ao que ocorria ao meu redor do que a você, cuja companhia é um prêmio para mim.

Um súbito acidente próximo à mesa deles, seguido de uma conversa irritada entre o patrão e a garçonete, que de joelhos recolhia os pratos quebrados e a comida quente que devia estar queimando-lhe as mãos. Uma indevida liberação de energia da parte de Urich desequilibrara alguma coisa no ambiente.

— Que mesquinho! — comentou Eva. — A pobre mulher deve ganhar uma miséria, enquanto aquele sujeito vive do lucro que obtém.

— É verdade. — Disposto a parar com aquele abuso de poder, Urich se levantou.

— Aonde vai?

— Limpar a bagunça pela qual sou responsável.

— Urich, irá causar mais problemas a ela. É melhor ignorar o que está acontecendo.

— Essa é uma atitude da sua sociedade que não aprecio, tanto quanto a cena que não pretendo ignorar. — Após a afirmação, retirou-se.

— Ela é desajeitada — afirmou o outro homem, como se isso desculpasse sua falta de educação.

— Você é cruel. — Urich percebeu o mal na alma daquele homem. Era como uma minhoca devorando-lhe o cérebro.

Urich ajoelhou-se e pegou a mão escura da mulher. Ela arfou e o olhou com gratidão e medo. Medo do alívio que ele lhe proporcionou; medo do patrão que os observava.

Apesar de ser capaz de fazer voltar tudo ao normal com um simples movimento da mão, Urich forçou-se a oferecer-lhe ajuda como um ser humano faria.

Ou ao menos, como um ser humano deveria fazer. O desapontamento que sentiu em relação às outras pessoas presentes no restaurante deu lugar à aprovação, quando um par de mãos se juntou a ele. Eram as mãos de Eva. E então, apareceram uma

criança e sua mãe. Mais mãos do que o necessário, porém importantes no que simbolizavam.

A garçonete agradeceu-lhes, efusiva, com seu inglês precário, contudo a linguagem de seu coração, era universal. Havia lágrimas em seus olhos, e Urich percebeu sua bondade. A vida não a tratara com gentileza.

Enquanto os outros voltaram às suas mesas, exceto Eva, Urich apanhou a bandeja.

A animada conversa no restaurante cessara. Todos os olhares os observavam: a garçonete lhe pedia a bandeja que ele se recusava a entregar. Urich leu o pensamento do homem que planejava se vingar da mulher assim que estivessem sozinhos.

— Você é cruel — repetiu Urich. Controlou a mente dele, deixando-o de olhos arregalados. — Você deve se desculpar. Faça isso.

— Des... desculpe-me.

— E agora, peça desculpas a todos nós por ter estragado nosso jantar com o seu comportamento deplorável.

— O jantar será... por minha conta.

Avarento como ele era, Urich soube que sofreria mais no dia seguinte do que já estava lamentando agora. Seu cérebro ansiava por um ato malévolo.

— Pegue isto.— Urich entregou-lhe a bandeja. Todos os instintos do homem se rebelaram. Ele não possuía humildade ou solidariedade.

Urich decidiu dar-lhe uma lição nos dois sentidos.

O homem colocou as mãos nos testículos, e lá se foi a bandeja para o chão, enquanto pulava num pé e noutro, os sapatos escorregando no talharim e no molho.

— Confúcio diz que quem trata os outros como cães será atirado como osso aos lobos — informou Urich, sorrindo.

O homem se retirou e sumiu atrás das portas de vaivém. Um grito provou a Urich que as portas o atingiram no rosto, como lhes fora ordenado. Satisfeito, voltou-

se para os outros, que observavam a cena.

— Formigas em sua calça — explicou.

Todos começaram a rir. Ele colocou o braço ao redor do ombro de Eva e partiram.

— Você colocou formigas na calça dele? — indagou Eva, ao se afastarem do restaurante.

— Apenas a sensação, uma imagem viva em sua mente.

— Espero que ele não desconte a raiva naquela pobre mulher.

— Não fará isso. Tomei precauções nesse sentido.

— O que mais você fez... além das formigas?

— Digamos que o convenci de que se quiser manter seu órgão sexual, deverá tratá-la com gentileza. Ela receberá um bom aumento para sustentar a filha.

— Urich, Urich — suspirou. — Não sei se devo abraçá-lo até deixá-lo em pedaços, ou se o deixo brincar de ser Deus.

— Não sou nenhuma divindade, e não gostaria de carregar essa responsabilidade em seus ombros. Abrace-me com muita força — pediu, desejando o conforto humano.

Ela o abraçou, mais e mais forte. Urich gostaria de segurá-la e jamais deixá-la partir. Em breve ele encontraria aqueles que queriam tirá-la dele. Desejava fazer amor com ela, gostaria de ser um homem.

Não podia pensar nisso. Frustração levava à raiva, e Urich procurou evitar essas cegas emoções. Temendo machucá-la, suavizou o abraço. O amor era tão terno quanto o beijo que trocaram.

Eva o beijou várias vezes, de maneira desvairada e apaixonada, até que ele se consumisse com o desejo de tirar-lhe as roupas. Agora lutava contra o animal que existia dentro de si. Foi o homem que queria ser que controlou o lobo e o fez interromper o beijo.

— Você é uma feiticeira. A mulher que me encantou. Eu lhe daria o mundo se

pudesse, Eva. Entretanto, não posso nem comprar-lhe um presente — comentou, indicando uma loja enfeitada com a figura de um dragão. — Talvez devesse encontrar em emprego. Isso seria uma experiência, e lucrativa.

— Tenho uma idéia melhor. Você pode me ajudar com o meu trabalho. Formaremos um time, e isso significa que dividirei meu pagamento com você.

— Mas lhe daria tudo de graça.

— A descoberta precisa seguir seu curso natural, como os relacionamentos, e seria um erro chegar aonde pretendo antes de estar preparada.

— É muito sensata. Por isso olhei todo o universo e não encontrei ninguém que se comparasse a você.

— Hum?

— Deixe para lá. — Puxou-a em direção à loja. — Vamos encontrar algo especial para comemorar a noite. E o meu novo emprego. Comprarei com um adiantamento do que receberei.

Ao entrarem na loja, repleta de aromas e objetos, Urich perguntou-se como poderia deixar esse mundo, tão diferente do dele. Kroma parecia-lhe cada vez mais uma nação estrangeira à qual ele não pertencia. Fazer parte de algum lugar era uma sensação indescritível. Experimentava vários sentimentos novos.

Ao vê-la observar um xale, teve vontade de comprá-lo para dar-lhe de presente. Gostaria de possuí-la e cobri-la de todos os luxos daquela loja.

Dinheiro. De repente desejou ter muito dinheiro e não queria tomar emprestado de Eva. Cobiça. Orgulho. Possessividade. Ele poderia se tornar humano com todas essas emoções.

Um homem a olhava nesse momento. Ciúme. Contendo o impulso de atirá-lo pela janela, Urich pegou o xale e colocou-o sobre os ombros de Eva.

— Isto é seu — anunciou. Então, em um tom bastante alto para que todos pudessem ouvir, afirmou: — E você é minha.

Eva, ruborizada, olhou-o, embaraçada e feliz com o pronunciamento. Passou a

mão pelo xale e sussurrou-lhe:

- É tão gostoso e macio quanto seu peito.
- Deixarei que brinque com ele esta noite — murmurou.
- Para ser justa, deixarei que faça o mesmo.

Urich olhou para os seios e depois afagou-lhe o pescoço.

Havia uma maneira de conseguir seus objetivos e ainda protegê-la das razões que o trouxeram ao planeta.

- Estou com fome — comunicou Urich. — Vamos.

Colocou o braço ao redor da cintura de Eva, e dirigiu-se à caixa registradora. Quando passaram pelo homem que a olhou, Urich mostrou os dentes, alertando-o. Sua expressão feroz fez o sujeito ir embora.

No caixa, Eva abriu a bolsa, mas, antes que encontrasse a carteira, Urich afirmou:

- Esse é um presente que quero lhe dar, portanto, eu pago.
- Mas você não tem nenhum...
- Aqui está o dinheiro. — Retirou um maço de notas do bolso e entregou-o ao funcionário. Antes que Eva pudesse protestar, acrescentou: — Guarde o troco.
- Senhor, deve haver mil dólares aqui, e o xale só custa cento e cinquenta.
- Gostaria de comprar mais alguma coisa, Eva? Qualquer coisa que queira será seu. — Entendeu o olhar de reprovação como sendo "não". — Nesse caso, levaremos apenas o xale. Vamos, querida.

Uma vez na rua, Eva atirou-lhe o xale.

- Não posso ficar com isto! Devolva-o, diga que não o quero mais e pegue o dinheiro falso de volta.
- Não é falso. Eu o peguei emprestado de uma das casas da moeda do seu governo. Vou materializá-lo de volta assim que ganhar meu dinheiro.
- Não é assim que funciona. O que fez foi errado, Urich.
- Querer lhe dar um símbolo da minha afeição não é errado. Sua rejeição é. E

isso me... magoa. Sim. Dor é o que estou sentindo.

E mais, muito mais. O fogo do olhar de Eva, o rubor das faces e os lábios carnudos funcionavam como estimulante. O corpo de Urich reagiu, liberando os hormônios que atraíam as fêmeas e ativava-lhes os instintos de procriação.

Eva sentiu o aroma irresistível. Urich sorriu, vendo-a tentar manter a raiva e já perdendo a batalha antes de começar.

— Você... não deveria ter emprestado aquele dinheiro. Prometa-me que não fará mais.

— Só se você aceitar meu presente e me agradecer com um beijo.

Eva puxou-o pelo pescoço e estava prestes a beijá-lo quando outra mulher passou e virou-se para olhá-lo. Eva observou-a afastar-se relutante. Várias outras mulheres se aproximaram. Sua reação foi imediata: afastou-o das rivais e emitiu um som entre os dentes.

Urich pegou-a por trás e, estalando os dedos, tirou-os dali. Um segundo mais tarde, Eva ouviu o barulho de ondas e risos distantes, junto com o suspiro aliviado dele.

— Sinto muito, Eva. Ficaremos aqui na baía até que meus hormônios estejam num nível normal. Não deve demorar, depois do susto. — Colocou o xale ao redor dela e riu, lembrando da primeira demonstração de posse de Eva.

— Eu... estava pronta a arrancar-lhes os olhos. — Ainda sentia o perfume e o achava agradável. — O que é isso?

— Perfume natural. É o que os animais machos exalam para atrair as fêmeas.

— Bem, não precisa de nada para me atrair, e não gostaria de me sentir como um bicho outra vez.

— Eu gostaria — murmurou em sua orelha, contornando, a seguir, a jugular com os dentes. — Há um animal dentro de você, Eva. Alimente-o. Ele é a força de que você precisará para sobreviver ao animal que existe em mim.

CAPÍTULO ONZE

Eva lembrou da ferocidade com que Ulrich reagiu ao primeiro beijo que trocaram na sala de experiências. Ele nunca havia beijado, e a maneira como ficou extasiado demonstrava que não tinha nada a ver com o modo como sua gente fazia amor. O que será que faziam?

— É isso o que você é? Um animal?

Ele rosnou baixinho e Eva afastou-se, instintivamente.

— Falaremos sobre isso mais tarde. — Suspirou e atirou uma pedra no mar.

— Tem um ótimo braço. Aposto que os times de futebol ficariam malucos por você. Acredito que possa lançar uma bola até as estrelas.

— As estrelas... Não quero voltar para lá.

Eva não desejava que ele voltasse sem ela.

— Onde é sua casa? — indagou, curiosa.

— Passando-se a estrela do Norte, entrasse no buraco negro — explicou, apontando uma estrela.

— Então, de fato existe o buraco negro?

— Claro. — Inclinou-se para ela, sorrindo com indulgência. — Sua excitação é uma alegria para mim.

— Que idade você tem?

— Na sua medida linear de dias e anos, sou quase um ancião. Mas não tão velho nos nossos universos paralelos. Tenho mais ou menos trinta anos, como você.

— Quer dizer que o tempo é diferente lá?

— É... Como posso explicar-lhe? Enquanto vivemos nosso presente, podemos fazer explorações para trás, para a frente e para os lados. Já vi minha participação na história.

— E sobre o futuro? Já viu alguma coisa?

— Variações do que poderia ser. — Sua expressão tornou-se séria. — Nós

criamos nossos destinos com as decisões que tomamos. Mesmo os seres essencialmente lógicos não são imunes a mudanças de idéia. Podem alterá-la, também, por um encontro simples e fatídico. O futuro, Eva, pode e, de fato, muda. É algo que temos em comum com a Terra.

— E apesar de tudo, você me encontrou. Como?

Na verdade, gostaria de perguntar o porquê. Eva ainda não ousou fazer essa pergunta, sabendo que ele lhe daria uma resposta vaga.

Urich desenhou um quadrado no ar, com linhas brilhantes.

— Imagine uma janela flexível. Olhei através dela e a encontrei.

— Espantoso! — exclamou, passando a mão pela figura holográfica que ele criara sem usar o *laser*.

— Não tão surpreendente quanto você. — Urich deu-lhe uma palmada no traseiro.

— Ei! Por que fez isso?

— Considere como um beijo de um kroniano. Uma pequena brincadeira, mas gostaria de fazer uma de verdade. Venha. — Ao ver que ela não se moveu, ele riu e acrescentou: — Vou incentivá-la.

Urich deu-lhe um pequeno empurrão. Ela perdeu o equilíbrio, e ele riu, ao vê-la atirar-se sobre ele. Eva jogou o peso de seu corpo contra seu peito e o derrubou no chão. Segurando-a sobre si, afirmou:

— Muito bem.

— Não me diga que é assim que fazem amor.

— Digamos que quando nos acasalamos, voltamos às nossas origens. Devo dizer-lhe que há lógica nisso. Adrenalina é um poderoso estimulante. — Comprimiu-lhe o quadril contra o seu, não deixando dúvida sobre o forte desejo que sentia. — Então, foi tão bom para você quanto foi bom para mim?

Eva ficou surpresa ao constatar que também reagiu à adrenalina.

— Estranho, mas, de fato, é estimulante. Que tal outro "beijo"?

— O beijo que quero lhe dar... — Urich estudou-a por um momento, e balançou a cabeça. — Muito em tão pouco tempo. Como as descobertas, chegaremos aonde queremos quando você estiver preparada. Contudo, é uma boa aluna, e logo chegaremos lá.

— Chegar aonde?

— Por enquanto...

Com os lábios colados nos dela, Eva ouviu o estalo dos dedos de Urich. Então, escutou vozes ao redor, sentiu o abraço forte, e os pés pisando o chão de madeira. Urich interrompeu o beijo, e Eva percebeu que estavam no porto, próximo a um movimentado bar. Ninguém pareceu ter notado que um casal se beijando se materializou vindo do nada.

— Oh, o delicioso aroma das delícias humanas. Exceto... Há uma má companhia que não desejamos. — Um grito seguido do barulho de alguém caindo na água o fez sorrir. — Pronto. Esta noite ele não vai estuprar aquela garota.

— Urich, você precisa parar de interferir em...

— Você preferiria que eu deixasse algo terrível acontecer, ao invés de fazer o que posso para evitá-lo?

— Claro que não, mas...

— Mas o quê?

Não havia argumentação. Ele era maravilhosamente impossível.

— Também sou louco por você — murmurou Urich, oferecendo-lhe seu braço. — Vamos nos divertir?

Ao caminharem pelo cais, Eva se deliciou com o encantamento dele pelos músicos que tocavam no local. Entretanto, a atenção que ele despertava nas outras mulheres a incomodava.

— Olhe! — exclamou ele, apontando um comediante. — Ele me lembra um produtor de sonhos.

— O que é um produtor de sonhos?

— São criaturas encantadoras. Não são lógicas, todavia criam as mais esplêndidas comédias e tragédias. O mundo deles é real, mas ao mesmo tempo não é. Por falar nisso, li todos os seus livros, e gostaria de ler mais.

— Devo ter milhares de livros na minha biblioteca — comentou, surpresa. — Quando teve tempo para lê-los?

— Pareceu-me mais seguro do que observá-la dormir, quando eu não conseguia pegar no sono, desejando-a.

— Apesar das mãos dele estarem em seus ombros, Eva podia senti-las roçarem o interior de suas coxas. — Para ser mais preciso, você possui mil e vinte livros, mas cinquenta deles não contém o último capítulo. Por que os arrancou?

— Não gostei do final, então aqueci meus pés jogando-os na lareira, enquanto os reescrevia em minha cabeça. Gosto de finais felizes. Gosto de pensar que o dragão pode dormir com a pomba. Você me lembra um dragão.

— E você me parece uma pomba. — Urich fez uma ave aparecer em pleno ar.

Eva ficou encantada, assim como as pessoas ao redor. Virando-se para a pequena audiência, Urich, observou:

— Acho que precisaremos de muitas pombas. — Com um movimento de seus braços, surgiram vários pássaros.

— Uau! — gritou uma criança. — Como você fez isso? Enquanto Urich agradecia a eles, Eva imaginava como sairiam daquela situação.

— Senhoras e senhores — anunciou —, permitam que me apresente: sou Urich, o maior mágico do universo. Bem-vindos ao meu mundo de magia.

Enquanto Eva, em silêncio, rezava para que ele não fizesse nada espetacular, Urich fazia exatamente isso. Soprou fogo de seus lábios, e com os dedos fez a chama dançar.

— Mais! Mais! — gritavam pessoas, batendo palmas. Ele colocou a mão no bolso, e retirou uma orquídea, que entregou a uma menina.

— Há mais flores de onde esta veio. — Procurou nos bolsos, perguntando: —

Aonde teriam ido?

— Aqui! — gritou alguém.

E então outras pessoas fizeram o mesmo.

Eva ficou um pouco desapontada por não ter recebido uma. Então, Urich retirou de sua camisa um lindo buquê.

— Para a minha mulher. — Entregou-lhe as flores, e sussurrou-lhe: — Está na hora de fazermos uma pequena mágica... e sozinhos. — Puxou-a para junto de si e virou-se para a platéia: — E agora, como meu ato final, minha assistente e eu desapareceremos na frente de vocês. Seu xale, por favor?

Gesticulou com o xale, colocou-o nos ombros dos dois, abraçando-a.

— Agora vocês estão nos vendo. E agora... — Estalou os dedos. — Não vêm — completou ao aparecerem na cama de Eva. As flores estavam entre eles. Urich as pegou e deixou-as no chão. — Elas cheiram bem, porém, não se comparam ao seu perfume.

— O que fez foi maravilhoso. Entretanto, o que o florista pensará ao encontrar a loja vazia?

Ela estava sempre preocupada com essas coisas. Ocorreu a Urich que, mesmo admirando a ética de Eva, algumas vezes era irritante. Em especial, quando sua própria ética ficaria comprometida no encontro que teria logo mais.

— As flores vieram de mais de cem lojas, e os donos não sentirão falta de uma ou duas. Gostei do que fiz. Percebi que há uma maneira de usar melhor os meus poderes, ao invés de usá-los na posição que me deram.

— Que posição é essa, Urich?

— Uma posição desconfortável — respondeu, evasivo. Afagou-lhe as coxas e murmurou: — Sim, estou incomodado neste momento. Com as pernas encostando nas minhas, seus seios macios... você está me excitando tanto que até dói.

Urich compartilhou as imagens em sua mente com Eva, ouvindo-a gemer. O desejo de marcá-la era tão intenso, que beijou-a antes que ela pedisse pelo "beijo".

Explorou-lhe a boca, sorvendo a luz de sua alma. Ele só percebeu para onde se dirigiam quando sentiu a mão de Eva tentando abrir o zíper de sua calça.

— Ajude-me. Tire-a. Quero senti-lo dentro de mim.

Ele ficou paralisado. Eva não tinha idéia do que estava pedindo. O "beijo" precisava vir primeiro. Por mais que se afastasse dos costumes de sua gente, esse era um código de honra que não quebraria. Seu respeito pelo acasalamento era tão profundo quanto o desejo e o amor que sentia por ela.

Com um movimento rápido, levantou da cama, afastando-se de Eva. Precisava sair. Estava se dirigindo para a porta, quando ela o alcançou.

— Aonde pensa que vai?

— A qualquer lugar longe de você. Acredite-me, Eva, não iria querer que eu ficasse. Se... — Tocou-lhe o pescoço, com um gemido angustiado. — Eu voltarei.

— Pare aí! Droga, Urich, como ousa fazer isso comigo? Outra vez! Sempre que me excita, joga água fria sobre nós. E então, age como se estivesse me fazendo algum tipo de favor.

— Estou. — Lançou-lhe um olhar feroz, faminto por arrebatá-la com uma simples mordida.

Ao invés de assustá-la, excitou-a ainda mais.

— Não acredito que você...

— Sim?

Eva procurou pela melhor palavra.

— Que você seja uma fera!

— Mais do que imagina, Eva.

CAPÍTULO DOZE

— Você está atrasado.

— Não pude evitar — respondeu Urich para Raven e Zar.

Ressentia-se por ter deixado Eva. Esperara até que ela dormisse, e então, invadira-lhe os sonhos assegurando-lhe que fora o amor que o impedira de deitar-se com ela. Estivera próximo de dar-lhe o "beijo". Um beijo que os uniria e os faria dividir uma intimidade além dos limites humanos.

— Seu olhar está estranho, distante e... suave. — Zar franziu o cenho. — Onde estão seus pensamentos, já que é óbvio que não está concentrado neste encontro?

Urich gostaria de dizer o que pensava sobre tudo aquilo, porém, sabendo que isso os deixaria desconfiados, olhou para Zar com firmeza, explicando:

— É verdade. Minha mente não está aqui. Se você se arriscasse entre os humanos, também estaria distraído.

— Há apenas um humano com o qual estamos preocupados — interrompeu Raven. — Como vão os progressos com ela?

— Não é tão fácil. Ela é uma criatura complicada, como todos os humanos. Eles possuem muitas contradições emocionais. São interessantes.

— Já basta de falar sobre "eles". Quero saber sobre *ela*. — pressionou Zar.

O interesse de seu pai por Eva o irritava.

— Ela aceita o que soa.

— Então, está pronta para nos aceitar e nos ajudar — concluiu Zar.

— Não. Ela confia em mim, pois lhe exibiu qualidades humanas. Entretanto, o vocês não possuem condições para dar-lhe um senso de conforto e ligação.

— Se esse "conforto e ligação" é essencial para que ela coopere, então farei o que for preciso para propiciar-lhe. — Zar suspirou, resignado. — Estudarei a natureza dos seres humanos e simularei o comportamento necessário.

— Será inútil — avisou-o Urich. — Você não tem a habilidade.

— Que habilidade?

— De sentir.

Zar pareceu intrigado; Raven quase se encolheu. Ele sabia sobre as marcas de batom, e era óbvio que guardara segredo, inclusive sobre a atração que Urich

confessara.

Havia rumores de que Raven se apaixonara por sua companheira de acasalamento, e esse infortúnio foi seguido pela tragédia da perda dela. Acontecera muito antes do nascimento de Urich, e, apesar de nunca ter dado crédito aos rumores, o olhar de compreensão de Raven os confirmava.

Raven baixou o olhar, e começou a andar sobre o piso de metal. "Como é frio", pensou Urich, sentindo falta do calor da madeira.

— Parece que temos um problema que desafia a solução lógica — comentou Raven.

— Nada desafia uma solução lógica — pronunciou Zar, com a autoridade absoluta que seu filho um dia admirou.

— Humanos desafiam — afirmou Urich. — Se não acredita em mim, por que não faz uma visita? Talvez ache a Terra tão encantadora quanto eu.

— Considerando o estranho efeito que esse lugar e seus habitantes causaram em você, não pretendo arriscar-me a uma contaminação semelhante.

— Entendo. Não se importou com os riscos que Mylar poderia correr, e apenas fez pequenas objeções à minha missão, contudo considera-se muito fraco, ou muito valioso, para fazer o mesmo.

— Como ousa falar comigo como se eu fosse um covarde?! — Com rápidas passadas, Zar aproximou-se e conteve-se antes de colocar a mão no peito do filho. — Você sabe por que não posso correr perigo.

De fato, Urich sabia, mas não simpatizava com a posição de Zar. E com certeza não faria o pedido de desculpas que o pai esperava. Notou que ele trazia o punho cerrado. Os kronianos eram contra o contato físico e Urich experimentou um perverso prazer em provocá-lo.

— Quer me bater, não é? Vá em frente. Faça o que quer e veja o que sentirá. Considere uma experiência da natureza humana que lhe ofereço por tê-lo ofendido. Não se preocupe, pois não vou revidar, já que sua segurança é algo que eu não sonharia

colocar em perigo.

— Por que você... você... — Zar deu um soco na palma da mão.

— Cuidado, você começa a parecer humano. Até se parece com um dos jogadores pronto a atacar o adversário. Chamam de futebol. E muito divertido, mesmo que seja um tanto bárbaro.

A raiva de Zar deu lugar a uma expressão de incredulidade.

— Você não pode aprovar essas coisas.

— Mas aprovo. É engraçado. Gosto da comida deles, de usar jeans e camiseta, ver filmes. — Gostava também de segurar a mão de Eva, beijá-la, fazer mágicas, dar flores à sua amada... todavia, não contou ao pai.

— Não acredito no que estou ouvindo! Ouça o que está dizendo, Urich. Primeiro me insulta, então elogia os costumes deles, como se fossem superiores aos nossos. O que esse lugar fez a você?

Antes que Urich desse uma resposta que o comprometesse, Raven interveio.

— Acalme-se, Zar. Urich estava apenas tentando ajudá-lo a compreender melhor a raça da dra. Campbell. Esse é o tipo de comportamento irracional praticado por eles. E, uma vez que é tão difícil explicá-lo, ele achou melhor nos demonstrar. — Olhou para Urich. — Correto?

— Obrigado, Raven. — Devia-lhe mais que um agradecimento. — É com isso que estou lidando. Surpreendente, não acha?

— É horrível. Posso entender por que Mylar teve um destino tão triste. Pensei que fosse por sua natureza, mas, de acordo com o relatório que você acaba de fazer, concluo que nunca poderemos nos adaptar a esse planeta grosseiro. Procuraremos outro para prosseguirmos com nossos planos.

A idéia de Urich acabara levando-o a uma armadilha. Queria Eva a seu lado. Gostava da companhia dos seres humanos, o cheiro de cigarro, ler jornal e ver televisão abraçado a Eva.

Ninguém o compreendia, mas esses eram os seus desejos. Escolheu as palavras

e prosseguiu:

— Mesmo sendo primitivos, possuem muitas coisas maravilhosas. Apesar de alguns comportamentos desagradáveis, o lado bom prevalece. Escolhi um exemplo negativo, acho que deveria ter selecionado melhor.

— Como o quê? — Zar estava em dúvida.

— Quando os humanos discutem, usam vários argumentos e muitas maneiras charmosas. Entre os homens, costumam apertar as mãos, quando chegam a um acordo. É usado para se cumprimentarem também. Veja, vou mostrar-lhe. — Apertou a mão de seu pai, balançando-a levemente.

Zar limpou a palma da mão na coxa.

— Os humanos gostam de se tocar — explicou Urich. — Você poderia gostar, se tentasse mais vezes.

— Duvido, ao menos com os machos. E as mulheres?

— Sua expressão evidenciava que não acharia o contato tão repulsivo.

— Como são? Do que gostam?

Urich jamais lhe contaria que gostavam de beijar

— Por que não faz uma visita e descobre por si mesmo? Uma tarde na companhia dos humanos... De fato, ficará agradavelmente surpreso com o ambiente. Poderia provar a comida, vê-los jogar, e talvez até dançar com uma de suas fêmeas. Dançar é muito interessante. E não posso nem descrever o quanto é lisonjeiro ser observado por uma daquelas mulheres. Nosso aspecto é muito atraente para elas.

Zar recuou um passo, como se temesse contrair a doença que afetava a razão de Urich.

— Raven, vá você. Se retornar falando esse tipo de coisas, trarei Urich de volta e a mulher virá junto. Com certeza ela se ajustará melhor a nós do que poderíamos nos adaptar à espécie dela. — Partiu após essa declaração.

Uma vez sozinhos, Raven voltou-se para Urich.

— Ele deveria tê-lo deixado resolver seus problemas sozinho!

— Mas não deixou. E nós sabemos o motivo.

— Não me recorde disso. Tenho passado a maior parte de minha existência tentando esquecer o que você está enfrentando neste momento. — Fechou os olhos como se ainda lutasse contra a própria perda da razão. — Não deixe que isso vença, Urich. Por você, por nós, não deixe que vença.

— É tarde demais. O motivo pelo qual você quer esquecer o que deve ter sido a experiência mais importante de sua vida não faz sentido para mim. Também não concordo em quererem propagar uma raça que não tem nada mais a oferecer além da sua lógica. O universo pode aprender muito mais com a humanidade do que conosco.

— Parece que você está perigosamente perto de se tornar humano — comentou, pálido.

— Espero que sim.

— As coisas estão cada vez piores. — Deprimido, Raven sentou-se.

Urich pousou a mão no ombro dele, deixando-o surpreso.

— Queria consolá-lo — explicou. — É uma das boas coisas que experimentei. Quando você vier, digamos, daqui a duas semanas terráqueas, dividirei alguns desses prazeres com você. Acho que irá se divertir.

—E se eu gostar, não contarei nada a Zar. Talvez se torne evidente, e então, poderá dizer que foi uma insanidade temporária, enquanto eu não teria desculpa por conspirar com sua loucura. Não que me importe em manter a vida que tenho tido, mas minha honra ficará manchada, e isso é pior do que a morte.

— Demonstra grande honra agora, e serei eternamente grato. Ninguém saberá sobre isso — garantiu-lhe. — Quanto a dizer que sofri de insanidade temporária, não desonraria a verdade de minhas emoções, e também não entregaria Eva a Zar.

— A impaciência dele lhe dá pouco tempo para encontrar uma solução, se é que existe uma. — Então, incapaz de controlar-se, afirmou com franqueza: — Você só pode culpar a si mesmo por toda essa situação. Foi você quem convenceu o tribunal de que apenas a dra. Campbell serviria.

- Ela era a escolha mais lógica, naquela época — defendeu-se.
- E agora?
- Eva ainda é a melhor. Mas, Raven, ela é minha.

Durante um longo período, Urich a observou dormindo, com um sono tranqüilo e confiante. Gostaria de possuir um pouco daquela paz.

Quando contasse a ela, e seria inevitável fazê-lo, que sua missão era capturá-la, a confiança que Eva demonstrava nele se desvaneceria.

E até onde poderia confiar em Raven?

Apesar de ele ser simpatizante dessa causa, sua relutância em ajudá-lo era tão irritante quanto o barulho do relógio a lembrar-lhe do exíguo tempo de que dispunha.

Tempo. Como Urich estava mudado. Os pensamentos e emoções em metamorfose exerciam uma estranha influência em suas habilidades.

Não fora capaz de ler a mente de Zar, ou convencê-lo a visitar a Terra, uma idéia mais desesperada do que plausível. Tinha a sensação de que quando mais precisava de seus talentos, eles a abandonaram. A única explicação lógica era que ele não poderia controlar a mente alheia quando a sua própria estava um caos.

Eva era um paraíso, pensou ele ao deitar-se ao lado dela. Virou-a gentilmente, observando os seios firmes sob a fina camisola.

— Urich? — murmurou sonolenta.

— Aqui, Eva.

— Estava sonhando com você. Algo sobre um beijo. — Abriu os braços, convidando-o. — Um beijo de reconciliação.

— Então, não está zangada comigo?

— Estou louca por você.

O beijo e o abraço de Eva eram maravilhosos.

"Preciso de você. Deus, como preciso de você. Abrace-me, apenas abrace-me e me dê um pouco de paz", pensou Urich.

— Tudo o que tenho é seu — ela murmurou. Recostou a cabeça em seu peito e acrescentou: — Deixe-me cuidar de você. Ficará em paz.

Urich a abençoou por ter lhe devolvido alguns de seus poderes. Ela limpou sua mente e devolveu a visão ao seu coração.

Inclinou o rosto e beijou-lhe o seio, sentindo-se invadido por uma profunda paz.

CAPÍTULO TREZE

O que fazer até Eva voltar do trabalho? Não tinha vontade de assistir ao outro vídeo, após ter visto dez filmes adiantando-os na velocidade máxima, em apenas uma hora. Um livro? Já lera praticamente todos os volumes da biblioteca local. Talvez pudesse comer um chocolate.

— Droga! — resmungou, lembrando que terminara com a caixa de bombons na noite anterior.

Suspirando, frustrado, Urich perguntou-se se seria tédio o que sentia. Vivia com Eva fazia duas semanas e aquela era a primeira vez que experimentava essa sensação.

Ela fazia com que pequenas coisas fossem divertidas. O tempo que passavam juntos era sempre especial, ou explorando a cidade, ou ajudando em seu projeto rudimentar. Ele não queria aceitar o dinheiro que Eva lhe oferecia por essa parceria, afinal, para Urich era algo muito simples. Gostava da agradável sensação de trabalharem em busca de um objetivo comum. Haviam discutido sobre a questão do pagamento, e até mesmo isso foi excitante. Após discutirem, beijaram-se e chegaram a um acordo: ele aceitaria somente o suficiente para poder sair com ela e pagar por pequenas necessidades. Isso incluía refrigerantes, doces, chocolates, aluguel de vídeos e presentes para Eva.

A simples lembrança dela despertava-lhe o desejo de marcá-la. Estaria

preparada?

Essa pergunta repetia-se em sua mente a cada noite, após os beijos apaixonados. Urich insistia em afastar-se, deixando-a frustrada.

Ambos desejavam fazer amor, entretanto Urich não ousava amá-la como humano, sabendo que isso levaria à transformação. O beijo seria o começo de tudo. Eva devia estar preparada para isso. Ao mesmo tempo que terminaria com a agonia que sentiam, seria um vínculo que só a morte romperia.

Marcá-la significaria que iria protegê-la pelo resto de sua vida, porém poderia ser condenado à morte, caso o tribunal descobrisse seu crime.

Faltavam dois dias para a visita de Raven, e Urich ainda não encontrara uma solução.

Eva ansiava por conhecer o "colega" que quisera juntar-se a eles por curiosidade.

Resolveu aproveitar a tarde à procura de alguém para fazer companhia a Raven.

— Eva, são três horas e você já está saindo? Não me diga que tem algum encontro.

— Você ficaria surpreso, Ethan?

— Então aconteceu — comentou, angustiado.

Urich telefonara seis vezes na última hora. Ethan parecia aniquilado. Eva ficou intrigada ao observá-lo. Após trabalharem juntos por cinco anos, percebeu que ele estava apaixonado por ela. Lembrou-se do cuidado que tinha com sua segurança, as tentativas de sair com ela após o trabalho. Como pudera ignorar algo tão óbvio?

— De fato, não é esse o motivo pelo qual estou saindo mais cedo. — Ethan ficou esperançoso, e Eva apressou-se em acrescentar: — Estou cansada e resolvi ir para casa celebrar nossas experiências com um bom banho.

— Não gostaria que celebrássemos juntos? A experiência com os hologramas

foi um sucesso.

Sucesso? Comparado aos conhecimentos de Urich, tudo não passava de uma invenção rudimentar. Ele a incentivara e ajudara a aperfeiçoar o projeto. Agora que possuía Urich em sua vida, e aspecto profissional adquiriu a perspectiva adequada.

— Você está certo, Ethan. Deveríamos celebrar juntos, mas ficará para outra ocasião. Desculpe, estou exausta.

Eva se despediu, dando-lhe um beijo no rosto, e saiu.

Ethan ficou sozinho, pensando o quanto a amava.

Onde estava Urich? Prometera-lhe não andar sozinho pela cidade. Tentando acalmar-se, Eva ponderou que ele deveria ter saído para uma pequena caminhada e não deveria estar longe. Saiu à procura dele. Não o encontrou nas ruas adjacentes, nem na loja de doces. Talvez estivesse procurando um filme. Adorava as músicas e filmes de vaqueiros.

— Desculpe, ele não esteve aqui — informou-a atendente que já os vira muitas vezes juntos.

Eva tinha certeza de que a moça se lembraria dele. Aonde quer que fossem, as mulheres não tiravam os olhos de cima de Urich.

Procurou por ele também na biblioteca, mas foi em vão.

Eva não poderia mantê-lo em casa enquanto saía para trabalhar. Precisaria confiar nele e acreditar que não se meteria em confusão, nem lhe quebraria o coração envolvendo-se com outra mulher.

Não queria pensar no que aconteceria a eles, quando Urich conseguisse experimentar e conhecer tudo o que desejava.

Ao passar por um bar, Eva parou, com o coração descompassado. Não podia respirar. Saiu correndo em direção à sua casa, sem prestar atenção a nada.

Tudo o que podia lembrar era a imagem de Urich sentado a uma mesa, olhando intensamente para outra mulher.

Uma bela mulher, que riu e tocou-lhe a mão.

Ao ver o carro de Eva estacionado em frente à casa Urich soube que fora descoberto.

Considerou várias respostas humanas. Poderia defender-se dizendo que não achava justo ficar trancado em casa enquanto ela trabalhava. Ou então, poderia desculpar-se. Contudo, essa opção implicava a necessidade de pedir permissão a Eva para sair, e ele não era mais criança. Podia tomar suas próprias decisões.

Ela precisava aceitar que ele já tinha capacidade para interagir com outras pessoas e praticar suas habilidades sociais. Não desviou o olhar de Justine desde o momento que ela pediu para sentar à sua mesa. Eva ficaria orgulhosa por ter aprendido a lição. Conseguiu despertar o interesse de Justine em encontrar Raven. Ela confessou o interesse por homens mais velhos, e ansiava por encontrá-lo, em especial após a declaração de Urich de que o amigo era muito charmoso.

— Eva? Cheguei! — Rindo, feliz com a sensação de chegar a casa, Urich subiu as escadas e dirigiu-se para o quarto dela.

Como a amava! Quando Raven a conhecesse, entenderia por que se entregara a esse sentimento. Desejava beijá-la. Talvez essa noite pudessem ter mais do que beijos humanos.

Ao chegar ao quarto, constatou que a porta estava trancada. Não deveria estar aborrecida com ele, afinal, antes de sair do trabalho, dera-lhe um beijo apaixonado.

Qualquer que fosse a razão para ter fechado a porta, Urich não gostou. Controlou o desejo de derrubá-la e possuir Eva de imediato. Sentir-lhe os lábios, os seios, o corpo. Procurou raciocinar, e preferiu bater à porta, gentilmente.

Não houve resposta, apesar de poder ouvi-la andando pelo aposento.

Bateu outra vez. Nada. Urich abriu a porta, e observou-a pegar um vestido preto. A seguir, dirigiu-se para a cômoda e escolheu uma linda lingerie de renda. A atitude de Eva avisava-o para agir com cautela.

— Senti sua falta, Eva. Você vai usar isso para me provocar, não é?

Ela virou-se, com o olhar gelado.

— Não tem nada a ver com você. Agora, me deixe em paz que quero trocar de roupa.

— Se vai usar isso, não sairá sem mim.

— Desculpe, Urich, mas você não está convidado.

Ela deveria estar pretendendo encontrar outro homem.

Urich experimentou uma dolorosa sensação de perda e de ciúme.

— Quem é ele? — Precisou controlar-se. Desejava sacudi-la, e depois matar o homem com quem pretendia sair. — Diga-me! — ordenou.

— Não tenho que lhe dizer nada. — Empurrou-o.

Urich a ergueu do chão.

— Droga, me solte.

Colocou-a na cama e ordenou:

— Fique quieta.

Quando Eva tentou se levantar, ele forçou-a a deitar-se outra vez.

— Se não ficar aí, me atirarei sobre você. Sugiro que explique o que está havendo.

— Por que não lê minha mente? Vá em frente!

— Não.

— Então acho que terá que tirar suas conclusões lógicas.

Eva desviou o olhar como se não pudesse agüentar vê-lo. Estaria deliberadamente tentando enlouquecê-lo com aquele comportamento ridículo? Se era isso, estava perto de conseguir. Tantas emoções o assolavam que Urich não podia controlar o desejo de atirar-se sobre ela e possuí-la.

Um grunhido ecoou no quarto.

Eva ficou arrepiada e olhou para ele. O olhar fixo em seu pescoço e os dentes à mostra. Urich avisou, e, ela o provocou, muito magoada para ser honesta, e muito zangada para prestar-lhe atenção. Ainda se sentia assim, porém a visão daqueles

dentes a fez raciocinar.

— Talvez devêssemos conversar, Urich.

Ele respondeu com outro grunhido, as mãos arrancando a camisa num gesto selvagem. Olhando-o fixamente, Eva sentia-se como uma ave diante do predador.

Não conseguia se mover, mas ao menos podia falar:

— Eu... o vi com... outra mulher.

— Era para Raven — bradou.

Aliviada, e ao mesmo tempo assustada, Eva começou a falar com rapidez:

— Sinto muito. Sinto por ter desconfiado que você estaria com outra mulher, mas, depois de John, não confio em ninguém do sexo masculino. É um problema que preciso resolver. Aprenderei com o meu erro e confiarei em você na próxima vez, está bem?

Eva ouviu o barulho do cinto dele caindo no chão.

— Agora que esclarecemos tudo, por que não falamos sobre a mulher que arranjou para Raven. Ou... poderíamos falar sobre a chegada dele. — O som de um tambor de guerra parecia ecoar nas paredes do quarto, em sintonia com as batidas de seu coração. — Ei, tive uma idéia! Vamos comprar entradas para o jogo de domingo?

Ouviu o ruído do zíper da calça de Urich. Estava com os olhos fixos nos dele, cujas pupilas dilatadas pareciam luas cheias.

— Fiquei faminta, de repente. Vamos sair para comer. Está com fome?

— Fome de você — respondeu, passando a língua pelos dentes ainda expostos.

CAPÍTULO CATORZE

Urich podia vê-la e senti-la tremendo da cabeça aos pés. Eva o ensinara muitas coisas, porém, naquele momento, ele lhe ensinaria uma lição. Ela despertava a fera em Urich. Para sua sorte, a confissão o acalmava, devolvendo-lhe a razão. Precisava fazê-la compreender o risco que correra. Na próxima vez, poderia não ter tanta sorte.

— O lobo está perto — afirmou, aproximando-se. — Você o provocou e ele está faminto por mais do que uma mordida. Chame a leoa, Eva. Você precisará dela para lutar com a fera que despertou em mim. Entretanto, ele vencerá, e ela a ajudará a sobreviver.

— Pertença a mim mesma — contestou-o, com coragem admirável.

Urich deitou-se sobre ela e passou a mão sedutoramente por seu corpo. Sentindo-se tão ardente, soube que precisava possuí-la e acabar com aquela agonia.

Todavia, não desejava forçar a decisão de Eva. Poderia apenas conduzi-la próximo à linha que acabariam por cruzar. Escolheu as palavras e acrescentou:

— Sim, Eva, você pertence a si própria, do mesmo modo como pertencemos um ao outro. Nunca duvide disso. Acima de tudo, nunca duvide do seu poder sobre o meu corpo, e até mesmo sobre minha alma. Você duvidou disso, e por isso não acreditou em mim. Precisa ser sincera comigo, ao invés de se afastar. Prometa-me que não fará isso outra vez.

— Prometo. — Pegou a mão de Urich e o fez deitar-se a seu lado.

— A sua mão é a única que já segurei. Seus seios são os únicos que já toquei. E seus lábios são os únicos que beijei. Não preciso de outros, Eva, e jamais irei querer outra pessoa. E a natureza da fera. Contudo, ela exige igual fidelidade da fêmea enquanto viver, e você não imagina o quanto as penalidades são severas, caso seja infiel. O instinto de posse absoluta é mais forte em mim do que nos humanos. É uma decisão que precisa tomar. Pense nisso.

— Você quer dizer que ficaremos juntos para sempre, e que me matará se o trair?

— Os votos humanos não são tão sérios quanto os que quero que faça comigo. Jamais ficaremos separados. Pense em outro homem, e eu o matarei na sua frente.

— Isto é brutal!

— A brutalidade é a punição por um crime ainda mais cruel contra o seu companheiro. Não somos indulgentes com a infidelidade, e é o motivo pelo qual não

temos esse tipo de problema em meu planeta. O mesmo se aplica à traição. A pena é a morte.

— Mas você disse que seu povo não era violento.

— E não é. É civilizado o bastante para não matar o semelhante. Entretanto, a honra pode exigir que alguém se mate. Honra, Eva, é tão importante para mim quanto a fidelidade.

— Quem mais morreu, além de sua mãe, Urich?

— Muitos.

Observando o olhar de Urich, Eva visualizou uma dor profunda, quase tão grande quanto a dela.

— Você amou alguém e a perdeu, não foi?

— Só você, Eva. Só você — afirmou, balançando a cabeça devagar.

— Mas não me perdeu.

— Rezo para que nunca aconteça. O futuro pode mudar.

Urich já vira o futuro, e seu comentário a fez temer o que poderia acontecer. Antes que pudesse perguntar-lhe, Urich colocou a mão sobre seus lábios.

— Esqueceu tudo o que aprendeu? Livre-se do medo, Eva. É um veneno que enfraquece e acaba com o seu poder interior, a sua força. Você precisará de ambos, assim como eu, a fim de vencer os obstáculos que virão.

Urich retirou a mão, e Eva tentou ser corajosa, perguntando:

— E quais são esses obstáculos?

— O tribunal está entre nós. Vão querer levar-me de volta, para usar meus poderes e servir como imediato de Raven. Ele simpatiza com minhas intenções, mas não estou certo se posso confiar nele. Espero que a mulher que encontrei assegure seu interesse em me ajudar. Ele é muito poderoso. O segundo no poder, abaixo apenas do meu... do nosso dirigente.

Ele a olhou, e Eva viu a força da paixão.

— Você é minha, Eva. Minha. E morrerei antes de desistir de você.

De súbito, Urich colocou a mão entre as coxas de Eva, causando-lhe uma sensação tão intensa que a fez gritar. Pediu-lhe que parasse, antes que a matasse de prazer.

— Nosso acasalamento é inevitável. — Olhou-a, sorrindo, e ergueu a sobrancelha. — Agora, conte-me, aonde pretendia ir e com quem planejava se encontrar?

O telefone tocou.

— Eu atendo. — Urich pegou o aparelho. — Alô? — respondeu, educado, segurando-o de modo que Eva pudesse escutar.

— Desculpe, devo ter discado errado.

Eva sussurrou-lhe, ao ouvir a voz familiar.

— Eu atendo. É Ethan.

— Sim, eu sei — Urich sussurrou-lhe de volta. Então, voltou a falar com Ethan:
— Você deve estar procurando por Eva.

— Bem... sim.

Urich não estava contente com o telefonema, e transmitia os pensamentos de Ethan para Eva.

— Sou Urich. É você é Ethan, certo? O assistente de Eva.

"Então, você é Urich. Afaste-se dela. Vamos sair juntos esta noite", pensava Ethan.

Como ele sabia seu nome? Deveria ter mexido nas coisas de Eva no trabalho. Urich confirmou as suspeitas dela com um movimento da cabeça.

— Não sou seu assistente. Sou sócio dela. E você?

— Por que não pergunta a Eva? Darei o telefone a ela. — O olhar feroz de Urich contrastava com a suavidade com que falou: — Foi um prazer falar com você. Espero poder conhecê-lo... em breve.

Entregou o aparelho a Eva, que estava irritada com os dois: com Urich, por ter revelado os pensamentos de Ethan, e com o este, por ter mexido em suas coisas.

— Oi, Ethan. Desculpe pelo atraso.

— Parece que tem companhia.

— Urich. Ele é... ele é... um amigo especial. — A careta que ele fez avisava-a que não achou a definição adequada.

— Um antigo companheiro. Digamos que nosso relacionamento é único, e ele gostaria de conhecê-lo. Não é da cidade. De fato, veio de muito longe.

— Se tivesse me contado quando me telefonou, teria feito reserva para três pessoas. Neste momento, já está lotado e estou aguardando no bar. Nossa mesa deverá estar pronta dentro de trinta minutos, mas deixarei que a passem para outro casal. Esperarei por você, e então, pegaremos a primeira mesa que ficar disponível.

Sem poder desvencilhar-se do compromisso que ela mesma arranjara, Eva concordou e desligou.

— É o que acontece quando alguém age movido pela paixão, ou pelo ciúme, sem considerar as conseqüências — ponderou Urich, com ar de superioridade.

— Tire a roupa — Eva pediu, aproximando-se dele.

— Outra hora.

— Você está sendo tímido.

— E você, curiosa — Urich riu. — Infelizmente, terá que esperar. Já está atrasada para o encontro com Ethan.

— Mas não quero ir.

— Foi você quem o chamou. Venha, deixe-me ajudá-la. Quanto antes for, mais cedo voltará. E se eu estiver me sentindo generoso, talvez a deixe ver o que quer. Entretanto, não contaria com isso, uma vez que generosidade é a última coisa que estou sentindo.

— Droga, Urich! Você está aumentando a minha ansiedade.

Urich a interrompeu com um movimento da mão. Num segundo, Eva estava vestida com o belo traje preto que escolhera para provocá-lo.

— Os cabelos devem ficar presos, e um pouco de maquiagem combinará bem. —

Continuou a arrumá-la.

— Pare com isso!

— Faltam apenas os últimos retoques. — Ao terminar, virou-a para o espelho.

— O que acha? Eu gostei, e Ethan também gostará.

— Você está com ciúme.

— Sim — concordou. — Ao menos sou honesto sobre isso. Se você tivesse sido franca comigo, tudo poderia ter sido evitado.

— Prometi que da próxima vez conversaremos. O que mais você quer?

Urich brincou com uma mecha de cabelo que contornava-lhe o rosto, deu-lhe um beijo na testa e afirmou:

— Quero fazer amor com você como um homem. Quero possuí-la como o animal que posso ser. Quero que pense em mim, em nós, a cada segundo que estiver com ele. E gostaria que soubesse que confio em você, mesmo vestida assim.

Eva acariciou-lhe o rosto.

— Detesto partir, mas já estou atrasada. — Pegou o xale, colocou-o sobre os ombros, beijou-o e dirigiu-se para a porta.

— Eva.

— Sim?

— Você está maravilhosa.

— Obrigada, Urich. — Sentiu o coração bater forte. — Você agiu certo. Deveria estar orgulhoso de si mesmo.

— Estou, acima de tudo, excitado. Volte logo, querida.

CAPÍTULO QUINZE

Urich estava impaciente pela volta de Eva. Confiava nela, mas não em Ethan.

Estaria vindo para casa? Ou ele estaria tentando forçá-la a ficar? Eva não gostaria que Urich a espionasse, porém ela não precisaria saber. Decidiu fazer uma

simples investigação e garantir a segurança de sua amada.

Fechou os olhos e procurou por algum sinal de Eva pela cidade. Encontrou-a em um estacionamento. Ethan falava com ela, e Eva balançava a cabeça, segurando a porta do carro. Concentrou-se na conversa e pôde ouvi-la dizer:

— Olhe, Ethan, trabalhamos juntos durante muitos anos, e tem sido ótimo. Não vamos estragar nosso relacionamento no trabalho com mais do que um aperto de mão de boa noite.

— Preciso mais do que um aperto de mão, Eva. Admito que tenho até mexido em sua mesa, apenas para poder me aproximar de você.

— Você está próximo demais.

Ethan segurou-a pelos ombros, encostando-a no carro.

— Digo que ainda não estamos próximos o suficiente. Do que tem medo? De que, se eu a beijar, pode gostar e querer experimentar algo mais?

— Estou dizendo-lhe boa noite, Ethan. Quando o encontrar no trabalho na segunda-feira, fingirei que não houve esta conversa.

— Beije-me. — Tentou forçá-la, mas Eva virou o rosto.

Urich materializou-se atrás de Ethan, e bateu em seu ombro.

— Hum? — Ethan se virou. — Não sei quem é você, mas isto é não é do sua conta.

— Deixe-a ir.

— Não vou machucá-la, se é isso o que está pensando. Temos algo a acertar e não precisamos da sua ajuda. — Ethan voltou-se para Eva, que parecia ao mesmo tempo agradecida e furiosa com Urich.

Bateu outra vez no ombro de Ethan, dessa vez com bastante força.

— Disse para soltá-la. Se não obedecer, vou machucá-lo.

— Ele fala sério, Ethan. — Eva olhou para Urich, alertando-o para se controlar.

Antes que pudesse apresentá-los, Ethan virou-se para Urich, empurrando-o.

— Não sei quem você pensa que é, mas já estou farto. A moça está comigo, entendeu?

— O que entendo é que ela não o quer, e se você quer seu corpo inteiro, então, diga boa noite e caia fora — avisou-o, contendo-se apenas em consideração a Eva.

— Você é quem irá embora!

— Ninguém ousa colocar a mão na minha... — Urich recebeu um soco no estômago. Perdeu a razão, e seus instintos falaram mais alto. Agarrou Ethan, levantou-o do chão e grunhiu.

— Socorro! — gritou Ethan. — Socorro!

— Urich! Urich, coloque-o no chão! — pediu Eva.

Ouviram o som das sirenes.

— Oh, não, a polícia.

Urich colocou Ethan no chão.

— Desculpe, Eva.

— Conversaremos mais tarde. Agora suma. Resolverei tudo.

— Eu causei a confusão. Vou ficar.

— O que está havendo? — indagou o policial. — Recebemos um telefonema dizendo que havia uma briga por aqui.

— Estou contente por terem vindo. Ele... — começou Ethan.

— Ele estava tentando me proteger, oficial — explicou Eva.

— Parece que precisamos conversar. Venha, senhor.

— Mas eu... eu... ele... ele... — gaguejou Ethan.

— Foi um engano — intercedeu Urich. — Pensei que ela estivesse em perigo, e tentei ajudar. Todavia, ele não pretendia machucá-la.

— Senhora? Isso é verdade?

— Sim, é verdade. Está tudo bem. — Olhou para Ethan, que estava apoiado no carro. — Certo, Ethan?

Ele olhou para o policial, que, em vez de protegê-lo, protegia o monstro que o

atacara.

— Certo. Não há problema.

— Nesse caso, iremos embora e aconselho que façam o mesmo. Espero não receber outra denúncia.

— Claro que não — assegurou Urich, e ofereceu a mão para Ethan, que hesitou antes de cumprimentá-lo.

Satisfeito, o policial foi embora.

— Vocês dois deviam estar envergonhados, fazendo uma cena como esta.

— Eu? Só tentei beijá-la antes que este monstro me atacasse e tentasse me despedaçar.

— Da próxima vez que tentar beijá-la, eu o matarei.

— O que lhe dá o direito de me dizer isso? E quem é você, afinal?

— Eva é minha mulher e protejo o que me pertence. Quanto a quem sou...

— Já basta! Ethan, vá para casa.

— Sua mulher? — indagou Ethan, surpreso. — Quer dizer que estão comprometidos?

— Muito mais do que isso — confirmou Urich.

— Por que não me contou, Eva? Poderia ter nos poupado de toda essa situação.

— Essa é uma boa pergunta, Eva. Por que não contou a ele sobre nós?

Eva olhou para os dois homens que aguardavam a resposta.

— Oh, claro. Você queria contar à sua família primeiro — adiantou-se Urich, não querendo provocá-la ainda mais.

— Certo. Considere-se honrado, Ethan. Você recebeu a notícia em primeira mão.

— Parabéns — cumprimentou, sem entusiasmo.

— Você está muito gentil — comentou Urich.

— Estou com muita inveja, mas sei perder. Sinto muito pelo que aconteceu.

Sem ressentimentos?

- Evidentemente — afirmou Eva.
- Ótimo. Talvez possamos sair juntos qualquer dia.
- Gostaria muito. Espero que possa me desculpar.
- Está tudo bem. — Ethan apertou a mão de Urich e se despediu: — Até logo, Eva.

Quando Ethan chegava ao próprio carro, Eva correu atrás dele. Conversaram em voz baixa, e Urich não pôde ouvir o que diziam. Ficou observando-os e conteve o ciúme ao vê-la beijá-lo no rosto e depois abraçá-lo com afeto.

Quando retornou, foi rude com Urich:

- Entre no carro.

Após percorrerem vários quilômetros, ele tentou iniciar a conversa.

- Eva, eu...

— Não fale comigo, pois tudo o que eu disser neste momento não será agradável. — Afastou a mão dele.

A rejeição o magoou. Ela não quis ouvir seu pedido de desculpas, enquanto Ethan, que quase fora agredido, foi tão gentil. Mulheres... Por que diziam não haver nada de errado, quando de fato havia? Por que quando admitiam haver algo errado preferiam ficar em silêncio e recusavam-se a conversar sobre o problema?

- Eva, eu não entendo...
- Eu disse para não falar comigo.

Urich ficou calado até chegarem a casa. Ao vê-la entrar na frente dele, ainda zangada, começou a perder a paciência. Bateu a porta que ela deixara aberta. Eva parou e virou-se, devagar.

- Esta casa é minha. Não estrague a porta, senão...
- Senão o quê? — desafiou-a. — Vai me bater? Mandar-me de castigo para o quarto? Está me tratando como a uma criança, e não estou gostando.
- Então pare de agir como uma. — Deu-lhe as costas e começou a andar. — Boa noite, Urich.

— Aonde pensa que vai? — Colocou-se na frente dela.

— Para o meu quarto. Sozinha.

— Não, não vai. Vamos conversar sobre o motivo que a deixou zangada. Eu estava protegendo o que era meu. E depois que se desculpar por não ter me perdoado, então nos beijaremos e faremos as pazes. Na cama. Juntos.

— Não pretendo fazer as pazes esta noite, e não vou pedir desculpas. Não sou sua propriedade, e não tem o direito de quase matar alguém apenas por um beijo.

— Você é minha. Minha para protegê-la e beijá-la quando quiser. Quero beijá-la agora, Eva.

— Problema seu. *Eu* não quero. Se tiver sorte, talvez amanhã eu pense diferente. — Tentou passar, mas ele a segurou.

— Pensará diferente depois que eu a beijar.

— Você está agindo igual a Ethan.

— Ele não tinha o direito de se comportar daquele modo. Eu tenho. — Pegou-a no colo e subiu as escadas.

— Ponha-me no chão!

Colocou-a no meio da cama e ficou em pé ao lado.

— Terminaremos nossa discussão e ganharei o beijo.

Eva sabia que Urich poderia conseguir o que quisesse com um estalo de dedos, e ficou agradecida por ele estar tentando conversar de forma lógica.

— Este é o beijo que terá. — Jogou o travesseiro no rosto dele. — Saia.

Devagar, Urich desabotoou a camisa.

Eva fechou os olhos, mas ele sabia que espiava por entre os cílios.

— Abra os olhos — Urich pediu, com suavidade.

— Não. Você tentará me controlar.

— Tudo o que quero ou preciso de você é aceitação, dos defeitos e também do melhor que posso oferecer-lhe: minha fidelidade, devoção e amor. E também o meu corpo, do jeito que é. Agora, abra os olhos e veja o que sou.

Hesitante, Eva obedeceu. Ele a observava, atento à sua reação, enquanto abaixava o zíper. Apesar de querer fechar os olhos para evitar qualquer possível aversão de Eva, Ulrich precisava saber e ver sua aceitação ou rejeição ao abaixar a calça até as coxas.

Não abaixou mais, preparado para vestir-se diante do menor estremecimento. Eva apenas suspirou. Com as mãos trêmulas, aproximou-se para tocá-lo. O toque libertou o coração de Ulrich, enquanto ouvia os murmúrios de admiração.

- Você vê de maneira diferente dos outros, Eva.
- O que vejo é... Ulrich, você me deixa sem fôlego.
- Venha, bela, venha amar sua fera.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O peito era peludo, tão sensual e macio que Eva procurou aconchegar-se a ele. Encostou o rosto no tórax musculoso, sentindo as batidas do coração e o calor que Ulrich lhe transmitia.

Ele exalava o perfume de almíscar. Enquanto Eva inalava a deliciosa fragrância, Ulrich afagava-lhe os cabelos.

— Ocorrerá uma mudança em mim. O que está sob a superfície está prestes a emergir, e uma vez começado, não poderei parar. Nós chamamos de *revelação*. Estas são nossas origens, e até mesmo a lógica não pôde erradicar o processo. E doloroso para o homem, mas é preciso suportar para demonstrar sua força para a parceira. Ela tem que ser forte para presenciar a transformação, e corajosa para aceitá-lo. Se você não agüentar ser tocada por uma fera, então diga-me agora. Diga-me antes que seja tarde.

Poderia enfrentar aquela situação? A única coisa que Eva não suportaria era perder o amor de sua vida.

- Quero você, Ulrich. Não importa a forma que terá, quero você. — Acariciou

o peito aveludado, e começou a provocá-lo, mas Urich a deteve.

— Cuidado. Se mexer aí, a transformação começará antes que estejamos prontos.

— Eu também mudarei? — indagou, esperançosa. Gostaria de ser igual a ele.

— Fisicamente? — Balançou a cabeça. — Pelo aspecto genético, você não é capaz. Entretanto... seus genes são compatíveis o suficiente para gerar um ser híbrido, como eu.

Eva ficou preocupada. Não tinha preservativos.

— Acho que agora temos um problema. Não estou evitando filhos.

— Se pudéssemos passar o resto de nossos dias juntos, e termos uma família aqui, você teria filhos comigo?

Desejando dar-lhe a segurança que Urich precisava, Eva apressou-se a afirmar:

— Eu não quis filhos com John porque acredito que uma criança precise de pais que se amem profundamente. É assim que me sinto em relação a você. Pergunta se gostaria de ter filhos? Apenas os teria se fosse com você.

— Queria saber se desejava o que eu gostaria tanto de ter, mas não posso. — Urich deu-lhe um sorriso triste. — Não sou fértil, Eva. Posso ter relações, mas não reproduzo. Somos uma raça em extinção. Nossa habilidade de reprodução nos foi retirada. — Antes que ela lhe fizesse mais perguntas, Urich colocou o dedo em seus lábios. — Deixe esta conversa para mais tarde. Receba o que posso lhe oferecer: minha marca. É o sinal da minha proteção, e pertenceremos um ao outro. Uma vez marcada, jamais se apagará. Ninguém da minha raça ousaria tocá-la, e nenhum humano que valorize a vida tentaria se aproximar de você. Junte-se a mim, e jamais terá os filhos que deseja. Pense bem em sua resposta. É uma decisão muito séria.

Olhando para o homem que lhe devolveu o prazer de viver, Eva comoveu-se.

— O verdadeiro amor, Urich, é incondicional. Eu o amo. Você mudou minha vida, e não quero viver sem você. Crianças seriam o recheio do bolo, porém, *você é o*

bolo.

Urich a beijou, alegre. Todavia, quando voltou a falar, o tom era sombrio.

— A mudança está próxima. Você está pronta?

Diante do consentimento de Eva, Urich começou a cantar, suave. Uma canção alienígena, parte do ritual.

— Prometo minha eterna devoção a você.

— Eu lhe prometo a minha.

— Oh, Eva, eu... — De repente, ficou imóvel. Parecia escutar algo. Então, dobrou-se sobre os joelhos.

— Urich, Urich, o que está errado?

— Está acontecendo. Por favor, Eva, o que quer que faça, não corra. Se fugir, temo que poderia... poderia... atacá-la.

— Não fugirei. — Tentou tocá-lo, mas ele se afastou, abraçando-se como se tentasse conter algo que ameaçava rasgá-lo.

Os olhos arregalados e o rosto contorcido expunham sua dor e angústia. Os músculos do peito expandiam-se diante do olhar surpreso de Eva. Os braços erguidos para o céu, e as mãos com o dobro do tamanho normal. Tinha os dedos curvados e as unhas crescidas. As coxas aumentaram, mostrando músculos poderosos. Se ela tentasse correr, com certeza seria apanhada. O olhar de Urich pousou em Eva. Admirava-a com uma fome feroz. O rosto alterado, com o maxilar aumentado, dava-lhe o aspecto de um lobo.

Todavia, foi com a voz rouca de homem que lhe falou:

— Acabou. Está com medo do que vê?

— Não. — Entretanto, deveria estar tremendo diante da majestosa e formidável criatura com sua força bruta.

— Você é muito corajosa. Uma valiosa parceira, que a partir de agora será minha. Mostre-me seu pescoço.

Com as mãos firmes, expôs o pescoço e estendeu-lhe os braços abertos,

oferecendo-lhe a mente, as emoções e tudo o que era ou poderia ser.

— Primeiro, quero ouvi-la pedir minha marca.

— Marque-me — sussurrou.

Urich abaixou o rosto e encostou dos dentes na pele delicada.

— Eu a amo, Eva. E é com amor que lhe dou o beijo da fera.

Enterrou os caninos no pescoço dela. Eva sentiu um misto de dor e êxtase, ao contato com a boca e a língua quentes. A mandíbula se movia enquanto Urich a sugava.

Eva não podia se mover, nem falar. Aceitava que Urich possuísse sua vida, e ficou exultante com a sensação provocada pelo beijo da fera. Um beijo de poderoso mistério. Estava flutuando, e se aquilo era a morte, então achou doce, e o corpo estava elétrico com a fusão de suas almas.

Urich retirou os dentes de seu pescoço, e Eva gritou-lhe:

— Não pare! Volte. Urich, volte!

— Já acabou — pronunciou. Colocou as enormes mãos no pescoço dela e fez uma massagem. — Fechei as feridas, mas a marca será eterna. Nem mesmo o tempo poderá apagar os sinais do meu beijo. Você me confiou sua vida, que jurei honrar acima da minha própria, que agora lhe dou.

A cama afundou com o peso do corpo de Urich quando se deitou ao lado de Eva. Ele a puxou para deitar-se sobre ele, mas ela se afastou e segurou o rosto de Urich entre as mãos.

— O que fez foi maravilhoso, e quero que faça outra vez. Muitas vezes. Entretanto, Urich, não posso fazer o mesmo com você.

— Acha que quero que me marque? — Vendo-a concordar, Urich riu. — Você me marcará como seu, mas não será com os dentes.

— Então... como?

— Vamos acasalar — respondeu, sorrindo e mostrando os caninos de lobo.

— Você vai me machucar?

— Machucar o que jurei proteger? — Urich lambeu a marca no pescoço dela. —

Este é o sinal da minha proteção, até de mim mesmo. Tive medo que fugisse, antes que eu a beijasse. Contudo, não há ninguém tão corajosa quanto você em todo o universo.

De fato, Eva sentia-se corajosa. Não tinha medo de nada.

— Então, estarei segura... mesmo se eu correr?

— Oh, eu gostaria disso. Em especial por você não ser uma presa fácil. Você pode ouvi-la?

Eva ouviu um som distante. Foi aos poucos se tornando mais audível, e ela soube que poderia ser tudo o que quisesse.

— A leoa — comentou.

— Sim.

Apesar de não sofrer alterações físicas como ele, havia uma mudança ocorrendo em seu íntimo. Estava cheia de energia. Talvez estivesse preparada para libertar a fera que existia dentro de si, e que já não temia mais.

— Então, o que a leoa faz quando vai acasalar? — indagou, arranhando o peito peludo.

— Ela corre com o lobo.

— Ou... ela poderia correr dele.

— Não temos muito espaço aqui. — Urich riu. — Venha, vamos a um mundo especial, um lugar jamais visto.

Incapaz de resistir, ela pegou em sua mão. Uma luz branca os envolveu, e teve a impressão de que giravam. Agarrou-se a ele, e logo viu-se em um lugar maravilhoso. O céu era azul cristalino, e os sons da natureza a cercavam, cantando em harmonia com o universo. Seus pés sentiam a grama macia, verde como esmeralda. Logo adiante, havia uma linda cascata. As árvores repletas de frutos oscilavam suas folhas.

— Aqui é o paraíso?

— Tão bonito quanto. Este lugar era usado pelo meu povo para uma espécie de lua-de-mel. Há muito tempo que ninguém vem aqui. Não seremos incomodados.

Urich a afagou de modo sedutor, e mordiscou-lhe o lábio inferior. Eva notou

que ele estava cada vez mais excitado, e, apreensiva, deu um passo atrás. Urich avançou um passo, divertindo-se.

— O que há? Ficou nervosa, agora que estou pronto? Talvez eu devesse excitá-la com algumas daquelas torturas que você gostava de fazer comigo.

— Você pode estar pronto, mas eu não estou.

— É o que parece. Uma vez que se aproxime da natureza, o resto acontecerá naturalmente. — Estalando os dedos, deixou-a nua. Contemplou-a, e acrescentou: — Assim está bem melhor.

— Uma mulher gosta de romance, e desnudá-la em segundos não é nada romântico.

— Romance? Eu lhe darei sua noite em lençóis de cetim, em outra ocasião. Nessa nossa primeira vez, faremos do meu jeito.

Ele deu um passo à frente, e Eva recuou dois.

— Não estou preparada.

— Então faça o melhor para escapar ao inevitável. — Urich atirou-se sobre ela, porém, Eva saiu correndo.

CAPÍTULO DEZESSETE

Urich caiu no chão, e riu vendo-a fugir. Talvez Eva fosse parecida com os kronianos. Sua reação foi mais instintiva do que lógica.

Ele apreciou sua fêmea. Quanto a ele, liberto da máscara da civilização, podia soltar a fera que existia em seu interior. Logo estaria acasalando. Mas não tão depressa. Pretendia esperar que Eva também se liberasse. E então, se entregariam um ao outro num ato de paixão e rendição.

Como os humanos eram limitados na definição de romance. Eva podia enxergar mais do que os outros; entenderia a delícia de um amor sem restrições. Apreciaria a honestidade do abraço entre os animais que existiam neles.

O coração estava disparado. Eva não sabia como acontecera, todavia, fugira em alta velocidade. Teria sido devido à mordida de Urich, ou seria apenas adrenalina?

Por enquanto, precisava fugir dele. Correndo por entre árvores, flores e lagos, admirou a beleza natural que lembrava-lhe a de Urich. Experimentava uma incrível sensação de liberdade, os seios nus, acariciados pelo vento. Sua visão parecia mais aguçada. Observava os animais e a paisagem. Sorriu ao perceber que corraera em círculos e que voltara à cachoeira que vira quando chegaram.

Com cuidado, desceu pelas pedras, ao lado da cascata e descobriu uma caverna, cuja entrada era dissimulada pela queda d'água. Mesmo sabendo que deveria esconder-se, não resistiu à tentação e ficou debaixo da cachoeira. A água fria parecia-lhe uma carícia sensual. Levantou os braços e deixou a água lamber-lhe o rosto e os seios, que ficaram arrepiados. Passou a mão pela marca em seu pescoço, pensando em seu significado. O beijo da fera era equivalente a um anel de casamento. Enquanto os anéis e os votos que representavam podiam ser quebrados, Urich deixou claro que apenas a morte os separaria. Ele precisava aprender que ela não era mulher de seguir as regras do homem, e que não obedeceria ordens, na cama ou fora dela. Ele poderia ser um lobo, porém ela conseguira fugir. Exultante, virou-se, e, antes que desse o primeiro passo, ouviu a voz dele ecoando na caverna, num murmúrio sedutor:

— Em todas as disputas, é necessário a luta para se descobrir quem é o mais forte e quem será o líder.

— Isso não é justo — protestou, atraída pela presença da fera magnífica, no escuro, exalando um delicioso perfume. — Você está me seduzindo.

— Tudo é justo no amor e na guerra, como dizem no seu planeta. — Urich saiu das sombras e apareceu diante dela. — Meu povo faz guerra e amor ao mesmo tempo. Lute comigo ou entregue-se a mim, já que a terei de qualquer modo.

Vencendo a pequena distância que os separava, Urich a derrubou, ficando sobre ela. Eva mostrou-lhe os dentes, e, com a mão livre, o ameaçou com as unhas. O riso de Urich diante da arma duvidosa a enfureceu. Arranhou-o no peito, mas ele

pareceu deliciado. Irritada, e ao mesmo tempo, excitada, buscou forças e o empurrou, atirando-o ao chão. Ficou por cima dele, experimentando um breve momento de triunfo.

Com um rugido, Urich a derrubou e rolaram pelo chão, ambos decididos a vencer. Eva sabia que ele era mais forte e que já poderia ter terminado a luta. Devia fazer parte do ritual, pois ele se divertia muito. Roçava o corpo pelo dela, sentindo-lhe os seios, o ventre e as coxas. Eva estava excitada. Ele decidiu terminar a luta. Agarrou-lhe os punhos e segurou-os acima da cabeça dela.

— Submeta-se a mim.

— Não — respondeu, mesmo desejando ser possuída.

— Então, terei que persuadi-la. — Um toque vibrante entre as pernas de Eva a fez concordar com qualquer coisa. Beijou-lhe os seios, lambeu o umbigo e fez carícias na sua parte mais íntima. — Você é doce e deliciosa. Quero mais.

Algo quente e úmido estava dentro dela, movendo-se sedutoramente. No meio de seu delírio, Eva percebeu que era a língua de Urich.

— Não posso mais agüentar! — gritou, por fim. Puxou-o pelos cabelos, forçando-o a vir para junto de si.

— Tão macia e quente. Um néctar para mim. — Sorriu, carinhoso. — Entregue-se, Eva. Submeta-se e torne-se forte. Faça-me fraco com a força de sua submissão.

Eva não desejava mais resistir. Ofereceu-lhe o pescoço.

Ele a mordeu com suavidade, e ela gemeu, pedindo mais.

— Então, tome mais — murmurou. — A dança mágica da natureza, Eva. Dance comigo e encontre minha força.

— Possua-me.

Urich a penetrou, e, após dançarem alguns minutos no ritmo frenético da paixão, Eva sentiu o poder dele se expandindo, até não ser possível nenhuma movimento.

— Estamos presos. É assim que ficaremos até que seu prazer me liberte.

Agora me submeto ao seu desejo. — Inclinou-se e mordeu-lhe o pescoço.

Eva ficou paralisada, incapaz de falar ou se mover. Seus corpos estavam unidos. Era uma sensação maravilhosa. Ela procurava conter o êxtase para prolongar o momento sublime. Essa prisão era muito doce. De súbito, o desejo incontrolável explodiu com ferocidade. Urich continuou a mover-se, causando-lhe várias ondas de prazer. Por fim, ele também atingiu o clímax.

Urich deitou-se a seu lado, exausto, com as pernas trêmulas. Logo seu corpo começou a se transformar, recuperando a estrutura original.

— Bela, você conquistou a fera.

— Sinto falta dele. Adoro minha fera.

— É bom saber disso, pois ele a ama. — Urich a abraçou, sorrindo.

— Estou feliz. Nunca me senti tão em paz. Selvagem, mas em paz. Por que será?

— Olhe para dentro de si mesma. Encontrará a resposta.

Eva compreendeu a simples verdade que eleja tentara lhe explicar.

— Há um animal em cada um de nós. Você não foi a única fera que aceitei. Aceitei a minha também.

— Sim.

— Podíamos ter-nos machucado, Urich.

— Sim, durante nossa briga poderíamos ter nos machucado. Entretanto, somos animais inteligentes, Eva. Você é uma ótima adversária.

CAPÍTULO DEZOITO

— Beije-me — pediu Eva, enquanto tomavam banho na cascata. Urich se aproximou, mas ela saiu correndo.

— Volte aqui! — gritou ele.

— Venha me pegar! — Saiu correndo em direção às árvores, rindo.

Quando Urich a alcançou, beijaram-se e riram, admirando o lugar magnífico. "Como gostaria de ficar aqui para sempre jamais voltando para a realidade", pensou ele. De súbito, o mundo real o encontrou.

— Precisamos ir — afirmou, ansioso. — Agora, Eva. Agora. Segure firme em mim.

— Mas...

Urich a abraçou e rezou para que seu senso de direção os levasse direto para casa. Sua mente ocupava-se com a imagem de Zar.

Com sorte, chegaram ao lugar de onde partiram, o quarto de Eva, onde o tempo não passara e era quase meia-noite. Tudo estava igual, e, no entanto, tudo era diferente. Nenhum deles seria o mesmo. Precisaria pensar nas conseqüências do que fizeram.

— Por que tivemos que partir?

— Um intruso estava a caminho. Errei ao pensar que não seríamos perturbados.

— Urich virou-se, procurando esconder a raiva que sentia. Andou até o armário e trouxe um robe para ela.

— Qual é o problema? Num minuto somos amantes no paraíso, e no instante seguinte estamos aqui e você não quer me dizer o motivo, apenas que íamos ser perturbados. Sei que algo está errado e quero saber o que é.

— Não tínhamos permissão para estar lá. E não queria que ele a visse.

— Ele? Como sabe que era homem?

— Pressenti a chegada de meu pai.

— Seu pai? Você não poderia ter me arranjado alguma roupa e me apresentado a ele? Gostaria de tê-lo conhecido.

— Mas eu não quero que ele encontre com você.

— Por quê? — indagou, magoada. — Tem vergonha de mim? Há algum problema em se relacionar com os terráqueos?

— Isso é ridículo. Sou híbrido e tenho muito mais orgulho de você do que Zar

jamais teve de minha mãe.

— Então, esse é o nome de seu pai. Ainda não entendi por que não quer que eu o conheça. Se não tem vergonha de mim, qual é o problema?

— Ele pode ser meu genitor, mas nunca se comportou como pai de verdade. — O ressentimento de Urich aumentava à medida que explicava: — Um pai demonstra afeição, um conceito que os kronianos não entendem. Talvez eu possa compreender, pois não sou puro. Zar é. Ele só me tocou duas vezes. Em uma ocasião, me bateu porque zombei do vazio de viver apenas baseado na lógica. Eu era criança, e logo aprendi que meu valor era baseado em minhas habilidades, e que seriam mais valiosas conforme o uso que desse a elas. O outro contato aconteceu muito tempo depois. Ele demonstrou orgulho pelo meu trabalho e me abraçou. Um episódio embaraçoso para nós dois.

— Urich, isso é horrível. — Ela o abraçou com tanta intensidade que parecia tentar recompensá-lo por todos os abraços que não recebeu. — Deve ter sido muito ruim ser criado sem o apoio emocional. É um crime.

— Do seu ponto de vista, é. Mas eles pensam diferente. Não sabem agir de outro modo, nem mesmo Zar, e não podemos culpá-los por serem o que são.

— Posso ser humana, no entanto, eu os culpo e você tem todo o direito de culpá-los ainda mais.

— Tenho? — Urich libertou-se de seu abraço e afastou-se um pouco. — Quando a conheci, eu era muito parecido com eles.

— Não era culpa sua — insistiu. — Eles o criaram assim. Contudo, agora é diferente.

— Ainda sou parecido com eles. Posso suportar a marca da fera e dividi-la com você. — Taciturno, afastou-a. — E há o bastante de Zar em mim para que eu precise de alguma distância dessas emoções enjoativas.

— Enjoativas? — repetiu, magoada. Então, ergueu o queixo e deu um tapa no peito de Urich. — Ótimo para você, e eu? Preciso ser tocada, expressar meus sentimentos, e alguns dizem respeito a você.

— É uma pena, Eva, mas estou enclausurado. — Com medo que ela percebesse o que de fato sentia, Urich fugiu de seu alcance. — Voltarei. Agora preciso ficar sozinho.

— Depois de tudo o que aconteceu... — Ao vê-lo disposto a partir, Eva ficou furiosa. — Você quer seu espaço? Está bem. Por mim você pode ir para o inferno, e não me importo se nunca mais voltar, seu... seu alienígena!

Urich mereceu cada palavra. Entretanto, estava com os nervos à flor da pele e acabou despejando sua frustração na pessoa que amava.

— Nunca mais fale assim comigo. Não tolerarei essa falta de respeito de ninguém, em especial de você. Minha marca está em seu pescoço, a fera que a marcou. Lembre-se disso antes de dizer tamanha tolice.

Eva esfregou o pescoço, como se tentasse apagar o sinal,

— Então pegue sua marca de volta. Não quero um homem que age como um lorde e pensa que pode mandar em mim.

— Não se esqueça de que não sou um homem — afirmou, com frieza. Afastou os dedos agitados de Eva, e colocou a mão sobre a marca. — A menos que tenha esquecido, eu a avisei sobre o significado disso. Ainda assim, pediu pelo "beijo". Agora é tarde, Eva, está comprometida com sua decisão e com a fera.

Urich saiu e foi para a sala, ouvindo a porta bater.

Eva era uma mulher forte. Ele sorriu, percebendo que deveria ter discutido com ela, ao invés de estar sozinho.

Vestiu-se e organizou os pensamentos. A dura realidade desenhou-se em sua mente: talvez a vida com ela já tivesse terminado, se Zar se metesse entre eles. Seu pai resolvera visitar o paraíso onde estavam, ansioso pela hora dele próprio acasalar.

Urich se tornara um traidor, porém sentia-se confortado por poder proteger Eva. Ela poderia desprezá-lo por tudo o que fez, e por tudo o que ainda poderia acontecer. Urich, então, se mataria.

O tempo que tinham juntos era muito precioso, e agora estavam separados por

suas palavras amargas.

Eva deveria estar curando as feridas que abrira em seu coração, ao ser egoísta, preferindo ficar só. Deveria buscar a reconciliação. Suspirou, indagando como podia ter um raciocínio tão rápido e ser tão lento quando se tratava de emoções.

Entrou no quarto e ficou surpreso ao encontrá-lo vazio.

— Estou aqui fora — gritou Eva, da varanda.

Eva estava de braços cruzados, protegendo-se do frio da noite. Não gostaria de ter tanta necessidade do contato com Urich, no entanto, quando ele segurou-lhe a mão, aceitou o conforto que sentiu.

— Nunca quis sufocá-lo, e, se é assim que se sente, estava certo em me dizer.

— Por que está sendo tão gentil?

— Porque sou capaz de ficar irritada e fazer nós dois nos sentirmos mal, ou posso deixar as coisas acontecerem, ao invés de...

— Eu mereci, Eva. Sinto muito por estragar a noite que deveria ser tão especial, quanto é para mim. Eu não queria me afastar de você, mas sim do difícil relacionamento entre mim e meu pai. Não compreendo por que briguei com você. Ainda não controlo todas as emoções.

— É uma ironia da vida, mas as pessoas costumam despejar suas frustrações em quem mais amam.

— Você esteve chorando. — Com carinho, inclinou-se e beijou-lhe os olhos.

— As lágrimas aliviam a dor, e estou me sentindo bem melhor.

Sua esperança aumentava a cada minuto. Observando Raven deliciar-se com os elogios que Justine fazia aos seus cabelos prateados, Urich tocou o joelho de Eva.

— O que acha? — ela sussurrou.

— Está dando certo — comentou em voz baixa, sem desgrudar os olhos dos sorrisos envaidecidos de Raven.

— Ela parece gostar dele. — Ao ver Justine abraçá-lo, acrescentou: — Talvez

até demais.

Após passarem o dia todo com Raven, Urich desejava um contato mais íntimo com Eva. Procuravam não levantar suspeitas do que aconteceu entre eles, e Eva tomou o cuidado de usar um lenço para ocultar a marca no pescoço. Entretanto, se Raven podia namorar, eles também podiam.

Urich a abraçou e murmurou em seu ouvido:

— Você também gosta de mim?

— Eu o amo — assegurou-lhe.

— Eva — chamou-a Raven —, Justine me disse que seu lenço lhe dá algumas idéias travessas. Não posso imaginar o que seja, mas ela afirma que fará uma demonstração, se você puder emprestá-lo.

Urich ficou tenso, e Eva também. Ele lhe dissera que, se Raven descobrisse sobre a marca, ficaria aborrecido. Urich mentiu, explicando-lhe que deveria ter pedido permissão ao tribunal, antes de marcá-la.

— Aqui? Justine, você não acha melhor um lugar mais discreto?

— Oh, ninguém notará. Vamos nos divertir.

— Sim, nos divertir! — concordou Raven. Virou-se para Urich e acrescentou: — Você tinha razão, estou adorando. Eva é maravilhosa. Justine é fantástica. A comida, deliciosa. Eu poderia ficar aqui para sempre.

— Por mais que gostássemos que ficasse, você não está esquecendo seu encontro com nosso patrão? Ele o espera para o jantar, e precisamos discutir alguns detalhes antes que vá.

De súbito, Raven ficou sério, pensando no relatório que precisaria fazer a Zar.

— Claro. No entanto, esta é mais uma razão para que eu aproveite ao máximo. — Estendeu a mão para Eva. — Por favor, poderia me emprestar o lenço? Você tem sido uma criatura tão adorável e generosa, e eu apreciaria muito seu gesto.

— Não empreste — ordenou Urich, invadindo a mente dela.

— Eu sinto muito — respondeu, nervosa —, mas estou resfriada. Uso o lenço

para me proteger do vento.

— Que vento? — indagou Justine. — Aqui está muito quente.

— É estranho que tenha ficado gripada — comentou Raven, olhando fixamente para o pescoço de Eva. Olhou para Urich, e acrescentou em tom severo: — Considerando suas condições, é melhor que fique com o lenço. Se me derem licença, preciso ir ao banheiro. Por que não vem comigo, Urich? Poderemos discutir nossos negócios.

Raven se levantou, e andou como um general marchando para a guerra.

— Mais tarde lhe explico tudo. — Urich preparou-se para segui-lo.

— Quero saber agora. O que está havendo? — Eva insistiu em saber.

Um pesadelo. Uma catástrofe. Ele não conseguia nem descrever os problemas que tinham.

— Não demorarei. Prometo que lhe contarei depois. Raven está esperando e preciso ir.

Urich procurou controlar-se, e seguiu para o banheiro com a sensação de um soldado indo para a força.

CAPÍTULO DEZENOVE

— Você a marcou. — O olhar de Raven poderia ter cortado um diamante. — Como pôde cometer tamanho crime?

— Como pude? Era a única proteção que poderia oferecer a Eva, e esta é uma razão mais sagrada do que a marca de Zar jamais poderia ser. Agora ele não a tocará, não enquanto eu viver.

— Enquanto você viver? — zombou Raven. — Já garantiu sua morte. E talvez a minha também. Zar não esquecerá a humilhação que você lhe causou, nem deveria. Como um governante pode liderar, quando seu próprio filho faz algo pior do que lhe cuspir no rosto, e de uma forma tão descarada?

— Ninguém sabe, a não ser você.

— Ainda não. No entanto, Zar precisa saber que a parceira que está esperando não lhe será entregue, como você havia prometido. Nosso dever é não esconder nada de significativo do tribunal. Qualquer ajuda que pudesse lhe oferecer agora se tornou impossível, Urich. Eles pedirão um relatório para nós dois, e, pela minha honra, terei que contar tudo o que sei. — Raven balançou a cabeça, confuso. — Por que fiquei em silêncio, quando poderia ter evitado tudo isso?

— Ficou em silêncio porque era a coisa certa a fazer. — Urich colocou a mão no ombro do amigo e afirmou: — Porque você é, e sempre foi, mais pai para mim do que Zar jamais seria. Gostaria de ser seu filho, Raven, e que nós dois pudéssemos ficar neste planeta para sempre. Seria divertido, não acha?

— Sim, bem... — Raven limpou a garganta, afagou a mão de Urich e retirou-a de seu ombro, empertigando-se. — Infelizmente, nossos desejos não mudarão nada. Vamos enfrentá-los juntos, Urich. E aceitaremos o que vier, com honra. Concorda?

Urich assentiu, embora soubesse que se revoltaria contra o destino injusto.

—Prepare a assembléia para a minha volta. Aparecerei após conversar com Eva, o que temo ainda mais do que a suprema corte. Deveria me arrepender do que fiz, mas não me arrependo de amá-la, mesmo pagando um preço alto.

— Ela é tudo o que disse que era. Se eu fosse você, também teria perdido a razão... filho. Por favor, peça desculpas a Justine por mim. Diga-lhe que precisei resolver assuntos importantes.

— Claro. — Urich estendeu a mão direita, e Raven a apertou. — Vejo-o em breve.

Fez uma pequena reverência e desapareceu.

— Por que quis que conversássemos aqui? — indagou Eva, nervosa, na sala de experiências com os hologramas.

— Porque foi aqui que tudo começou. — O tom de sua voz indicava que seria ali

que tudo terminaria.

— Você está me assustando, Urich. Por que Raven partiu? Por que tenho o terrível pressentimento de que você está se preparando para ir embora? Acho que o que tem a dizer é ruim.

—É sim. — Segurou as mãos trêmulas de Eva, que ficou aterrorizada ao perceber que as dele também tremiam. — Não há meios de suavizar a verdade que já deveria ter lhe contado, Eva. Fui humano o bastante para mentir para você e para mim mesmo. Uma mentira por omissão, todavia, uma mentira.

— Isso não está acontecendo — murmurou, não desejando ouvir mais nada. — Estou tendo um pesadelo e logo acordarei, e você estará me abraçando e dizendo que foi apenas um sonho ruim, e que tudo está bem.

— Nada está bem. Tudo está errado. Quando vim até você, meu objetivo era ganhar sua confiança. Minha única esperança é que você compreenda as razões que me trouxeram aqui: fazia parte de uma importante missão.

Eva procurou ficar calma para que pudesse pensar em um meio. de ficar com ele.

— Que missão, Urich?

— Convencê-la a ir ao meu planeta. Uma vez que estivesse lá, nos ajudaria com capacidades que possuí, e nós não.

— Emoções? Olhe, se precisa de mim para ajudar seu povo a aprender a lidar com as emoções, a fim de se adaptarem à Terra, não há problema. Leve-me com você. Ficarei feliz em ir.

— Não. Se você for, não será um melhor entendimento das emoções o que eles irão querer.

— Para que iriam precisar de mim?

— Para multiplicação.

Surpresa, Eva não pôde falar.

— Eu lhe disse que éramos uma raça em extinção. O que não lhe contei é que,

quando fomos derrotados, só nos deixaram as fêmeas mais velhas. As outras podiam escolher entre serem eliminadas, ou esterilizadas, e então, enviadas para servirem aos nossos inimigos. Minha mãe escolheu ser eliminada.

— E seu pai deixou que isso acontecesse? — perguntou, indignada. — Mesmo não a amando, ele nem tentou lutar por ela?

— Foi uma batalha sem derramamento de sangue. A lógica ditava que não havia sentido em matar e ser morto. Combater a guerra com a guerra não era considerado uma opção válida.

— Então os machos se sentaram e deixaram que tudo acontecesse? Que bando de covardes! — exclamou, com desprezo. — Mas você é diferente. Teria lutado por mim.

— Daria minha vida por você, Eva. — Havia tanta convicção em sua voz, que ela ficou alarmada. — Agora ou a qualquer momento. Apesar de já ter se passado muito tempo, nosso presente está ligado àqueles acontecimentos.

— Continue.

— Fizemos um pacto com nossos adversários, que permitiram que ficássemos em nosso planeta, até que nossa raça se extinguisse naturalmente. O que seria inevitável, uma vez que todos nós fomos esterilizados, exceto um. Ele ainda está vivo... com sua fertilidade intacta. — Urich respirou fundo. — Eu deveria entregá-la a ele.

— Mas por que eu? Há um universo cheio de mulheres férteis.

— Compatibilidade genética, inteligência brilhante, e muitas outras qualidades a fizeram superior às outras candidatas. Até mesmo o líder só pode ter uma fêmea, e você foi escolhida como sendo a mais qualificada, foi a escolha mais lógica.

Eva mal podia acreditar no que ouvia.

— Selecionada como a mais qualificada? Eu deveria estar orgulhosa por ter sido indicada para ficar grávida, pois sou a "escolha mais lógica"?

— Eu pensei que, após obter seu consentimento, você se consideraria honrada por ajudar nossa causa. Os descendentes seriam híbridos, porém, através da

propagação, haveria uma chance de continuarmos em nosso planeta. E, se fôssemos exilados, ao menos seus filhos poderiam viver na Terra, enquanto o resto de nós não poderia. Por favor, Eva, procure compreender.

— Estou tentando.

Por mais que tentasse, não suportava a covardia de terem permitido tanto abuso com as fêmeas. E agora, o dirigente que escapara ao destino das mulheres, queria que ela lhe desse alguns bebês. O amor não tinha nada a ver com aquilo, e não deveria estar surpresa, uma vez que o povo de Urich era estéril no aspecto emocional e físico.

Como puderam supor que permitiria que um filho seu fosse criado com a mesma frieza com que criaram Urich?

Até mesmo o modo como a escolheram era frio. O único crédito que lhes dava era o fato de quererem que fosse por vontade própria, apesar de implicar servi-los.

— Deixe-me lhe dizer uma coisa, Urich. Pelo que vejo, a culpa da situação em que se encontram é da sua gente, e esse plano fede. — Com desprezo, perguntou: — Quem pensou nisso? Seu governante?

— Não. — Após uma pausa, concluiu: — Fui eu.

Eva sentiu o coração pesado com a revelação. Ele não apenas viria capturá-la como também fora o mentor do plano. Se ao menos estivesse obedecendo ordens... mas não, aproximara-se com segundas intenções.

— Eva, por favor, diga alguma coisa. Grite comigo, acuse-me, bata em mim, não me importo. Apenas fale comigo.

— Como pôde?

O murmúrio dela foi pior do que se tivesse gritado, e as lágrimas em seus olhos, mais dolorosas que uma torrente de insultos. A rejeição ao seu toque, doeu-lhe mais que um tapa no rosto.

— Como pôde fazer isso comigo, Urich?

— Eu não faria isso agora, Eva, acredite em mim, não faria — informou, incapaz

de partir deixando-a tão magoada. — Você me transformou. Eu era ambicioso e não conhecia o amor. A armadilha podia ser para você, mas fui eu quem foi pego. Poderia perdoar o imperdoável?

A dor de Eva era quase palpável. Urich sofria quase tanto quanto ela por ter lhe impingido tamanho sofrimento. Pela primeira vez na vida, ele teve vontade de chorar. Não conseguiu se controlar, e as lágrimas escorreram copiosamente por seu rosto. Eva segurou a mão de Urich, e o beijou.

— O verdadeiro amor perdoa, Urich, e o meu amor por você é inabalável, assim como são as leis da natureza. Eu o perdôo. Entretanto, a mágoa não passará em uma noite.

— Não haverá tempo para reparar meu erro. Raven partiu para preparar o tribunal. Há poucas chances de que eu possa voltar, uma vez que terei que enfrentar uma severa punição.

— Não. — Eva balançou a cabeça. — Não, não...

— Ouça-me! Só temo por você, uma vez que não possa protegê-la.

— Mas você disse que nem mesmo o tempo apagaria sua marca. É o beijo eterno.

— É verdade. — Urich estava repleto de paixão e muita dor. — Quando eu morrer, outro poderá possuí-la. Ao marcá-la para protegê-la do mal que lhe causaria, cometi um crime imperdoável. Apenas Raven me compreende, no entanto, será apontado como cúmplice e sofrerá as conseqüências dos meus atos. Então, trai não apenas você, mas Raven também.

— Vocês não serão condenados à morte, por você ter se apaixonado?

— É exatamente o que estou tentando lhe dizer. Agora, há um modo de mantê-la em segurança, e acho que funcionará. Contudo, se não funcionar, tenha cuidado. O homem a quem estava prometida pode mandar seqüestrá-la.

— Que ele tente! — Eva sentiu a leoa dentro de si. — Eu matarei o bastardo que encostar a mão em mim. E arrancarei o coração dele, se tocar em você, ou em

Raven.

— Mesmo sendo forte e corajosa, você não poderia com ele — alertou-a. — Deve considerá-lo uma ameaça, pois poderá possuí-la. Poderá fazer-lhe uma lobotomia e deixá-la incapaz, a não ser para reprodução.

— Quem é esse desgraçado que se diz o líder de vocês?

— Zar.

— Mas é seu pai!

— Sim. Você quer dizer meu pai biológico. Ele não perdoará minha traição; o filho que prometeu entregar-lhe as chaves de seu reino, e, no entanto, apossou-se do que era dele. Zar não possui capacidade para amar, mas após tudo isso acho que descobrirá que sabe odiar.

— Nenhum pai, nem mesmo o seu, poderia sentenciar o próprio filho à morte, poderia? — Diante do silêncio de Urich, Eva o sacudiu, como se pudesse colocar algum juízo na cabeça dele e do pai. — Se ele é esse tipo de criatura, então você deve ficar aqui. Fique comigo. Vamos nos esconder, e...

— Não faremos nada disso, eles poderiam nos prender com facilidade.

— Não deixarei que vá até lá sozinho. — Agarrou-se a ele, preparada para a viagem. — Vamos enfrentá-los juntos. Direi que o seduzi e que nos apaixonamos.

— E eles não entenderão nem uma palavra do que disser. Tudo o que ouvirem será visto como uma conversa que desafia a compreensão deles.

Urich segurou o rosto de Eva, e tudo o que ela lhe ensinou sobre o amor e a humanidade explodiu numa onda de emoção, e ele começou a chorar.

— Você estava certa, Eva. O amor machuca. É uma dor tão doce e profunda que tenho vontade de chorar... de alegria.

E então, beijou-a com toda a felicidade que ela trouxera à sua alma. Em silêncio, enviava mensagens ao coração de Eva, enquanto continuava a beijá-la com paixão.

"Eu a amo, Eva. Ame a você mesma por nós dois, e nunca se esqueça de que

poderá tudo o que quiser. Durma com a leoa e chame por ela para ter coragem, sabedoria e conforto. Ela sempre estará lá, já que é o seu centro. Agora, durma, e tenha lindos sonhos. "

E ela desmaiou, num sono profundo. Durante alguns minutos, Urich segurou-a no colo.

O tempo não apagaria as marcas no pescoço dela.

Ele poderia, e deveria, implantar na mente de Eva falsas memórias de um acidente para justificá-las. No entanto, qual seria o mal se Eva ficasse intrigada com a marca?

— Admita — murmurou para si mesmo. — Gostaria que ela mantivesse alguma lembrança de você, como um amor do passado. Ou um amor do futuro, ainda por vir.

Urich desejava que voltassem a se encontrar em outra vida. Por enquanto, precisaria ir para o seu planeta e tentar garantir a segurança- de Eva. E se falhasse? Eles ainda iriam querer que ela cooperasse por vontade própria, então, plantaria em sua mente um aviso para resistir à aproximação de estranhos, mesmo que aparecessem como hologramas. O holograma por quem Eva o tomara apareceria em cena.

Urich fizera os ajustes para voltarem àquele momento. Mas primeiro inclinou-se e beijou-a. Forçou-se a deixá-la e ao mundo maravilhoso do qual já sentia saudade e seguiu em direção a seu destino, trazendo-a de volta para o instante anterior ao que se encontraram.

Eva viu-se no meio das folhagens, e chamou:

— Companhia!

Ele era seu companheiro, porém ela jamais o encontraria.

Dessa forma, a protegeria da dor que sua morte lhe causaria.

Urich arranjou as coisas de modo a parecer que ele nunca tinha existido.

CAPÍTULO VINTE

— Ei, Eva, o que está fazendo aqui em seu escritório, enquanto todos nós estamos comemorando? Vamos para a festa.

— Desculpe, Ethan, mas eu... eu... — Eva esfregou as têmporas. — Algo está faltando. A experiência falhou em algum ponto.

— Eva, foi um grande sucesso. O holograma apareceu e simulou uma interação humana. O que mais você quer?

Sentia falta dele. Contudo, não sabia quem era "ele". Tudo o que sabia era que, enquanto olhava o holograma, tinha a sensação de que tudo estava errado. Achou a experiência um tanto artificial. No entanto, não podendo explicar o que nem mesmo ela entendia, e não querendo estragar o prazer de Ethan, Eva inventou uma desculpa para seu comportamento:

— Mais tarde me juntarei a vocês. Não estou me sentindo bem.

— Está doente? — indagou, preocupado.

— Não, apenas um pouco desorientada... Parece que estou sonhando acordada.

— É?

— Sei que não faz sentido, mas sinto-me invencível, capaz de fazer qualquer coisa, mesmo sabendo que não sou... — "Acreditar é a chave", lembrou. — E fico ouvindo uma voz, incrível e maravilhosa. Nunca ouvi nada parecido, e no entanto, soa familiar.

Ethan fechou a porta e aproximou-se.

— De fato, você está diferente. Está um pouco... selvagem?

Eva teve a impressão de que era arranhada por dentro, porém, ao invés de estar assustada, experimentava uma enorme calma. Sentia-se especial e corajosa, mas uma criatura com desejos frustrados. Tinha certeza de que perdera alguém.

— Você está bem?

Apesar da perda, não sentia medo.

— O medo acaba com o poder — murmurou as palavras que pareciam vir de muito longe.

— Aconteceu alguma coisa na sala de experiências que mexeu com sua cabeça?

— Colocou a mão na testa dela. — Você não está com febre, mas... o que é isso no seu pescoço?

Eva colocou a mão sobre a marca, sentindo dois pequenos pontos.

— Parece uma mordida. Não uma mordida humana. — Ethan ficou preocupado.

— Você não tinha esse sinal antes da experiência. O que aconteceu?

— Alguma coisa deve ter acontecido, mas não consigo me lembrar.

— Estou assustado. Precisamos descobrir o que houve, antes de divulgarmos nossas descobertas. Não quero que ninguém se machuque.

— Concordo — comentou. Teria ficado surpresa com a preocupação de Ethan pelos aspectos éticos, porém estava concentrada no mistério que a intrigava.

— Quer que a leve para casa? Estou preocupado com você, mais do que isso, eu me importo com você.

— Eu sei.

Sim, Ethan se importava com ela, e de um modo que não tinha nada a ver com o aspecto profissional. Como podia saber disso? E como tinha tanta certeza de que seu coração pertencia a outro homem? Mas quem? Não havia ninguém em sua vida, e ainda assim Eva aceitou que jamais se envolveria com Ethan.

— Sinto muito, mas não posso corresponder ao modo como se importa comigo. Há outra pessoa.

— Quem? — Diante do silêncio dela, Ethan socou a mesa. — Droga, e eu que pensei que estivesse tão ocupada com o trabalho que não teria tempo para encontros. Então conseguiu, não foi?

— Tudo é possível — refletiu, repetindo as palavras que já ouvira em algum lugar. — Tudo o que imagina, se de fato acreditar, pode conseguir.

— É mesmo? Quer dizer que se eu acreditar que você está apaixonada por mim poderá acontecer? Por mais que eu goste da ideia, em alguns assuntos a mente não pode controlar a matéria, e amar parece-me uma delas.

Eva pegou a bolsa, e não se incomodou em trancar a mesa, já que Ethan mexeria em suas coisas. O quê? De onde veio isso? Ao chegar à porta, perguntou a ele:

— Você andou mexendo na minha mesa, não foi?

— Apenas para ter contato com algumas de suas coisas — confessou. — Desculpe, Eva, não farei mais. Em especial agora que sei que existe outro homem. É um sujeito de sorte. Gostaria de conhecê-lo.

— Você... Qualquer dia, Ethan. Vou para casa.

No caminho, passou por um bar com mesas na calçada, e pensou ter reconhecido uma mulher. Estacionou o carro e aproximou-se.

— Com licença, já nos conhecemos? — indagou ela.

— Não.

— Mas eu me lembro... Você é... Poderia me dizer seu nome?

— Justine.

— Justine... Justine... Você está enganada. Já nos conhecemos.

— Olhe, não a conheço, mas se tem problemas...

— Você gosta de homens mais velhos.

— Quem não gosta, em especial se são ricos? Oh, garçom...

— E você gosta de martíni.

— Sim. Garçom, poderia vir até aqui? Esta mulher...

Eva não esperou que a mandassem embora. Deixou o carro onde estava e caminhou, sentindo-se presa numa armadilha do tempo.

Perto da locadora de vídeo, viu um homem alto e moreno entrando na loja. Correu atrás dele, e, num impulso, chamou-o, segurando-lhe o braço:

— Urich!

— O que disse? — perguntou o homem de olhos azuis.

— Sinto muito, pensei que fosse outra pessoa.

O homem olhou para a mão de Eva em seu braço, e ela logo a retirou, ainda confusa.

— Os olhos dele são verdes — murmurou. — Muito verdes. E sua aparência é exótica, diferente da sua, g...

— A senhora está bem?

Eva viu a atendente, oferecendo-lhe ajuda. A mulher trouxe-lhe outra lembrança: Urich carregando várias fitas de vídeo, e a moça devorando-o com os olhos. Sim, ela o vira.

— Eu costumava vir aqui com um homem, da mesma altura desse rapaz, porém, mais moreno e com cabelos mais lisos... Você o viu? Viu Urich? Preciso encontrá-lo, mas não sei quem... quero dizer, onde está.

A mulher e o rapaz trocaram um olhar de cumplicidade, e Eva percebeu que deveriam pensar que era louca.

— Até logo — despediu-se e partiu.

Ao chegar a casa, foi direto ao bar servir-se de uma bebida. Ocorreu-lhe a lembrança de um homem elegante, apontando para a garrafa e fazendo o líquido do copo retornar para dentro dela. Ouviu-o dizer: "A lei da gravidade não é tão incontrolável quanto pensa".

— Quem é você? — Segurando a garrafa de conhaque, andou pela casa perguntando: — Onde está você? Droga, o que está fazendo comigo?

Chegando a seu quarto, teve a sensação de que continha muitas memórias das quais não se lembrava.

"Tenho fome... Venha bela, beije sua fera...", recordou.

— Pare com isso! — pediu, sentando-se no chão, exausta.

O conhaque caiu de sua mão, enquanto sentia um enorme desespero por ter perdido alguém. Um homem chamado Urich. Chorou até esgotar as lágrimas. Vendo o líquido pelo chão, abaixou-se e o lambeu. Deus, o que estava fazendo? Bebendo como um animal. Sim, uma leoa.

— Certo, Eva — falou consigo mesma. — Você está ouvindo vozes, imaginando coisas que não aconteceram, com pessoas que não existem. Vai tomar um banho e

dormir. Amanhã, quando acordar, se tudo isso não parar, irá procurar um psicanalista. Entendeu? Ótimo.

Levantou-se e foi para o banheiro. Ao deitar, ouviu um sussurro:

— Eu a amo, Eva. Ame a si mesma... Você pode ser tudo o que quiser...

Ligou o rádio a fim de não escutar a tal voz.

Raven olhou para Urich ao tomarem seus lugares atrás de Zar, que presidia o julgamento que com certeza os levaria à morte.

Uma conclusão inevitável: deveriam pôr fim à própria vida. Urich receberia a faca primeiro. Com seu sangue ainda fresco na lâmina, seu comparsa nesse caso de amor deveria também se suicidar.

Zar ficara tão furioso ao saber do comportamento de Urich que Raven ainda achou muita sorte terem a chance de se explicar. O pai de Urich estava pronto a cometer assassinato, e Raven experimentou um perverso prazer ao vê-lo descontrolado.

Foi então que ocorreu a Raven que, enquanto sua honra lhe faria aceitar a sentença, talvez Urich se recusasse.

Isso sim agitaria a pacata vida daquele planeta, que deveria mandar sua lógica para o inferno. Por que não se sentira assim tão vivo em todos esses anos? Se pudesse, trocaria o resto de sua vida por um único dia na Terra. No entanto, restava-lhe pouco tempo. Era um homem velho e não se importava, porém Urich era jovem e não merecia esse destino.

Os membros do tribunal tomaram seus lugares, e ele e Urich ficaram em pé para ouvirem as acusações:

— Conspiração. Infringir as supremas leis da lógica. Adulterar o ritual sagrado, profanando o paraíso da concepção. Traição por desertar a missão, a honra e o dever. — Ao terminar, Zar perguntou a eles: — O que nos dizem sobre essas atrocidades cometidas contra seu governante e contra seu povo?

Raven abraçou Urich, causando murmúrios de espanto e incredulidade.

— Digo que Urich é um ser superior e com quem todos nós poderíamos aprender muito. Devo a ele minha eterna gratidão, por lembrar-me que a pior atrocidade é viver sem amor.

Em pé na varanda, Eva olhou para a noite estrelada. Ouvia a música vinda do quarto, e usava uma fina camisola branca de algodão.

— Noites com lençóis de cetim — murmurou, lembrando imagens de intimidades com um homem em sua cama.

Havia muitas perguntas em sua mente, porém, encontraria as respostas com a voz que falava-lhe de sonhos, do passado e do futuro.

Urich. Podia ouvir sua voz, senti-lo como um eco no coração, tão real que tinha certeza de não ser sonho ou loucura.

As lembranças eram fantásticas, mas havia lacunas as quais estava desesperada para preencher. Precisava entender de onde vinham as imagens. De súbito, lembrou que Urich possuía habilidades fenomenais. Como um homem poderia fazer o tempo voltar? Mas... ele não era humano! Ele veio de... de...

Com o cérebro trabalhando freneticamente em busca de respostas, Eva olhou para o céu. Ele estava lá em cima, em algum planeta. Precisava encontrá-lo. Por que partiu? Angustiada, sabia que algo terrível acontecera para separá-los. Deveriam ficar juntos para sempre. Ele lhe dera...

Colocou a mão no pescoço. O beijo da fera. Um beijo eterno que nem mesmo o tempo poderia apagar.

A canção no rádio falava de um homem que daria a vida por sua amada, e Eva compreendeu todo o mistério.

— Meu Deus, ele...

Precisava encontrá-lo, salvá-lo ou morrer com ele.

Fixou o olhar na estrela do Norte, chamou pelo nome dele e concentrou-se em

tudo o que aprendera. Sim, acreditar era a chave. Acreditava em si mesma, e sabia que poderia conquistar tudo o que quisesse.

Imaginou um fio telepático ligando-a a Urich. E então, lançou-se em direção às estrelas.

CAPÍTULO VINTE E UM

Zar proferiu a sentença de morte com frieza. Urich cruzou os braços, desafiando-o, pois sua vida era o único trunfo que possuía para barganhar.

— Vá em frente, Zar, mate seu filho — instigou-o. — Posso ler seus pensamentos e você deseja perfurar meu coração, que foi responsável por essa situação embaraçosa.

— Você está embaraçando a si mesmo. Após insultar a todos nós, e se desvalorizar com essa bobagem sentimental, o mínimo que pode fazer é executar sua última ordem com dignidade.

— Como ousa falar comigo sobre dignidade? Você, Zar, é um covarde. Continue e me assassine. Ninguém poderia culpá-lo. E tenho certeza de que seria a experiência emocional mais rica de sua triste existência. Devo a você apenas minha vida, nada mais. Sem ressentimentos ou desculpas. Se pensa que devo-lhe gratidão pela vida que nunca quis me dar, então tire-a.

Zar ergueu a faca, e Urich manteve o olhar firme, sorrindo. Ambos sabiam que assassinato era um crime mais sério do que qualquer coisa que Urich pudesse ter feito. Ele sentia satisfação ao provocar o pai a cometer um crime passional.

De repente, percebeu que Zar se voltava para Raven.

— Urich sempre o admirou mais do que a qualquer outro. Mostre-lhe como morrer com honra, e nós respeitaremos sua memória com gratidão por este último ato.

Raven hesitou por um instante e, ao pegar a faca, desejava que Urich se recusasse a acatar a ordem de Zar.

— Espere. — Urich agarrou o punho de Raven a um centímetro do alvo. — Mesmo que ele se mate primeiro, não obedecerei. E é o meu sangue que você deseja. Só preciso saber o quanto quer a minha morte.

— Quer fazer um acordo? — indagou Zar.

— Uma troca justa e lógica. Primeiro, minha vida pela dele.

Apesar de o governante ter a palavra final, Zar olhou para os membros do tribunal. Por mais que Urich detestasse admitir, em especial naquele momento, o pai era um administrador justo e devotado a seu povo. Todos os membros consentiram com essa parte do trato.

— Muito bem. O que mais?

— Deixe Eva em paz.

— O quê?

— Você me ouviu. Deixe-a em paz e procure outra mulher que queira gerar seus filhos. Eva resistirá a você. E eu resistirei à minha sentença, a menos que concorde, e enquanto eu viver, você também não poderá tocá-la. Assim, tem duas opções: pode me matar, isso você já demonstrou que não quer fazer, ou prometa-me que não tocará nela. Se eu morrer ou não, jamais poderá procurá-la. Estes são os meus termos inegociáveis. Então, vou perguntar outra vez: o quanto deseja minha morte?

Zar o olhou com respeito, admirando o raciocínio e a estratégia de Urich. Os membros do tribunal pareceram sentir o mesmo. Zar esperou que tomassem uma decisão, porém delegaram a ele a última palavra.

Urich sabia que isso o envaidecia, deixando-o com a autoridade máxima. Zar conseguira sair intacto do episódio, tendo a vingança sem manchar sua reputação e sem tocar no filho que nunca amara.

Sem titubear, Urich apanhou a faca e apontou-a para o coração.

— Um último pedido. Deixe que Raven volte para a Terra, se ele assim o desejar.

— Está bem. Tem mais alguma coisa a dizer?

Não havia mais nada a ser dito. Conseguira fazer o trato que desejava.

— Adeus, Raven. — Ergueu a faca, preparando-se para o golpe. — Divirta-se por nós dois.

Olhando para a lâmina afiada, Urich preencheu sua mente com pensamentos sobre Eva, e estava prestes a se matar, quando ouviu o grito dela:

— Pare! Pare!

Urich ficou imóvel, vendo-a aproximar-se em alta velocidade pela superfície da mesa, no meio de murmúrios de surpresa. Ela parecia ter voado como um anjo, ficando de pé a seu lado.

— Abaixei isso, Urich! Droga, não me ouviu? Abaixei isso!

Urich a abraçou com força.

— Eva, o que está fazendo aqui? Como você...

— Falaremos sobre isso mais tarde. — Pegou a faca e mostrou-a a todos. — Agora eu quero falar.

Todos ficaram atentos.

— Quem você pensa que é para entrar onde não tem permissão? — indagou Zar.

Apontando a faca para ele, Eva controlou-se e respondeu com frieza:

— Sou a dra. Campbell e quero saber quem você pensa que é para permitir esse tipo de julgamento! Não me diga. Você deve ser Zar. Se fosse mais jovem e possuísse um coração, eu o confundiria com Urich. — Colocou a faca na direção do peito dele. — Estou me perguntando se deveria usar isto.

— Você está louca? — perguntou, curioso.

— Oh, sim, estou louca. De fato, estou tão enlouquecida que você seria muito esperto me explicando por que queria que seu filho se matasse, se apenas nos apaixonamos.

— Nossas leis não são as suas — afirmou, sucinto. Estudando-a, acrescentou: — Seu corpo é muito bonito. Que pena eu ter jurado que não a tocaria, em troca de

Urieh assumir o castigo por seus crimes.

— Apaixonar-se não é crime! Amar seu senso de justiça mais do que a seu filho, isso sim é crime! — Eva apertou a faca e pensou se seria capaz de matá-lo. Nunca imaginara isso, porém, como uma leoa que protege a cria, sabia que não hesitaria em fazê-lo. — Se alguém merece morrer, Zar, esse alguém é você.

— Não estou sendo julgado, e sua opinião não é relevante. Dê a faca a Urich — ordenou. — O julgamento acabou e ele aceitou a pena de morte. Nosso acordo está selado e você já nos atrasou bastante.

Eva lembrou que Urich lhe dissera que ninguém a ouviria.

— Eva — chamou-a Urich. — Eu fiz um trato. Você não pode mudar a sentença. Beije-me, e então vá embora.

Ela sentiu os lábios dele em contato com os seus e toda a paixão que compartilhavam. Então, ele tentou tirar-lhe a arma, mas Eva se afastou num salto, e colocou a faca contra o próprio pescoço.

— Não. Eu me matarei antes de entregá-la a você. Se querem sangue, lhes darei o meu.

— Eva, já basta. Entregue-me a faca. Raven, leve-a para casa.

— Claro.

Raven aproximou-se e Eva ameaçou:

— Se chegar mais perto, corto minha garganta. Quero fazer um novo acordo. Meu acordo. Esqueçam o de Urich.

— Dra. Campbell — ponderou Zar —, não queremos seu sangue. Você não tem nenhuma culpa e não precisa sofrer, nem fazer nenhum trato.

— Um acordo melhor. Um que lhe dará o que quer, e o que eu quero.

— Estou intrigado. Continue.

— Você vai para casa — informou Urich, aproximando-se devagar.

— Isso é entre seu pai e mim. — Temendo que Urich a transportasse de volta, virou-se para Zar: — Quero conversar com você em particular.

Antes que Urich protestasse, Raven interveio:

— Ela também está envolvida nisso tudo. Deixe que tenha a audiência que deseja. É a coisa certa.

Os membros do tribunal concordaram.

— Está bem, é justo.

— Eva, não faça com que me arrependa da sua vinda até aqui — pediu Urich.

Ela sabia que o magoara, pois o enfrentara na presença de todos, e isso era terrível em uma sociedade tão machista.

— Venha, dra. Campbell. — Apesar de Zar não ter lhe oferecido o braço, ela o pegou mesmo assim.

Zar se contraiu diante do inesperado contato, mas Eva ficou firme. Era o início do plano que imaginara. Se Urich desconfiasse de suas intenções, só Deus sabe o que faria.

Ao chegarem a uma sala particular, Eva suspirou aliviada.

— Fiquei surpreso por Urich concordar em se matar — comentou Zar. Relutante, tirou a mão dela de seu braço. — Esse tipo de contato com as fêmeas pode causar uma reação violenta no macho.

Zar indicou-lhe uma cadeira de metal, porém ela preferiu o sofá.

— Sente-se a meu lado.

— Então, Urich tinha razão quando dizia que os humanos gostam de proximidade física. — Zar se sentou na extremidade oposta, e ficou desconfortável quando Eva se aproximou. — Por favor, dra. Campbell...

— Chame-me de Eva. Não temos muito tempo, então deixemos as formalidades de lado e voltemos aos negócios.

— Ah... sim, o acordo. — Ele ficou assustado quando Eva acariciou-lhe a coxa. — O que você está fazendo?

— Este é o trato. Você quer filhos. Eu posso lhe dar. Estou aqui e quero fazer o bebê agora mesmo.

— Dra. Campbell...

— Eva — sussurrou, sedutora.

— Eva, você precisa parar com isso. Não é... aceitável.

— Quem se importa? Você não quer a continuidade de sua raça?

— Claro, mas... — Zar gemeu quando ela mordiscou-lhe a orelha.

— Posso ajudá-lo, Zar. Liberte Urich e lhe darei os filhos que deseja. No entanto, deverá permitir que eu os crie e os ensine os valores emocionais do meu povo. Podemos ensiná-los também o lado da lógica, dividindo o tempo entre nossos dois mundos.

— Como pode dizer que ama meu filho e o trai, colocando as mãos em mim dessa maneira?

— Apenas o amor leva alguém a atos desesperados. É o que estou fazendo. Farei qualquer coisa para salvá-lo, mesmo que signifique vender minha alma e entregar meu corpo, por um homem que jamais me perdoará. — Eva forçou-se a acariciá-lo entre as pernas, local que não deveria ter sido tocado por muitos anos, a julgar pelo gemido que emitiu. Ela retirou a mão e continuou a negociar: — Faça o acordo, Zar. Fique comigo e deixe-o ir.

— Urich morreria do mesmo modo. Não suportaria vê-la comigo.

— Por que se incomoda?

— Eu... não sei. Isso é contra nosso código de honra e parece-me errado.

Com desespero, ela continuou com seu plano, aproximando-se mais.

— Vê? Você sente alguma coisa. Sinta-me, Zar. — Pegou a mão dele e colocou sobre seu seio. — Sinta como é desejar algo, ou alguém, com tanta força que mesmo parecendo-lhe errado você não consegue resistir.

— Ajude-me — pediu. — Remova minha mão. Não posso. Nunca toquei nada parecido.

— Urich também tentou resistir, mas não teve chance. Então como se sente? Como é estar na posição dele?

— É horrível. Maravilhoso.

— Oh, sim, é. Se pode entender o que ele passou, não pode ter piedade?

— Você está me torturando. Por que faz isso?

— Porque nosso tempo está terminando e você precisa tomar uma decisão. — A resposta foi um aperto no seio dela. Eva continuou o jogo, procurando comprometê-lo

— Veja o que está sentindo. Abra os botões.

Com os dedos trêmulos, Zar expôs o seio esquerdo.

— Você o deseja, e também a mim.

— Sim... sim.

— E aceitará o melhor acordo, certo?

O olhar dele era tão faminto e carente, que Eva quase teve pena.

— Sim, qualquer coisa. Aceitarei qualquer coisa por você. — Com um gemido, inclinou-se para beijar o que tinha nas mãos.

Antes que a alcançasse, Eva ficou de pé e ergueu a camisola até a altura das coxas.

— O que está fazendo?

— Mantendo minha parte no trato. Estou nua sob a camisola e estou pronta. Abaixei a calça e faremos agora mesmo. Vamos, o que está esperando? Você ainda se lembra como é ou terei de lembrá-lo?

A pergunta ríspida causou a reação esperada em Zar.

— Estou esperando — zombou Eva. — E também nos esperam o tribunal e Urich. Considerando que quer possuir a mulher dele, acho que pode ficar muito aborrecido.

— Você me enganou!

— Apenas joguei seu jogo. Agora, sobre nosso acordo...

— Não. Não haverá acordo.

— Oh, não? Ouvi quando você disse que aceitaria qualquer coisa por mim. De acordo com suas leis, uma vez feito o acordo, não se pode mudar o que foi dito.

Entretanto, você desfez o trato com Urich em troca do meu. Mesmo que eu retorne ao meu planeta, nosso acordo continuará valendo. A menos que volte atrás outra vez.

— Como pude chegar tão perto de trair meu povo? Urich poderia ter exigido minha morte, e não haveria esperança para nós.

— Ele ainda pode — argumentou, continuando seu plano, apesar da simpatia que começava a sentir por ele. — Se eu sair daqui assim, ele irá atacá-lo e ninguém o culpará por isso. Zar, suas leis precisam de mais flexibilidade. Sem mencionar um pouco menos de lógica e muito mais humanidade.

Zar considerou o comentário e concordou.

— Não somos como sua gente — ponderou ele.

— São parecidos o suficiente para agirem guiados por algo diferente do cérebro. — Eva notou que ele enrubesceu. — Sabe, acho que há esperança para você.

— Não se você aparecer com a camisola aberta. Minhas sinceras desculpas.

— Eu poderia mudar de idéia.

— Como?

— Esqueça os outros acordos. Farei uma proposta irrecusável. E você vai adorá-la.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Onde estariam eles?, indagava Urich, numa fúria silenciosa. Como sua própria mente estava tumultuada, não conseguia vê-los, ou perceber seus pensamentos.

Se Zar a tocasse, antes de se suicidar mataria o pai. Teria todo o direito. Contudo, seria justo que sua raça fosse extinta? Eva o fizera ver as coisas numa perspectiva diferente. E mesmo que ela também conseguisse mudar a opinião de Zar, ainda assim lhe pertencia. Urich deveria estar morto nesse momento, entretanto, Eva surgiu rugindo como uma leoa, causando-lhe orgulho, enquanto os outros machos o olhavam com inveja. Nesse instante, ainda mantinham o olhar fixo na porta por onde

Eva e Zar passaram.

De repente, os dois apareceram, e Eva vestia um traje krôniano bastante justo. Todos se levantaram e fizeram uma reverência a ela, como se fosse a rainha do universo.

Urich controlou-se para não se atirar sobre o sorridente Zar e afastar Eva do braço de seu pai. Ela também sorria, exultante.

Aproximaram-se, e Zar estendeu a mão ao filho.

— Ela é sua. Você está livre. Vamos apertar as mãos?

— Ouvirei o acordo primeiro — afirmou, desconfiado.

— Como Eva disse, ela ficará com o que quer, e eu terei o que quero. É um trato que não pude recusar. Concordei, certo de que o tribunal também se emocionaria com o que ofereceu.

— Você nunca se emocionou nem um dia de sua vida — comentou Urich, alarmado. — Não gosto que trate minha mulher com tanta intimidade.

— Mas ela será minha nora. Não é, minha querida?

— Com certeza — confirmou. — Após algumas formalidades para acertarmos tudo, Zar deseja nos acompanhar a Vega para o casamento. E Raven, você poderia ser nosso padrinho?

— Claro... ficarei honrado.

Eva olhou para Urich e pediu-lhe, com todo o amor:

— Aperte a mão de seu pai, Urich.

— Eu estava errado. — Zar segurou a mão do filho entre as suas. — Perdoe-me por meus crimes contra você e sua mulher, Urich.

Crime contra Eva?, pensou Urich.

— O que aconteceu lá dentro?

Zar e Eva trocaram um olhar de cumplicidade, antes que ele respondesse:

— É muito simples. Ela me fez compreender a virtude da força de uma mulher, e o raro tesouro que é ser amado tão profundamente como Eva o ama. E também os

benefícios de um compromisso.